

500
anos

O ESTADO DE S. PAULO

HCTRΦ 177

D₁

CADERNO 2

ANO XV NÚMERO 4.842 □ SÁBADO, 22 DE ABRIL DE 2000

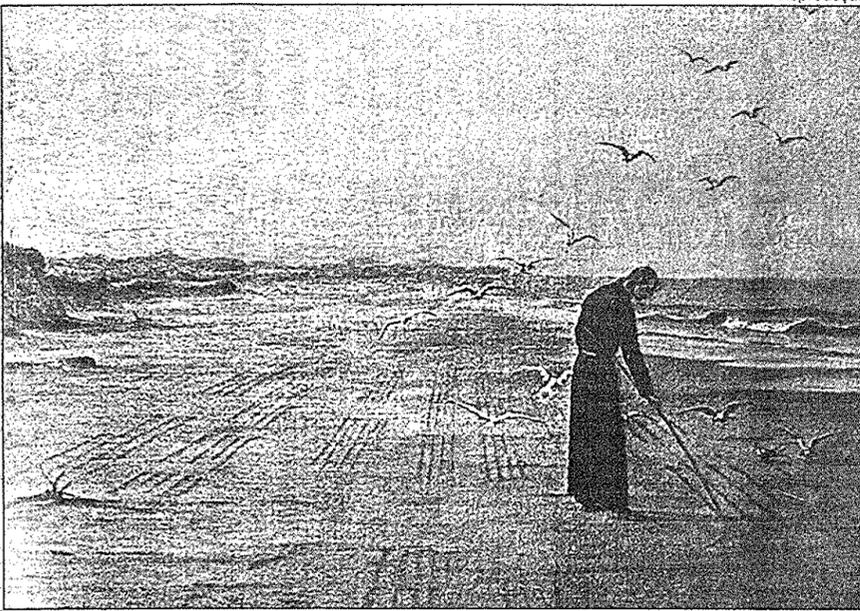
BRASIL COMEMORA OS 500 ANOS DA CHEGADA DE CABRAL

Há exatamente cinco séculos, em 22 de abril de 1500, ouviu-se na nau capitânia de Pedro Álvares Cabral o famoso grito de 'Terra à vista' que as crianças do Brasil aprendem com as primeiras letras. Nesta edição especial do 'Caderno 2', a festa do chamado Redescobrimento dá o tom. Uma série de reportagens aborda questões como a defesa da dignidade dos índios, os shows comemorativos no Brasil e no exterior, o avanço do turismo em Porto Seguro e a inauguração da grande 'Mostra do Redescobrimento', no Parque do Ibirapuera, também batizada de Bienal dos 500 Anos

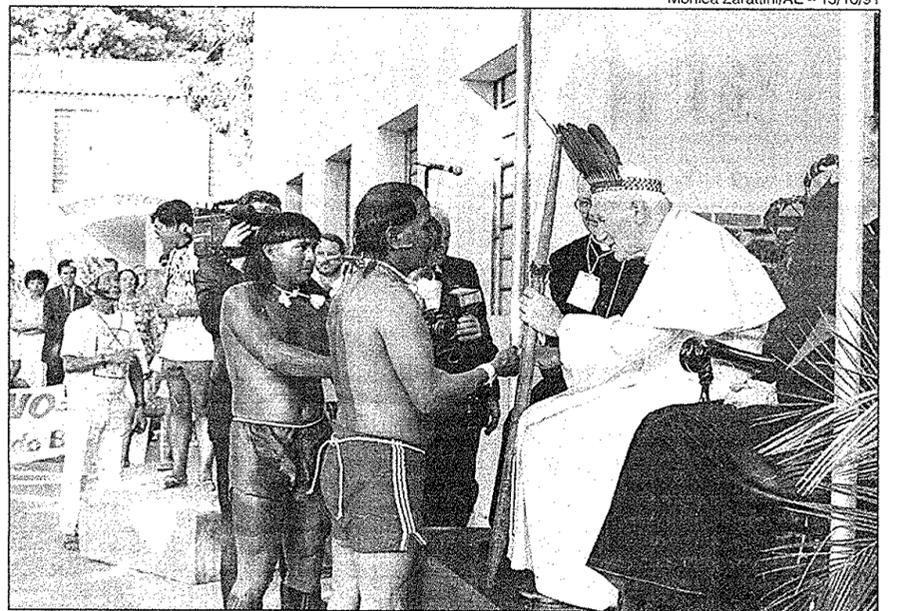
TERRA À VISTA

Reprodução

Mônica Zarattini/AE - 15/10/91



'Anchieta escrevendo na praia': pintura a óleo de Benedito Calixto homenageia jesuíta



Papa João Paulo II, em visita ao Brasil: encontro com principais representantes indígenas

Bispos pedem perdão pelos erros do passado

Entidades religiosas defendem atualmente a recuperação da dignidade dos índios

ROLDÃO ARRUDA
Enviado especial

PORTO SEGURO - A frota de Pedro Álvares Cabral, a mais poderosa que Portugal jamais colocara em ação para singrar o Oceano Atlântico, contava com oito frades.

Chefiados por frei Henrique Soares de Coimbra, franciscano que celebraria a missa inaugural em solo brasileiro, no dia 26 de abril de 1500, eles foram os primeiros missionários católicos a pisar na terra habitada pelos indígenas. Logo depois viriam outros, para anunciar a boa nova, o evangelho, em uma empreitada que agora completa 500 anos. É uma história repleta de contradições. No esforço para salvar a alma do índio, os missionários acabaram contribuindo para a sua destruição. Por outro lado, foram tolerantes com a vergonhosa escravidão dos negros.

Hoje os pregadores católicos têm atitudes completamente diferentes. O Conselho Indigenista Missionário (CIMI), vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), defende a recuperação da dignidade dos índios, estimulando-os até a invadir terras que pertenceram a seus antepassados. Com recursos de organizações estrangeiras, principalmente da Europa, também os ajuda a recuperar parte da cultura que os antigos missionários ajudaram a destruir.

Nenhuma outra instituição não oficial faz esse trabalho de maneira tão intensa e radical quanto o CIMI. É como se fizessem um ato de remissão, na prática. Mas isso ainda não basta, na opinião dos bispos brasileiros. Durante as comemorações dos 500 anos da chegada do

evangelho à terra brasileira, eles pretendem pedir publicamente perdão aos índios pelos erros do passado.

O mea-culpa será feito durante a assembléia anual da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que neste ano será realizado em um moderno centro de convenções em Porto Seguro, a poucos quilômetros da praia do ilhéu da Coroa Vermelha, o local onde foi montado o altar para a primeira missa. O texto provisório da mensagem da assembléia, que ainda está sendo discutido pelos bispos, diz: "Sem pretender culpar nossos antepassados, sentimos a necessidade de pedir perdão daquilo que, objetivamente, foi contra o Evangelho e feriu gravemente a dignidade humana de muitos irmãos nossos, especialmente os índios, aos quais foram retiradas as terras, a vida e até mesmo a razão de viver..."

O texto não deixa claro quem eram esses antepassados. Mas, se os bispos estiverem se referindo aos primeiros padres que para cá vieram, nos séculos 16 e 17, podem estar comendo um engano. Quem chama a atenção para isso é o professor Alcir

Pécora, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Doutor em teoria da literatura e estudioso dos escritos do período colonial, especialmente os de autores jesuítas, ele afirma que a Igreja não tem motivo para se desculpar por eles. Afinal, no debate da época sobre a questão indígena, eles defendiam as posições mais avançadas que existiam em todo o mundo intelectual.

Consciências distintas - O pedido de desculpas da CNBB contém um grave anacronismo do ponto de vista histórico, na opinião do professor. "É como se exigissem daqueles missionários, em relação ao índio e ao negro, a consciência democrática que o homem ilustrado viria a



'Instalação da Cruz em Porto Seguro': obra de Pedro Peres

ter muito tempo depois", diz. "Não dá para exigir que Nóbrega, Anchieta, Vieira e outros tivessem se comportado como se a Revolução Francesa já houvesse ocorrido e a sociedade já fosse organizada de forma democrática." A análise da atitude dos missionários deveria estar ligada a categorias de época. Pécora lembra que havia uma enorme pressão para que o índio fosse escravizado. Falava-se que o Brasil não seria viável, enquanto projeto colonial, sem o uso dos indígenas como escravos. Mas os missionários, especialmente os jesuítas, sempre se opuseram a isso.

"Embora houvesse divisões internas entre eles, assim como há hoje no episcopado, predominava a forte oposição a qualquer tentativa de escravização." Em relação à destruição da cultura indígena é preciso entender, segundo Pécora, que os missionários agiam em função do princípio da salvação da alma - e para eles não existia salvação fora da Igreja.

"Não se pode imaginar que eles falassem em respeito à cultura do 'outro', porque esse conceito nem existia. Havia o 'próximo', que não podia ser destruído, nem escravizado, e tinha o direito de ser salvo, integrado hierarquicamente ao corpo místico da Igreja".

Do ponto de vista da natureza, o jesuíta considerava o índio tão capaz de ser salvo quanto qualquer outra pessoa. Não se

tratava de um ser inferior, como se afirmava na época. "Ele era o resultado do mesmo efeito da criação divina. Não havia uma diferença de natureza. O que os diferenciava era uma segunda natureza, viciosa, de costumes, que era preciso combater, permitindo que, com o tempo, aparescesse a primeira natureza, criada por Deus." Tratava-se de uma atitude radicalmente moderna. Nas cruzadas, tudo que se pretendia aniquilar os mouros e suas heresias, enquanto que no caso do índio desejava-se salvá-lo. A qualquer custo. O padre Manoel da Nóbrega, no século 16, chegou a defender a subjugação e o confinamento dos índios, para poder convertê-los de maneira mais eficiente. "Ele achava praticamente impossível evangelizar o índio em seu próprio meio, porque eram nômades, ficavam pouco tempo no mesmo lugar." Mais tarde, outros pregadores, especialmente o padre Antonio Vieira, no século 17, iriam combater duramente a idéia de subjugação, afirmando que a conversão deveria ocorrer sem a interferência do poder político local e à distância do homem branco. Foi daí que surgiram as áreas de missões, que chegaram a ter seus próprios governos, sob a orientação católica.

No caso dos negros, a Igreja tinha outra posição. O mesmo Vieira que combateu a escravidão do índio defendeu a entrada de escravos negros no Maranhão. Na opinião do professor Pécora, a diferença de atitude também está ligada à cultura da época. A escravização do negro já havia sido assimilada pela Europa e era aceita sem problemas, enquanto que a do índio ainda era objeto de discussão. Por outro lado, havia a questão do tráfico, que envolvia interesses de vários países e estava fora do alcance da interferência dos jesuítas que atuavam no Brasil.

Brutalidade - Pécora considera um erro pedir perdão em nome dos missionários. Admirador do padre Vieira, que considera um dos três grandes artífices da língua portuguesa, ao lado de Luís de Camões e Fernando Pessoa, o estudioso chega a sugerir que os atuais bispos nem possuem estatura intelectual para criticá-lo.

A visão apresentada pelo professor da Unicamp é polêmica. A historiadora Maria Aparecida de Aquino, da Universidade de São Paulo (USP), discorda dele e afirma que pedidos de perdão não bastariam para redimir os missionários. Em sua opinião, a catequese foi uma brutalidade inimaginável, sustentada pela idéia de que, apesar de serem humanos, criados por Deus, os índios faziam parte de uma categoria inferior. "Arrogantemente, por se considerarem superiores, os catequizadores subjugavam os índios para ensiná-los a cantar em latim." Na escala hierárquica imaginada pelos missionários, os negros ficavam em um patamar tão inferior que nem eram dignos de ser salvos.

Diante da análise feita pelo professor Pécora, a estudiosa da USP chama a atenção para dois riscos. O primeiro é o de se procurar compreender determinados momentos históricos utilizando apenas textos da época. A erudição, a sabedoria exibida nos textos dos jesuítas não anulava a violência que era cometi-

da cotidianamente contra os indígenas. O segundo risco residiria na tentativa de se imbuir dos valores de cada época para analisá-la. Além de quase impossível, trata-se de uma missão temerária, segundo a professora. "Se agirmos assim, podemos começar a procurar os valores, o sentido filosófico sobre o qual se assentava o horror do nazismo e acabar encontrando uma justificativa para ele." O jesuíta João Batista Libânio, um dos teólogos mais respeitados no meio católico brasileiro e formador de novos padres, em Belo Horizonte, considera a comparação com o nazismo inadequada. Lembra que os nazistas sabiam, desde o primeiro momento, que a criação dos campos de concentração era um ato condenável - e por isso tiveram o cuidado de escondê-los ao máximo. "Em pleno século 20, ninguém mais duvidava que aquele ato era injusticável", afirma o teólogo. No caso da catequese dos índios, no século 16, vigoravam outros conceitos. "Foram necessários séculos para se com-

preender a violência praticada contra a cultura indígena." O teólogo lembra ainda que os missionários faziam parte do projeto expansionista lusitano. O padre Vieira defendia de maneira vigorosa a colonização, o que explica em parte o fato de ter sido tolerante com a escravidão do negro. "Ele dizia que sem Angola não haveria Brasil", afirma Libânio.

Quando o mea-culpa dos bispos, o jesuíta acha que deve ser feito de maneira genérica, sem referência a nomes de pessoas, como Nóbrega, Anchieta ou Vieira. "Não há dúvidas de que foram cometidos erros durante o processo histórico; não somos absolutamente inocentes, nem absolutamente culpados", afirma. "A Igreja participou desse pecado do mundo e, na comunhão solidária, tanto no bem como no mal, deve fazer um pedido de perdão."

**ESCRavidão
NEGRA NÃO
ERA
CONTESTADA**

500
anos

JOSÉ DE ANCHIETA

Evangelizador, mestre-escola, enfermeiro, literato, comediógrafo, guerreiro, refém, herói e estrategista. Em 25 anos de trabalho no Brasil, o jesuíta José de Anchieta deixou a marca da sua presença em quase tudo: ajudou a fundar São Paulo e o Rio de Janeiro, foi precursor da literatura brasileira e por duas vezes foi combatente. Na primeira, defendeu São Paulo de Piratininga de ataques tamoios e, na segunda, combateu os franceses ao lado de Estácio de Sá. Nessa guerra, para evitar perdas de vida, ofereceu-se como refém aos índios tamoios (aliados dos franceses) e conseguiu que os ajustes de paz chegassem a bom termo.

Nascido na ilha de Tenerife, nas Canárias, em 1534, Anchieta chegou ao Brasil com a Companhia de Jesus, aos 19 anos. Assistiu, em 1554, à primeira missa celebrada no Pátio do Colégio do Planalto de Piratininga, onde lecionou latim, castelhano, doutrina cristã e língua brasileira. Escreveu duas obras especializadas: *Gramática da Língua Brasileira* e *Vocabulário Tupi-Guarani*. Foi autor ainda de mais de quatro mil versos escritos nas areias de Iperoig, em louvor à Virgem Santíssima. Trabalhou no Rio, Bahia e Espírito Santo, onde morreu em 1597.



MANUEL DA NÓBREGA

Português, é considerado o primeiro missionário jesuíta no Brasil e tem seu nome ligado às cidades de Salvador, São Paulo e São Sebastião do Rio de Janeiro, por onde passou. Chegou ao País em 1549, acompanhando a armada de Tomé de Souza, que vinha fundar o governo geral do Brasil. Era contrário à escravização dos índios, mas partidário de sua subjugação e confinamento, para que fossem mais bem catequizados. Solicitou ao rei de Portugal, d. João II, a criação de um bispado no Brasil, para ganhar autoridade na luta contra a pressão dos colonos.

Foi o principal conselheiro da Companhia de Jesus para assuntos brasileiros durante quase duas décadas, mesmo depois de ter deixado o cargo de provincial da congregação. Sua figura tem sido esquecida pela Igreja, hoje empenhada na canonização de outro jesuíta, José de Anchieta. Em 1554, assistiu à primeira missa celebrada no Pátio do Colégio, local do Colégio do Planalto de Piratininga, fundado por Anchieta. Escreveu as obras *Informações das Terras do Brasil*, *Cartas da Bahia e de Pernambuco*, publicadas em Veneza. Morreu em 1570, no Rio de Janeiro.



PADRE VIEIRA

Nasceu em Lisboa, em 1608, e morreu em Salvador, em 1697. Deixou Portugal ainda menino, acompanhando os pais imigrantes. Estudou no Colégio dos Jesuítas, em São Salvador da Bahia de Todos-os-Santos, ordenando-se padre em 1635. De seus 89 anos, passou 52 no Brasil, pregando na Bahia e no Maranhão.

Adulto, voltou a Portugal, onde pregava na corte, em Lisboa, e atuava politicamente, na mão contrária da Igreja Católica local, favorável à expulsão dos judeus e cristãos-novos (e da riqueza acumulada por eles) da Península Ibérica. Essa posição lhe custou uma condenação da Inquisição, que o levou a Roma. Lá passou três anos tentando rever a pena e pregando sempre. No fim da vida, voltou ao Brasil, onde viveu mais 18 anos, dedicando-se aos seus escritos, já que estava proibido de manifestar publicamente. Além de missionário e pregador, foi político, diplomata, conselheiro de reis. Hoje é festejado como o mais extraordinário fenômeno cultural luso-brasileiro século 17. Os textos de seus sermões possuem notável qualidade literária. Combateu vigorosamente as tentativas de escravização do índio, mas não mostrou o mesmo empenho contra a escravidão dos negros.



COIMBRA

Frade franciscano, nascido em Coimbra, no ano de 1472, celebrou a primeira missa no território brasileiro. A cerimônia foi ao ar livre, em um ilhéu atualmente denominado Coroa Vermelha - por causa de sua forma em arco e da cor avermelhada que a areia adquire sob os raios solares. No sermão, tratou do sinal-da-cruz, declarando que a terra descoberta passaria a se chamar Vera Cruz. Seu nome de batismo era Henrique Soares, mas mudou-o para Henrique de Coimbra quando foi ordenado, de acordo com as normas da Ordem de São Francisco. Ele já havia participado, entre 1497 e 1499, da comitiva de Vasco da Gama, em sua viagem à Índia. Mais tarde participou de articulações para organizar cruzadas contra os mouros. Foi sagrado bispo em 1505. Morreu na cidade de Olivença, no ano de 1532.

Avanço do turismo ameaça trabalho arqueológico

Construção de estradas e prédios pode destruir sítios com antigos objetos indígenas

ROLDÃO ARRUDA
Enviado especial

PORTO SEGURO - Nos anos 70, os turistas brasileiros começaram a redescobrir a costa histórica brasileira - um trecho de quase 90 quilômetros de praias, no sul da Bahia, cuja principal cidade é Porto Seguro, local onde os portugueses desembarcaram há 500 anos, abasteceram suas naus e zarparam em seguida, rumo à Índia. De lá cá, a região tem passado por transformações incessantes, que vão ser aceleradas.

O principal indicador disso é a construção da BA-001, com a qual o Departamento de Estradas de Rodagem da Bahia (Derba) interligará todas as praias, facilitando o fluxo turístico. A região assemelha-se a um imenso canteiro de obras, com operários trabalhando na instalação de redes de energia elétrica, telefone, água, esgoto. Os empresários que têm negócios voltados para o turismo adoram.

Mas, os arqueólogos estão de cabelo em pé. Eles temem que, com mudanças tão radicais, um dos pedaços antigos da história do País acabe soterrado para sempre. Afinal, trata-se de uma área riquíssima em sítios arqueológicos, cada vez mais ameaçados.

Nesse momento, uma equipe de pesquisadores do departamento de antropologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) encontra-se na região, com o objetivo de evitar que a tragédia se consuma. Sua missão é mapear o máximo possível de sítios arqueológicos, garantindo sua preservação e permitindo que outros pesquisadores, no futuro, possam estudá-los com tranquilidade. Até agora já localizaram 40 desses sítios, cujo tombamento está sendo providenciado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Mas ainda há muito por vir.

Em Porto Seguro, município com uma área 3 mil quilômetros quadrados, duas vezes maior que a de São Paulo, o quintal de cada casa da parte baixa da cidade e o pasto de cada propriedade rural podem conter sítios arqueológicos. Os locais apontados pelos pesquisadores contêm materiais que ajudam a contar a história do Brasil desde antes da chegada dos portugueses.

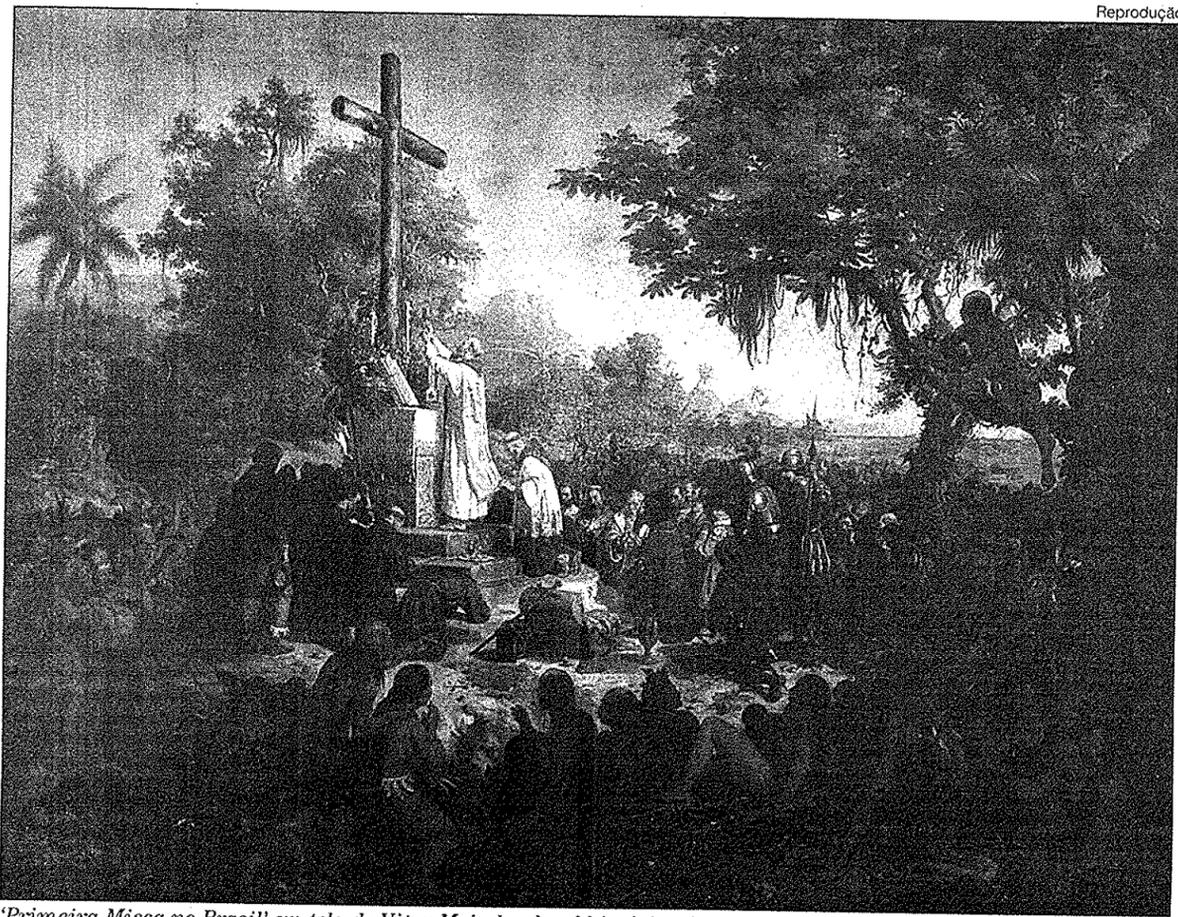
Funerária indígena - Atrás da igreja católica de Trancoso, praia paradisíaca localizada no município de Porto Seguro, encontrou-se uma funerária indígena que, após ter sido analisada na Faculdade de Tecnologia da Universidade de São Paulo (USP), revelou ter 650 anos de existência. Foi elaborada pelos índios aratu, que viveram na região muito antes do grupo tupiniquim com o qual Cabral e seus marujos confraternizaram.

Os pesquisadores da UFBA chegaram à região há quatro anos, a convite do Derba, para executar um tipo de trabalho que até então nunca havia sido feito na Bahia: a análise do terreno por onde passaria a rodovia.

Atuando como uma espécie de batidores das motoniveladoras, eles identificaram três sítios arqueológicos no traçado original da estrada, o que obrigou os engenheiros a criar desvios. Hoje executam um serviço semelhante para a Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa), que movimentando escavadeiras em Trancoso, Porto Seguro e Arraial d'Ajuda.

O Núcleo Avançado de Pesquisas Arqueológicas (Napas), de Porto Seguro, é coordenado pelo arqueólogo argentino Carlos Etchevarne e sobrevive com o dinheiro pago pelas empresas e recursos públicos do Iphan.

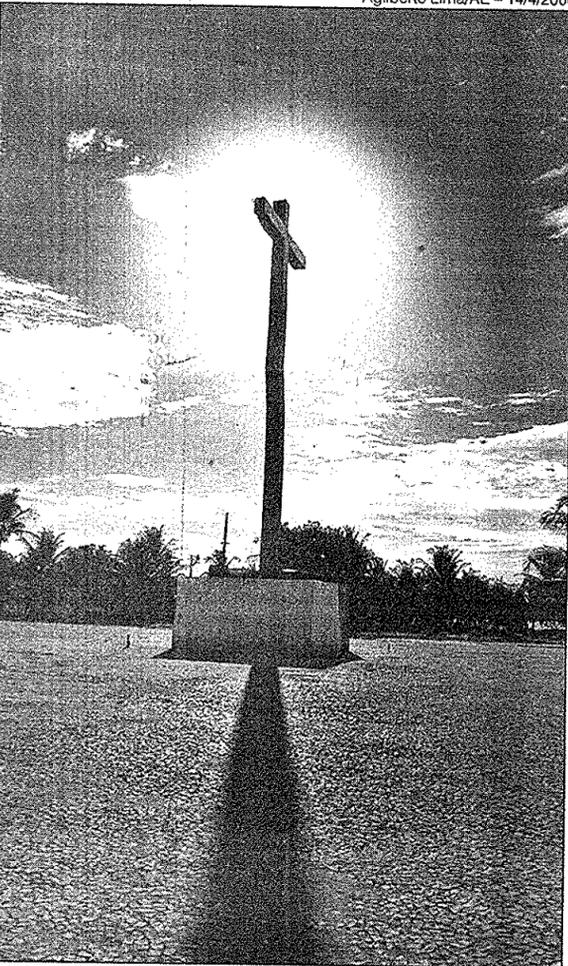
Funciona num conjunto de três sobrados alugados pela UFBA na parte baixa de Porto Seguro. Ali acumulam-se centenas de pequenas caixas de plástico azul, com o material que está sendo recolhido nas investigações e catalogado. Cada uma delas contém uma pequena surpresa, um pedaço de uma história que começa antes da chegada



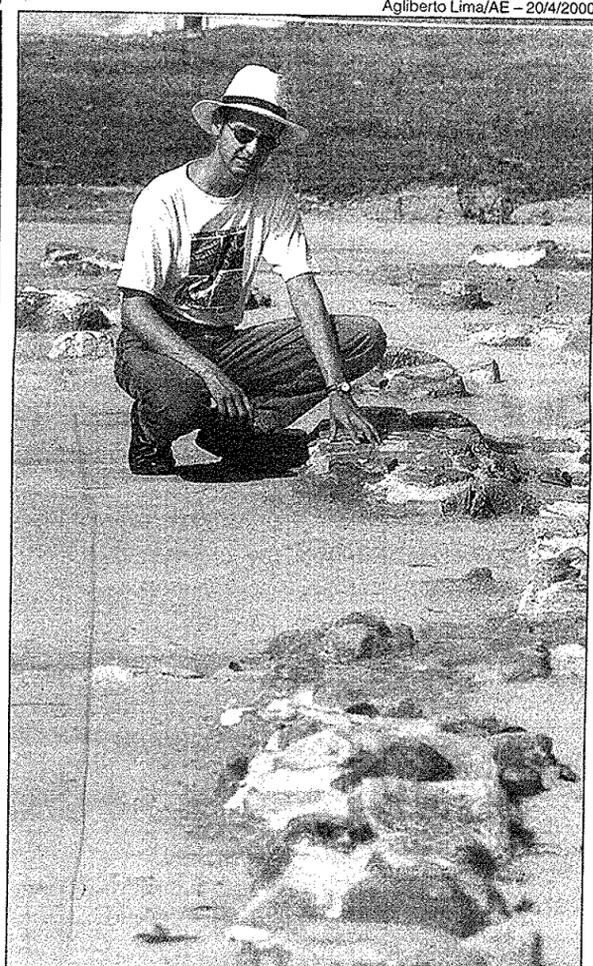
'Primeira Missa no Brasil' em tela de Vitor Meireles: local histórico é ameaçado pelo acúmulo de obras e construções

Agliberto Lima/AE - 14/4/2000

Agliberto Lima/AE - 20/4/2000



Cruz em aço, na Coroa Vermelha: local da primeira missa



Luiz Augusto do Nascimento: arquiteto exhibe ruína histórica

Agliberto Lima/AE - 20/4/2000

Pesquisadores recuperam primeira igreja brasileira

Edificação, destruída em 1955, apresenta poucos vestígios e documentos incertos

PORTO SEGURO - Desde o fim do ano passado, a equipe do Núcleo Avançado de Pesquisas Arqueológicas (Napas) está realizando pesquisas arqueológicas em um local conhecido como Outeiro da Glória, no alto de uma falésia da cidade de Porto Seguro. Ali teria sido construída, no interior de uma feitoria portuguesa, o que se acredita ser a primeira igreja no Brasil, devotada a São Francisco de Assis.

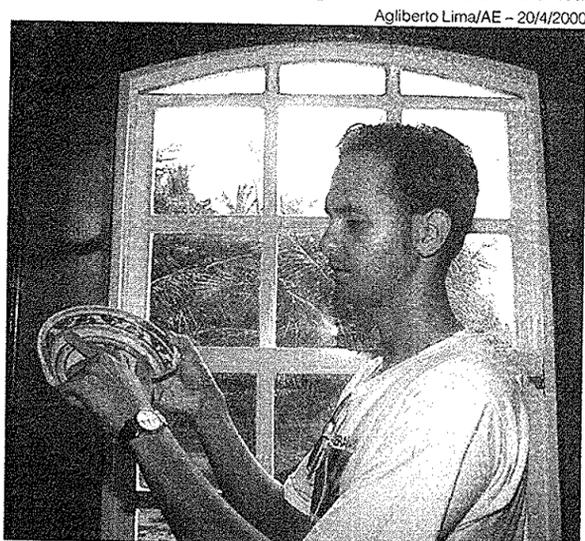
Os pesquisadores encontraram o pedaço de uma coluna de pedra que, segundo se acredita, teria feito parte da torre do sino da igreja. Mas, até o momento, esta foi a única descoberta. Os pesquisadores acreditam que a possibilidade de se confirmar cientificamente

que ali ergueu-se o primeiro templo cristão do Brasil é remotíssima.

Em primeiro lugar, porque a documentação à disposição e que trata a respeito do assunto é incerta. E, em segundo, porque o sítio já foi alvo de sucessivas depredações. Na última delas, em 1984, máquinas pesadas escavaram o local, destruindo os últimos vestígios das paredes de terra da igreja.

De acordo com informações coletadas pela Universidade Federal da Bahia, a igreja teria sido construída em 1503 e destruída em 1505, durante um ataque indígena. Reerguida em 1515, permaneceu em uso até cerca de 1730. Por estar muito danificada, os moradores decidiram então construir outra igreja, no centro de Porto Seguro, para onde foi transferida a imagem de São Francisco.

Depredações - Os pesquisadores sabem, graças a fotogra-



Nascimento com prato de faiança portuguesa: bem resgatado

fias da época, que uma parte da antiga igreja permaneceu em pé até 1955. Este foi o ano em que começou a ser alvo de inúmeras depredações, que impedem atualmente os pesquisadores de determinar até a provável planta do edifício que havia no local.

No momento, a equipe do Napas tem uma tarefa metódica: dedica-se a limpar, analisar e catalogar todo o material que está sendo recolhido no local. Sua meta imediata é tentar remontar a coluna de alvenaria

de pedras da torre do sino que foi encontrado no final do ano passado, além de continuar levantando mais informações para saber se aquela foi mesma a primeira igreja construída no Brasil.

No local, que atualmente faz parte de um condomínio em construção, existe hoje uma cruz de madeira, sob a qual alguns moradores costumam reunir-se para rezar e acender velas Lá do alto do morro, a vista da imensidão atlântica é comovente. (R.A.)

500 anos

de Cabral e vai até o início deste século.

Pode-se encontrar uma escova de dentes feita de osso, com orifícios para o encaixe de pelos de porco, que eram usados como cerdas. Botões de osso. Moedas de diversas épocas, vidros e, principalmente, cacos de cerâmica. A indígena é frequentemente decorada com uma rica variedade de motivos geométricos. A inglesa, que predominou no País no século 19, exibe um estado de conservação surpreendente.

O arquiteto santista Luiz Augusto Viva do Nascimento, que chegou a Porto Seguro há quatro anos, contratado pela UFBA, explica que cada quinquilharia daquelas ajuda a compreender como viveram os antigos brasileiros. Enquanto fala, ele pega um pedaço de cerâmica vidrada, que é frequentemente encontrada em Porto Seguro, mas cujo centro de produção ficava no Recôncavo Baiano, a 650 quilômetros de distância daqui: "Isso é um indicativo de que já existia algum tipo de comércio entre as duas regiões nos séculos 16 e 17."

O historiador e arqueólogo Tadeu Cardoso, outro integrante da equipe, diz que a população aos poucos está despertando para a questão da preservação do patrimônio. "Organizamos cursos, palestras, conversas com os moradores daqui e os resultados já estão aparecendo", diz ele.

Urna de 650 anos - "É crescente o número de pessoas que nos ligam para dizer que encontraram algum artefato durante a realização de alguma obra, para denunciar a destruição de objetos para pedir informações." Na opinião de Cardoso, os bons resultados do trabalho do Napas devem-se em grande parte ao apoio dos moradores locais. A urna indígena de 650 anos, que atualmente se encontra exposta em Salvador, por exemplo, foi encontrada por um funcionário da Prefeitura de Porto Seguro, quando fazia um buraco para plantar uma árvore. "Ele já conhecia o nosso trabalho e, depois de cuidar para quem ninguém tocasse no objeto, ligou para nos avisar."

Apesar da correria e do interesse atual, o trabalho de mapeamento está começando com pelo menos 30 anos de atraso. Muita coisa já se perdeu em função de obras públicas e negócios imobiliários. Em Santa Cruz Cabralia, que fica ao lado de Porto Seguro e que também faz parte da área de pesquisas do Napas, existe um lugar chamado Sítio do Mirante, no qual surgiu um bairro há pouco mais de duas décadas. Descobriu-se agora que debaixo dele existem vestígios de uma aldeia tupi construída há 450 anos. Se tivesse sido feito um estudo arqueológico antes do loteamento, a área teria sido salva. Hoje é impossível.

Mas, mesmo com a destruição já ocorrida, os pesquisadores acreditam que a área na qual teve início a colonização do País ainda tem muito a oferecer. "Tanto na zona rural, na qual nem começamos a trabalhar, quanto na zona urbana ainda existem muitas áreas riquíssimas para a pesquisa", diz Nascimento.

Ela dá como exemplo uma série de estruturas de antigas construções que estão surgindo no centro de Santa Cruz Cabralia. Por meio delas já é possível definir o traçado da antiga vila que os portugueses haviam construído no local. É mais um pedaço da história do País que escapa da chegada do avanço dos turistas.

Na verdade, esses novos descobridores ajudaram indiretamente a salvar um pouco da história de Porto Seguro. Foram eles que atraíram as empresas que estão realizando e que pagam as pesquisas da UFBA.

Quem era, afinal, Pedro Álvares Cabral?

Não se sabe ao certo quando nasceu, qual a sua formação e por que comandou a esquadra

JAIR RATTNER

Especial para o Estado

LISBOA – Apesar dos inúmeros estudos, a vida do descobridor do Brasil é cercada de mistério. Desde a data exata em que Pedro Álvares Cabral nasceu até se os ossos do navegador realmente se encontram no túmulo da Igreja da Graça de Santarém, não há certeza nenhuma.

“Pode-se imaginar algumas coisas, mas não se sabe de nada”, afirma o historiador Joaquim Romero de Magalhães, presidente da Comissão de Comemoração dos Descobrimientos Portugueses.

Um dos poucos dados que se têm a respeito do descobridor do Brasil é que teria vindo para a Corte ainda adolescente. “Na Corte, os jovens eram educados, recebendo instrução em latim, leitura e escrita; existe um documento que afirma que ele e o irmão recebiam uma pensão real de 26.000 réis, a partir dos anos 80 (1480)”, diz Romero de Magalhães, que calcula que nessa época Pedro Álvares teria entre 14 e 15 anos.

Durante toda sua vida, o navegador era conhecido como Pedro Álvares de Gouveia, ficando com o sobrenome da mãe. Seu irmão mais velho, João Fernandes Cabral, herdou todas as propriedades e o título de senhor da Vila de Belmonte, segundo o costume do morgadio – para evitar divisões das terras e enfraquecimento do poder familiar, o mais velho ficava com tudo.

Também fica envolta em dúvidas a formação de Pedro Álvares Cabral e se já tinha embarcado alguma vez antes de comandar a esquadra que partiu para o Brasil. “É natural que ele tenha servido em empreendimentos régios, no norte da África, onde teria aprendido o uso das armas”, acredita Romero de Magalhães.

Para os historiadores, a grande dificuldade é que não há documentos sobre navegações portuguesas entre o final da viagem em que Bartolomeu Dias dobrou o Cabo da Boa Esperança, no sul da África, em 1488, e a partida de Vasco da Gama para a Índia, nove anos depois.

Ocupação – No fim do século 15, estabeleceu-se o domínio português sobre a costa africana. “Não há documentos sobre toda uma exploração do Atlântico Sul que deve ter sido muito intensa, nesse período”, diz Romero de Magalhães. “Foi nessa época que começou a ocupação da Ilha de São Tomé, que, pela sua situação geográfica, poderia funcionar como um laboratório no Atlântico e um centro de novas expedições, além de ser um entreposto de escravos”, completa.

O historiador Alfredo Sarmago acredita que uma das possíveis razões para a inexistência de documentos foi o objetivo de manter o controle dos dados sobre o domínio dos mares. “Havia normas que condenavam à morte os marinheiros que contassem onde tinham estado e como haviam chegado a esses lugares”, lembra.

Nessa época, a Coroa portuguesa tinha o monopólio de quatro itens do comércio africano: o ouro, a prata, o marfim e os escravos. “Um dos negócios da Coroa portuguesa era comprar escravos na Guiné para vender em São Jorge da Mina”, explica Sarmago. “Havia grande procura de mão-de-obra por parte dos reinos negros do interior.”

Uma das grandes dúvidas é sobre por que Cabral foi escolhido para chefiar a expedição que foi ao Brasil, a maior armada montada na história dos portugueses. “Alguma coisa se pode imaginar que ele tenha feito”, diz Romero de Magalhães. “Não faz sentido que alguém tenha sido mandado para comandar uma tal formação sem nenhuma experiência”, afirma, referindo-se à armada de 13 navios e 1.500 homens. As dúvidas não atingem só a Pedro Álvares Cabral. Também não se sabe por que Vasco da Gama foi escolhido para a primeira



Divulgação

500 anos

viagem que chegou à Índia.

Em 1500, depois de ter chegado ao Brasil, Cabral enviou de volta para Lisboa a nau de mantimentos, para comunicar a descoberta do Brasil, depois de distribuir a carga desse navio entre os outros 12. Romero de Magalhães levanta algumas hipóteses: “Pode ser que a nau tivesse menor capacidade de carga ou que contasse com um comportamento naval que pudesse ter despertado suspeitas sobre o seu desempenho durante a travessia.”

Das 12 naus que seguiram para a Índia – 10 da Coroa e 2 de armadores privados que receberam concessão régia –, apenas 6 chegaram a Lisboa. “A perda de 6 navios foi um insucesso grave”, diz Romero de Magalhães. “Mesmo assim, em termos financeiros foi um êxito; os lucros chegaram a até 800%”, completa.

Comparando com a viagem de Vasco da Gama, Romero de Magalhães diz que o objetivo da expedição de Pedro Álvares Cabral era diferente: “A viagem de Gama foi largamente deficitária, pois ele não levava meios de pagamento para comprar especiarias”, conta. “Vasco da Gama trouxe apenas algumas amostras”, diz. “Era uma viagem de exploração, enquanto a de Cabral foi um investimento comercial”, conclui.

A descoberta do Brasil foi apenas comentada de passagem numa carta aos reis da Espanha que fala do êxito comercial da viagem. São apenas três linhas em que d. Manuel modificou o nome da terra, como era sua prerrogativa: “Partiu a 9 e nas oitavas da Páscoa chegou a uma terra a que pôs o nome de Santa Cruz, em que achou as gentes como na primeira inocência, mansas e pacíficas, a qual pareceu que Nosso Senhor milagrosamente quis que se achasse porque é mui conveniente e necessário à navegação da Índia.”

Vingança – Depois de voltar a Lisboa, Cabral deveria ter partido novamente para a Índia, em 1502. Além de trazer especiarias, a missão seria a de vingar os portugueses mortos na feitoria de Calicute, que, durante a primeira viagem de Cabral, haviam sido vítimas de assalto, incêndio; muitos dos marinheiros morreram.

No entanto, lhe foi retirado o comando da armada, que acabou sendo dirigida por Vasco da Gama. O novo comandante adotou uma violência tão grande que até hoje os historiadores indianos acusam os portugueses pelas atrocidades cometidas. O motivo por que Cabral foi preterido é outro mistério: “Aí, tudo o que se imaginar é possível”, diz Romero de Magalhães.

Nessa época, Cabral foi viver longe da Corte, em Santarém – a cerca de 80 quilômetros de Lisboa. Não se sabe se foi um auto-exílio ou se foi afastado da Corte pelo rei. Em 1514, o governador da Índia, Afonso de Albuquerque, solicitou providências ao rei para que aproveitasse as suas qualidades como navegador – Albuquerque era tio da mulher de Cabral, Isabel de Castro. No entanto, a recomendação não teve resultados.

O reconhecimento da descoberta foi tardio. A inscrição do jazigo familiar na Igreja da Graça apenas faz menção à posição de sua mulher, que foi camareira-mor da rainha. “Apenas os cargos da Corte eram importantes para a mentalidade da época”, explica Romero de Magalhães. Com Isabel de Castro, Pedro Álvares Cabral teve seis filhos.

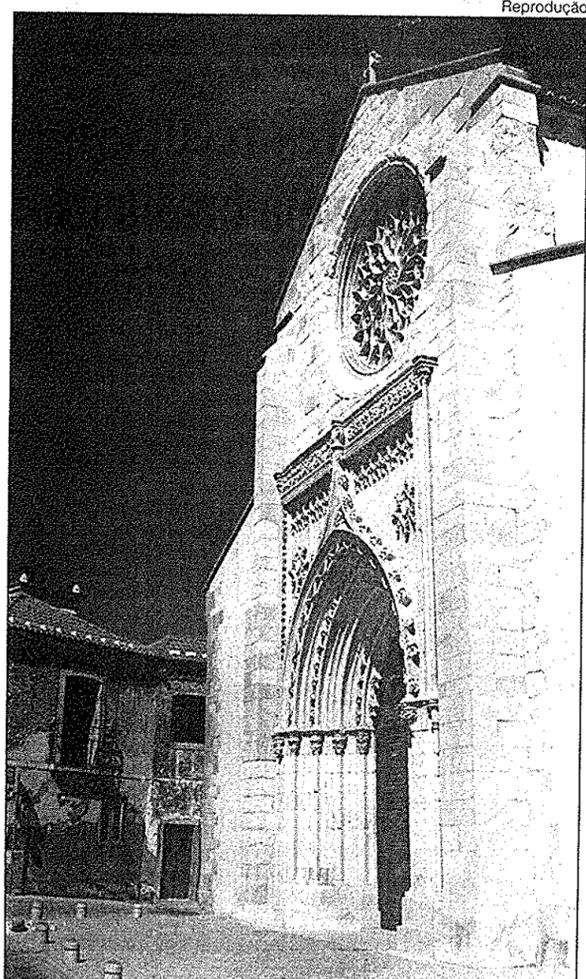
Segundo o historiador, não é possível que se tenha dados sobre sua personalidade, suas feições e nem mesmo é possível saber, pelos supostos restos mortais, sua altura.



Marcos Mendes/AE

Marcos Mendes/AE

Reprodução



Cabral, idealizado: família era dona do Castelo de Belmonte (alto) e seu corpo talvez esteja na Igreja da Graça (acima, à dir.)

Viagens marítimas eram desafio à resistência

Durante meses, mais de cem homens conviviam com ratos, doenças e falta de higiene

JAIR RATTNER
Especial para o Estado

LISBOA - Mais de 150 pessoas, dividindo cerca de 450 metros quadrados com galinhas, carneiros e tonéis com carga num ambiente infestado de ratos. Esta era a situação nas naus que atravessaram o Atlântico no começo do século 16 para ir de Portugal ao Brasil.

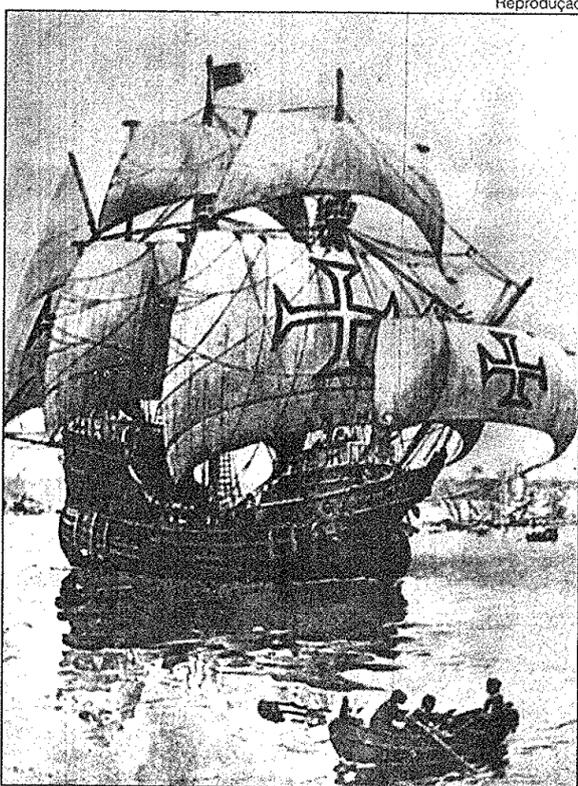
As informações sobre a vida nos barcos são poucas. "Os portugueses começaram a navegar no Atlântico em 1420, mas o primeiro texto técnico sobre navios é de 1570", afirma Francisco Contente Domingues, especialista em história naval.

Segundo Domingues, não se sabe exatamente como eram os navios da frota de Cabral, mas deveriam ter no máximo 30 metros de comprimento por 10 de largura. Dos 13 barcos da armada comandada por Cabral, dez eram naus - com um castelo de popa com dois andares e outro de proa - e três eram caravelas latinas, com apenas o castelo de popa. Castelo é a construção na parte da frente ou de trás dos barcos onde normalmente ficavam as cabines do capitão e dos pilotos.

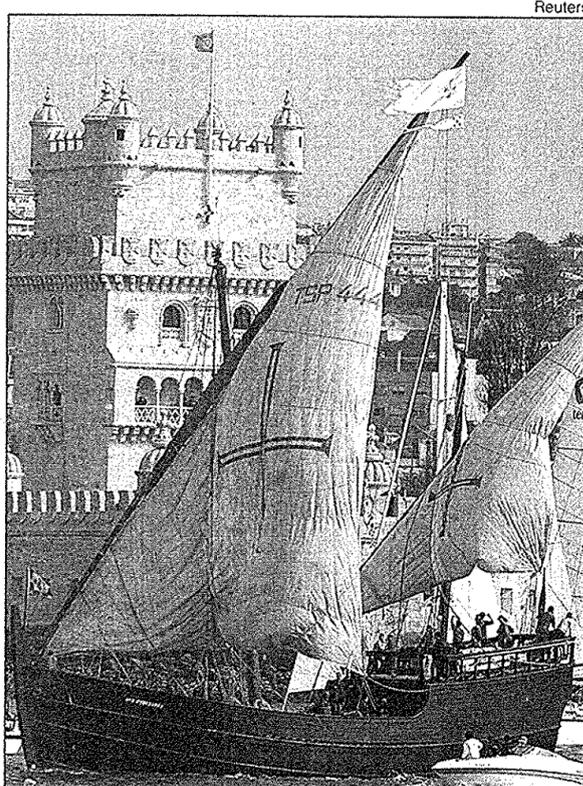
Segundo Domingues, não há dados para afirmar se em 1500 os barcos já tinham duas coberturas ou apenas uma, como a caravela de Bartolomeu Dias, que 12 anos antes da viagem de Cabral chegou ao Cabo da Boa Esperança, no sul da África. "Com a viagem de Bartolomeu Dias, foi o fim da caravela redonda, que tinha o casco muito estreito, com pouco espaço para armazenar comida e água, havendo ainda a necessidade de parar para fazer aguada a cada 15 dias", informa o historiador.

O tempo nos navios era dividido em quartos - de quatro horas cada um. "Trabalhavam um quarto e ficavam dois de descanso", conta Domingues. Fazendo um paralelo com o que foi registrado no fim do século 17, o historiador diz que entre as 150 pessoas do barco deveria haver cerca de 40 marinheiros, 40 grumetes e 20 pessoas com outras funções ligadas à navegação: o capitão, o piloto e o sota-piloto (segundo piloto), um mestre e um contramestre e os oficiais. Cada um tinha suas funções bem definidas - o capitão normalmente não sabia conduzir o barco, tarefa do piloto.

A lista incluía um meirinho, que era o responsável pela administração da justiça decidida pelo capitão, um despenseiro, um escrivão, um padre, um físico (que tratava da saúde),



Reprodução
Desenho de caravela e réplica partindo de Lisboa: segundo historiador, barcos teriam cerca de 30 metros de comprimento



Reuters

tanoeiros (que reparavam os tonéis), os calafates, que procuravam evitar que entrasse água pelas das juntas das madeiras, e os bombardeiros, responsáveis por fazer funcionar os canhões, chefiados pelo condestável. "A frota de Cabral ainda levou feitores para dirigir as feitorias da Índia, representantes dos comerciantes e soldados", relata Domingues.

Para manter esse contingente durante dias seguidos sem que houvesse confusões, era necessária linha dura. "A disciplina era férrea, com uma tensão terrível", conta o historiador. "Na frota de Cabral, em cada barco, além dos 80 a 100 homens que trabalhavam, havia o resto que não fazia nada durante seis meses."

Uma das únicas diversões era o jogo, afirma Domingues: "Jogar cartas era proibido, mas os capitães fechavam os olhos; mas muitas vezes o jogo acabava em confusão."

Domingues conta que nos barcos era proibida a presença de mulheres. "Em 1560, foram encontradas quatro mulheres como clandestinas no porão de um navio e o capitão foi colocá-las na primeira terra firme que aportassem, como mandavam as regras; houve um motim a bordo."

Dieta - A situação era mais difícil porque da ração diária de ca-

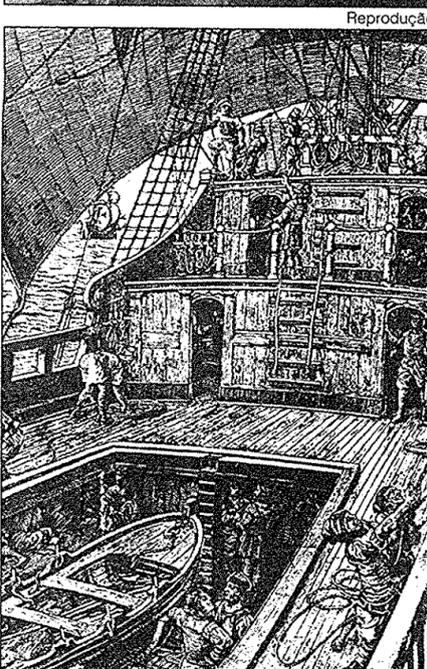
da homem fazia parte cerca de meio litro de vinho para deixar os marinheiros mais fortes, segundo a crença da época. Além do vinho, a base alimentar incluía azeite, água e biscoito - que não tem nada a ver com o que nós conhecemos hoje. "Tratava-se de um pão cozido duas vezes e era extremamente duro para os bichos não entrarem", explica Domingues. "Era tão rígido que se batesse na cabeça de uma pessoa dava cabo de vela", exagera. A única forma de comer o biscoito era molhado em água ou vinho.

A figura principal nessa área era o despenseiro, responsável pela distribuição da comida. Suas atribuições incluíam dar a ração de biscoito, de vinho e de água diária a cada marinheiro. A carne apenas era distribuída uma vez por mês.

Quando o barco saía de um porto, o normal era durante os primeiros dias comerem comida fresca. Depois, começavam a ser distribuídos mantimentos que agüentavam mais tempo, como a carne salgada e os embutidos, além das frutas secas. "Poderiam ser avelãs, passas ou amêndoas, o que estivesse mais em conta no mercado; os portugueses não tinham regras muito rígidas sobre comidas, como os ingleses", observa o historiador. "No século 18, em Sebastopol, havia um navio inglês com os marinheiros mor-



Reprodução



Reprodução

Obra do artista José Malhoa retratando Pedro Álvares Cabral (acima) e ilustração mostrando o interior de caravela: capitão normalmente não sabia conduzir o barco

500 anos

rendo de fome e jogaram fora chá de limão porque não fazia parte das normas."

Cada marinheiro tinha uma caçarola em que cozia sua comida nos fogões, enormes recipientes de metal com carvão em brasa. O capitão e os outros dignitários deveriam ter pagens que tratavam da cozinha. A cozinha ficava na primeira coberta, um local muito quente, com cheiro de gordura. Era o lugar mais protegido da embarcação - o fogo era o maior inimigo dos barcos de madeira. Qualquer incêndio, por menor que fosse, destruíra o barco. Na frota de Cabral, um dos navios foi consumido pelo fogo.

Para fazer as necessidades fisiológicas, havia um tonel cortado ao meio, cujo conteúdo era periodicamente esvaziado borda a fora. Dizia-se que havia uma corda que ficava geralmente mergulhada no mar e que seria usada com as mesmas funções do papel higiênico atual, mas não há provas de que durante a viagem de Cabral esse expediente teria sido utilizado.

Mortes - Segundo Domingues, no início do século 16 era normal que entre 5% e 10% da tripulação não chegasse viva ao fim da viagem. "As mortes tinham dois motivos: doenças e acidentes; quando alguém caía do alto dos 40 metros do mastro, dificilmente sobrevivia." Outro acidente comum era a queda no mar - a maior parte dos marinheiros não sabia nadar.

Entre as doenças, a mais mortífera seria a disenteria, causada pela água poluída. Uma vez estragada, o único remédio era encontrar água fresca para substituir. Também os priores (ataques de frio) eram muito temidos - por esse nome eram conhecidas as febres, que poderiam ser desde resfriados a pneumonias.

Domingues conta que no início do século 16, o escorbuto - doença causada pela falta de vitaminas - ainda não era tão grave, porque os barcos faziam muitas paradas. Mas os piratas passaram a esperar os navios perto das principais escalas e no século seguinte a norma era fazer a "rota batida", passando até seis meses sem desembarcar, o que aumentou o número de doenças a bordo. "No fim do século 17, morriam entre 20% e 25% dos homens."

Descoberta transforma imaginário de europeus

Chegada à América modificou visão de mundo existente desde o início da Idade Média

LISBOA - As descobertas portuguesas foram o início de uma mudança no imaginário europeu. Desde o início das navegações, a idéia de novas terras, com animais e plantas desconhecidos modificou a visão de mundo que imperava desde o começo da Idade Média.

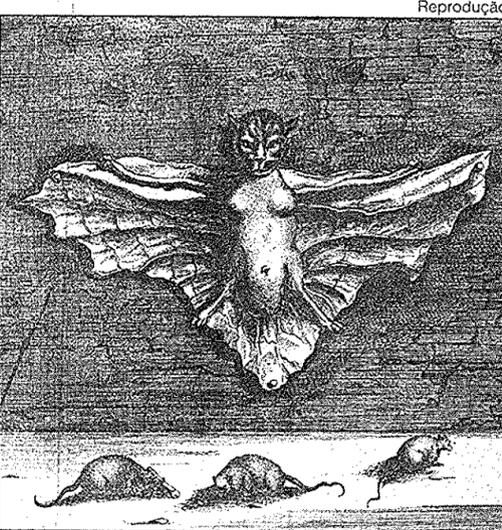
"Santo Agostinho, no século 4, afirmou que não é possível haver vida abaixo da zona tórrida (o Equador), que não poderia haver antípodas, pessoas que deveriam ter pés para cima e cabeça para baixo", afirma o especialista em literatura de viagens Fernando Cristóvão. Antípodas seriam aqueles que vivem no Hemisfério Sul.

A mitologia até aquela época afirmava que deveriam existir uvas com barbas, grifos - animais com cabeça de água e corpo de leão - e até dragões. Ainda no sé-

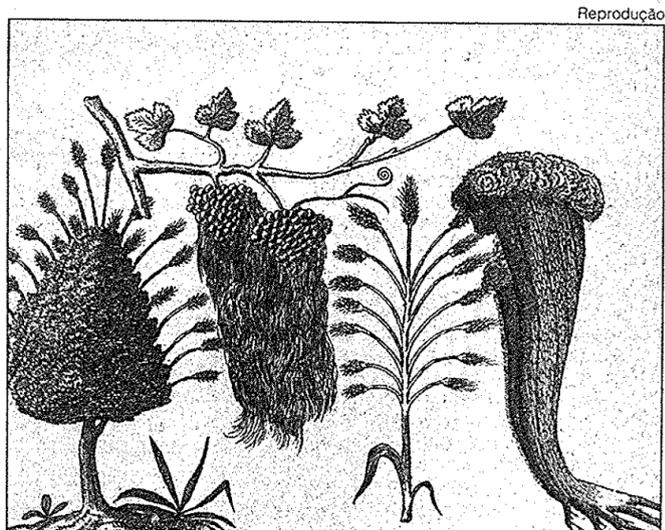
culo 18, há livros com ilustrações retratando o dragão como a maior de todas as serpentes, capaz de provocar ciclones ao sair de sua caverna e elevar-se pelos ares. A descrição de basilisco, o rei dos dragões, que aparece no Theatrum Universale Omnium Animale, um livro do século 18, afirma que esse animal era capaz de matar com um simples olhar ou com seu bafo.

O imaginário da época transformou as descrições do rinoceronte em unicórnios, mas com características especiais. Os relatos diziam que parecia um cavalo com um longo chifre e que, ao colocar esse chifre num poço de água poluída, estatomava-se imediatamente potável. Chegou a haver imagens do morcego com cabeça de gato, animal ambíguo que era ave e quadrúpede, ao mesmo tempo macho e fêmea.

"Os descobrimentos foram destruindo essa mitologia, acabaram com a tentativa de interpretar o mundo segundo os bestiários do século 12", diz Cristóvão. Ele considera que os relatos portugueses



Reprodução
Desenho de morcego com cabeça de gato e uvas com barba: dois exemplos do imaginário delirante que imperava na época



Reprodução

da época foram os primeiros grandes trabalhos de antropologia.

Novo mundo - As descrições feitas a respeito das descobertas teriam levado para a Europa, segundo Cristóvão, o conceito de Novo Mundo: "Nos livros do século 16, o Novo Mundo era o Brasil, mas depois a ideologia mercantilista desvalorizou a América do Sul em relação à do Norte e o Novo Mundo passou a ser os Estados Unidos." Cristóvão não considera que a visão que os portugueses tinham do Brasil era de completo deslumbramento. "Os portugueses já tinham viajado

muito, já tinham visto muito; nas descrições há uma certa idéia de paraíso, mas é um paraíso depois do pecado original."

"A própria carta de Caminha diz que em se plantando tudo dá e não que basta colher os frutos", lembra Cristóvão. A carta de Pedro Vaz de Caminha apresenta uma visão dos índios como amistosos, mas os conflitos surgiram com a ocupação do território e a evangelização, a partir de 1530. "Quando os portugueses começam a estabelecer-se no País, ocorrem os choques especialmente por quatro razões: a antropofagia, a promiscuidade com as

mulheres, a embriaguez e a idolatria; todos os relatos portugueses falam disso."

Cristóvão distingue a literatura de viagens portuguesas dos relatos feitos por escritores de outros países: "Os portugueses procuravam conhecer a terra, tinham uma visão comercial do que encontravam, buscando utilidade para o que encontravam." Segundo ele, era impossível um português escrever um livro como o de Hans Staden, cujo título é *A Verdadeira História dos Selvagens Nus Comedores de Homens*. Para Cristóvão, a decepção com o Novo Mundo fez com que

surgissem no imaginário europeu novos locais imaginários. "Os europeus, não gostavam do Velho Mundo e desiludiram-se depressa com o novo", conta o historiador. "Por isso, os utopistas criaram um Novo Mundo idealizado." A utopia caracterizou-se como sendo um velho mundo corrigido. "É uma viagem imaginária a um universo fechado; todas as utopias estão localizadas em ilhas", analisa Cristóvão, citando os clássicos, *Utopia*, de Thomas Morus, *Cittá del Sol*, de Campanello e *Atlântida*, de Francis Bacon. (J.R.)

**RELATOS
DESCREVIAM
DRAGÕES E
GRIFOS**

A culinária que o Descobrimento pôs na mesa

O historiador Alfredo Saramago analisa as mudanças na culinária a partir de 1500

JAIR RATTNER
Especial para o Estado

LISBOA - O motivo apresentado pelos historiadores para as grandes navegações portuguesas foi levar para a Europa as especiarias, quebrando o monopólio dos genoveses e venezianos. No entanto, a maior consequência talvez tenha sido em relação a outros alimentos, resultado da prática dos portugueses de transportar plantas de um lado para o outro.

Um dos principais exemplos é o coqueiro, que hoje é visto como um símbolo das praias brasileiras. Até o século 17, não havia nenhum nas costas do País: eles foram trazidos da região do Oceano Índico. Na Itália, hoje, é quase impossível imaginar um macarrão sem molho de tomate. Mas a fruta tem origem no Brasil e só se tornou conhecida entre os europeus a partir do século 16, passando a fazer parte da dieta de todos os países da bacia do Mediterrâneo.

Entre os produtos trazidos pelos portugueses do Oriente estavam o chá e as laranjas doces. "Até o Descobrimento, na Europa só havia laranjas azedas. Em Portugal, a laranja que se pode comer até hoje é conhecida como laranja-da-china", conta o historiador e antropólogo Alfredo Saramago - não tem nenhum grau de parentesco com o Prêmio Nobel -, especializado na história da alimentação. Em grego, a palavra usada para designar a laranja tem o som "portugalo".

Mesmo o costume de tomar chá, que é considerado como algo da tradição britânica, chegou à Inglaterra por meio de uma portuguesa. "A rainha Catarina, quando se casou com Carlos II da Inglaterra, no século 17, levou o costume de tomar chá. Não era o chá das cinco, que esse é um costume posterior. Ela tomava chá a toda hora. Tomava porque era considerado algo que fazia bem à saúde."

Variedade de milho - As tentativas de fazer com que árvores de um lado pegassem no outro eram constantes. O maracujá, o cacau e o abacaxi têm origem no Brasil. O inhame veio da África



Palmeiras no cenário tropical: idéia de sabor era secundária

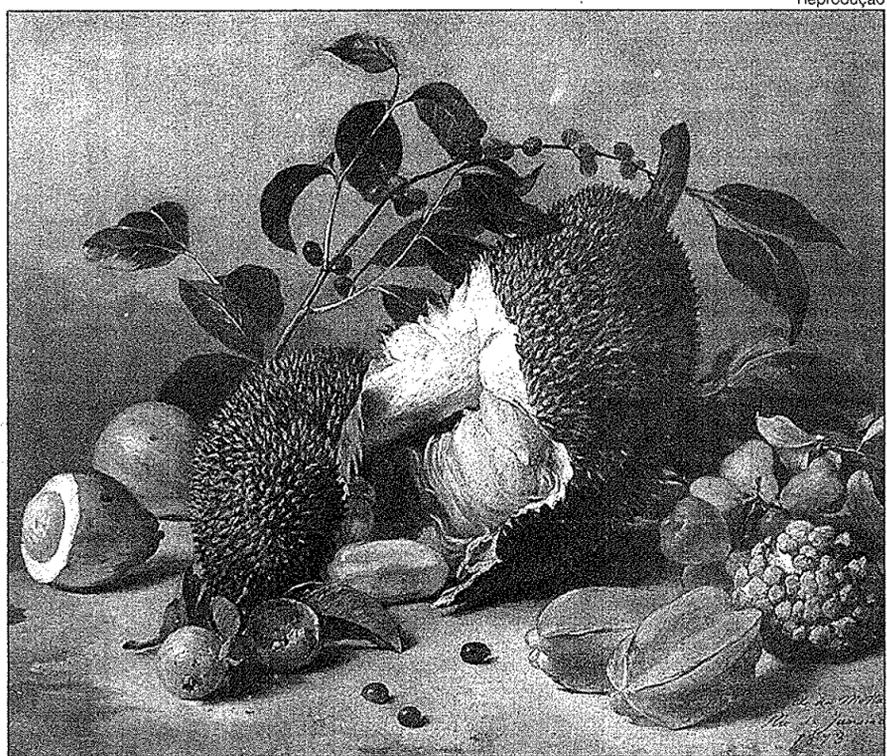
ca. As batatas foram trazidas do Oriente - no Brasil apenas existia a batata-doce. Segundo Saramago, já existia uma variedade de milho na Europa, o painço, mas não era boa para comer.

Os portugueses adotaram em relação aos produtos a tendência a experimentar tudo. No século 17, frei Vicente Salvador descreve numa carta que comer a casca da banana resultava numa enorme indigestão.

Para Saramago, a grande vantagem do Brasil é que a maior parte dos produtos plantados no País crescia e produzia mais do que na própria região de origem. "O francês François Puyard Lavale, que veio da Índia e queria reivindicar o Brasil como sua descoberta, dizia que no País tudo era melhor do que na Europa. O padre jesuíta Rui Pereira, em 1560, escreveu uma carta afirmando que no Brasil

havia os mesmos mantimentos que em Portugal, mas melhores."

Em relação às especiarias, a grande mudança resultante das viagens marítimas para a Índia foi torná-las mais baratas. Um navio levava muito maior quantidade do que se poderia transportar no lombo de mulas. Mesmo o açúcar, que só foi levado para o Brasil mais tarde, tinha antes das plantações brasileiras um valor enorme na Europa. No começo do século 15, quando a Infanta D. Isabel - filha de d. João I - foi enviada à França para casar com Fernando de Borgonha, a prenda mais valiosa do dote dado por seu pai consti-



Frutas tropicais: descobridores experimentavam tudo e levavam mudas para a Europa

tuía-se de uma arroba (15 quilos) de açúcar.

Bens para a saúde - O objetivo de levar as especiarias para a Europa não era temperar pratos. "O discurso dietético acompanha a história da alimentação. As especiarias são ingredientes que entraram na cozinha europeia pela porta da farmácia. A idéia de sabor era secundária. Comia-se porque fazia bem à saúde", conta Saramago.

Segundo o historiador, havia todo um receituário com base nas especiarias: "A pimenta fazia bem ao fígado e ao estômago. Cozinha com galinha, era boa para o parto. O cravinho era considerado bom para os olhos. A pimenta malagueta era utilizada para purificar o sangue. O cardamomo atuava nos olhos, inflamações da garganta e combatia a esquinécia (nome pelo qual era conhecida uma série de doenças que poderiam ser amigdalite, laringite ou tosse uivada). A canela era boa pa-

ra olhos congestionados e para dor de dentes."

As especiarias não eram uma novidade para a Europa Ocidental. Saramago conta que há menções ao seu uso na Antiguidade Clássica. No livro de Apícius, um romano epicurista do século 1.º a.C., já se mencionava a "coquinaria".

Apenas quando caiu o preço das especiarias é que elas começaram a ser usadas para temperar comidas, inicialmente como um sinal de distinção e riqueza na mesa dos nobres. "O preço baixou a partir do final do século 16 e do começo do século 17 e elas se tornaram um hábito alimentar que ficou instalado."

Ainda de acordo com Saramago, a dieta alimentar dos índios era constituída de muito churrasco, frutas e alimentos à base de farinha de mandioca. "O padre Rui Pereira afirma na carta de 1560 que, se faltasse a farinha do reino, não fazia falta nenhuma, porque o pão da terra era superior."

Panels de barro - Eles grelhavam galinhas, carneiros, que estavam semidomesticados, peixes e mariscos. Na época, os índios não tinham o hábito de preparar guisados, apesar de já te-

rem recipientes de barro com possibilidade de confeccionar comida dessa forma. As panelas de barro eram usadas apenas para ferver a mandioca brava, retirando o ácido cianídrico.

Saramago considera que, na história da cozinha brasileira, uma das maiores influências veio da África: "Desde 1538 e até 1888, foram levados para o Brasil 5 milhões de africanos, que vieram com seus usos e costumes alimentares."

Para o historiador, hoje não existe apenas uma cozinha brasileira, mas várias, conforme as influências sofridas pelas misturas populacionais de cada região. "A cozinha brasileira é uma união feliz entre os produtos e as formas de confecção local e os dos que chegaram. É uma cozinha variada, tem muita influência portuguesa, mas não se fechou às dos outros países, sem perder as suas características."

Uma dessas características importantes que Saramago destaca na cozinha brasileira é a que chama de intemporalidade: "Certas receitas são preparadas como há três ou quatro séculos. O cururu do Pará ou a moqueca têm suas receitas fixadas há cerca de 400 anos."

500 anos

Como os portugueses da época se vestiam

Relatos escritos indicam o que Cabral trajava quando recebeu os índios na sua nau

LISBOA - A maior parte dos textos sobre o Descobrimento diz que, quando os portugueses chegaram ao Brasil, os índios não usavam roupas.

"Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir as suas vergonhas do que de mostrar a cara", conta Caminha na carta ao rei. E os portugueses que desembarcaram, como se vestiam?

"Os primeiros a desembarcar foram degredados. Eles não vestiam mais do que um calção e uma camisa, talvez um barrete ou chapéu de palha, mas não sabemos o modelo. As calças deveriam ser presas com um cordão de sisal ou couro. Provavelmente era só para segurar a roupa, mas também para levar uma bolsa", conta o historiador Antônio Camões Gouveia.

As barbas deveriam ser compridas. "Apenas em meados do reinado de d. Manuel é que surge a moda das barbas aparadas, mantendo o formato do rosto", afirma ele.

Lã e linho - Segundo Gouveia, o calção deveria ser de lã e a camisa de linho, tecidos em casa: "Eles não podiam comprar roupa. Ou faziam eles próprios ou não tinham roupa."

Os sapatos ou botas da época eram bicudos, mas nem todas as pessoas usavam calçados. "Há um quadro do rei de Portugal d. João III em que ele aparece de chinelos", exemplifica o historiador, citando o soberano português



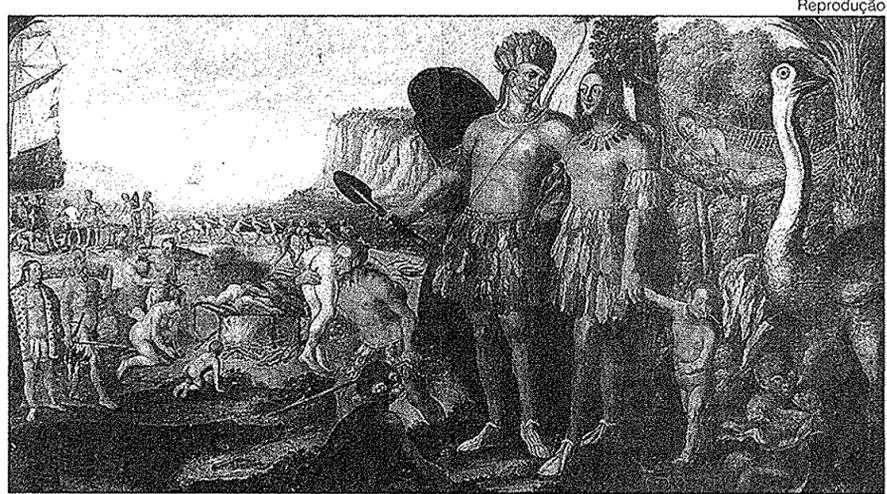
São Francisco como aparece no quadro de Jorge Afonso, pintado entre 1520 e 30: roupas que os franciscanos usavam durante a realização da obra

que reinou de 1521 a 1557.

Na carta de Caminha, há apenas uma indicação das roupas de Cabral, do momento em que ele recebe os índios na sua nau: "O capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés

uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro mui grande, ao pescoço."

Para Gouveia, a roupa de Pedro Álvares Cabral deveria ser diferente da dos marinheiros: "A roupa era a forma exterior de de-



'América', de autor não identificado: choques culturais entre homens brancos e indígenas

notar o grupo social ou a função. Como membro da pequena nobreza, Cabral poderia usar, segundo o estatuto dele, um gibão de esquadro ou uma capa com aplicações de tecidos mais nobres." Segundo o livro *O Traje na Época da Expansão Portuguesa*, de Fernando Lima, um gibão era "uma espécie de camisa, com ou sem fralda, forrada e enchumada, apertada na cintura para depois cair sobre as ancas".

Gouveia afirma que o gibão ou a capa de Cabral deveria ter aplicações em cambraia ou seda, tecidos que, por lei, apenas poderiam ser usados por determinados grupos sociais. Exemplo dessas leis está na ordenação da defesa dos veludos e sedas do rei d. João III.

Chapéus sem botões - Nessa ordenação, o rei português determinava que os gibões poderiam ter se-

da, mas sem forro ou barras de seda, nem debruns ou pestanas - enfeites feitos de pano. A limitação era tanta que chegava ao ponto de dizer que os chapéus não poderiam ter botões de enfeite e que nenhum homem poderia usar luvas perfumadas. Caso alguém infringisse essa ordenação real, seria preso, teria de pagar uma multa - metade para quem o denunciasse e metade para o tesouro real - e ainda teria de cumprir uma pena de dois anos de degredo.

Sem dados precisos sobre como se vestiam as pessoas, a fonte mais utilizada são os quadros pintados na época. Mesmo as pinturas que tinham temática religiosa apresentavam as figuras com as roupas que usavam no momento em que a obra estava sendo feita, ainda que a pintura retratasse uma passagem da vida de Jesus.

Como exemplo, o quadro *A Estigmatização de São Francisco*

de Assis, do pintor português Jorge Afonso, que deve ter sido pintado entre 1520 e 1530, mostra o santo vestido com a batina de um franciscano da época.

Em um detalhe do retábulo da Sé de Évora, pintado na mesma época, pode-se ver como se vestia uma pessoa do povo: calças muito justas, coladas às pernas, sem cós, sendo vestidas como duas meias altas, presas à cintura por meio de cordões ou apertadas por meio de ligas. Por baixo das calças, usavam-se as fraldilhas ou cuecas bragas, amarradas de forma a proteger os genitais.

Por meio das indicações dos quadros, Gouveia considera possível saber até as cores das roupas portuguesas. "Eles não usavam cores muito vivas como os espanhóis ou italianos. Por exemplo, o vermelho era considerado infamante, quando não usado por um cardeal. Essa cor era empurrada para os judeus. Num quadro do Grão Vasco, a indicação de que uma figura representa o judeu é um gorro vermelho", afirma, referindo-se ao maior pintor português da época. (J.R.)

QUADROS AJUDAM A REVELAR ATÉ AS CORES

TERRA À VISTA

“Devemos reconhecer a História como foi”

Frase é do presidente de Portugal Jorge Sampaio, que falou ao ‘Estado’ antes de vir ao Brasil

JAIR BAILEINER
Especial para o Estado

LISBOA - Para o presidente português Jorge Sampaio, o extermínio dos índios no Brasil é comparável ao que ocorreu em Ruanda ou no Kosovo.

No entanto, Sampaio recusa a responsabilidade pelo genocídio: além de dizer que apenas responde por Portugal de hoje, afirma que depois dos três séculos de domínio português, o Brasil já está independente há quase 200 anos.

Sampaio veio ao Brasil para participar das comemorações do Descobrimento. Lembrando a viagem de Cabral, sua chegada a Porto Seguro foi a bordo do navio Sagres, da marinha portuguesa.

Coragem - Socialista, o presidente português teve grande parte de sua formação nas lutas estudantis contra a guerra colonial portuguesa. Ele elogia o presidente português António José de Almeida, que, em 1922, foi ao Brasil e, “num gesto de grande inteligência e coragem”, agradeceu pelo fato de o País ter se tornado independente.

Aos 60 anos, o advogado Sampaio está no último ano de seu primeiro mandato como presidente de Portugal. As eleições deverão ser no último trimestre e, apesar de já terem sido lançados dois outros candidatos dos partidos de centro e direita, as sondagens indicam que é o favorito dos portugueses: na pior das hipóteses, seria reeleito com 50% dos votos, sem necessitar de segundo turno.

Sem poderes executivos, o presidente português tem como função ser uma garantia da estabilidade do país. O principal trunfo da presidência é ter a possibilidade de a qualquer momento dissolver o governo e o parlamento, sem necessidade de explicar os motivos - a Constituição descreve como “poder discricionário” do presidente.

Em Lisboa, antes da viagem, Sampaio falou ao Estado.

★ **Estado** - Para os portugueses, qual o significado das comemorações do Descobrimento?

Jorge Sampaio - Penso que há 500 anos participamos de uma descoberta que revolucionou o mundo da época. Hoje, ela nos permite olhar para um grande País que indelevelmente está ligado a Portugal, cuja unidade e língua estão, apesar de muitas contribuições, relacionadas com Portugal.

Estado - O que represen-



Sergio Perez/Reuters

500 anos

ser dominante na Internacional Socialista?

Sampaio - A minha posição como presidente da República Portuguesa resguarda-me de uma referência ideológica.

Estado - Mas isso diz respeito também às relações entre Brasil e Portugal, porque hoje o PS português está mais próximo do PSDB do que dos dois partidos filiados à Internacional Socialista, o PDT e o PT.

Sampaio - Não devo fazer comentários à aproximação entre partidos. Há um desafio que se coloca hoje a um conjunto de partidos que está no centro-esquerda, com as tonalidades diversas que possam apresentar. Diz respeito a políticas de solidariedade e de como valorizar a competitividade e a inovação sem pôr em causa os equilíbrios fundamentais da sociedade e assim contribuir para um avanço decisivo na igualdade de oportunidades entre os cidadãos. Perante isso, não há manuais, há políticas concretas. São essas as nossas preocupações e naturalmente serão comuns a vários partidos no Brasil. Penso que com essa evolução se descobrirão velhas diferenças, mas também se registrarão novas convergências.

Estado - O Brasil assume em junho a presidência da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, organização que enfrenta críticas de que faz muito pouco. O que o senhor acha que é possível sair da comunidade?

Sampaio - A comunidade é algo muito recente. Falta dinamizar a comunidade nos vários níveis, por exemplo, com uma política de língua. A comunidade tem um caminho que vai gradualmente ocupando. Mas a comunidade é uma coisa sem o interesse do Brasil e é outra muito melhor com o interesse do Brasil no seu desenvolvimento.

Estado - Nas últimas semanas, as pesquisas de intenções de voto publicadas dizem que o senhor seria reeleito sem necessitar de um segundo turno. Como o senhor vê esses dados?

Sampaio - Em primeiro lugar, é preciso que eu seja candidato, coisa que eu ainda não disse que era. Nesse domínio, vejo as pessoas apressadas e eu não tenho esse problema. Portanto, na altura certa, decidirei.

O presidente português Jorge Sampaio cumprimenta Fernando Henrique Cardoso: “Nós não temos que explicar nada uns aos outros, o que é coisa rara no mundo”

ta o Brasil para os portugueses?

Sampaio - Representa várias coisas ao mesmo tempo. O Brasil não é a mesma coisa que há 10 ou há 20 anos. As relações entre Estados e povos não se baseiam em afetividades, mas é muito importante dar valor ao conhecimento e à afetividade que existem entre brasileiros e portugueses. Nós não temos de explicar nada uns aos outros, o que é coisa rara no mundo de hoje. Brasil e Portugal são duas democracias, estão incluídos em entidades regionais com relevo, têm uma relação bilateral que mantém a afetividade e a dimensão cultural e uma relação econômica muito forte, com um significado surpreendente. Penso que, mantendo os quadros de referência do passado, renovamos e dinamizamos esse relacionamento de uma forma portadora de futuro.

Estado - Os indígenas brasileiros apontam a data da chegada do Cabral como o início do genocídio dos seus povos. Qual a responsabilidade dos portugueses?

Sampaio - Quero realçar que eu sou apenas responsável

pelo presente. Penso que não há caminho para culpabilidades. Devemos reconhecer a História como foi. Ela não é mutável agora nem é sobretudo analisável com os valores de hoje em relação aos valores que existiam há 500 anos. Isso é um fato e é fundamental perceber as concepções de história que têm os povos e as minorias. É preciso, a partir daqui - como para Kosovo, para Ruanda, para todos os fatos de valor equivalente -, construir uma alternativa que seja de respeito pelas minorias, que seja de respeito pela democracia, de respeito pelo outro. O fato essencial foi o Descobrimento. A evolução do Brasil também tem a ver com os 200 anos da Independência, não tem só a ver com os 300 anos da colonização portuguesa. Nós não podemos refazer a história, mas temos de ter a capacidade de entender as várias visões de ela possibilita.

Estado - Para muitos bra-

sileiros, a responsabilidade do atraso do Brasil é dos portugueses. Acreditam que, se fossem os ingleses, o País seria muito mais desenvolvido. O que o senhor acha dessa teoria?

Sampaio - Não concordo com essa teoria. Há muitos exemplos de colonizações britânicas, francesas e outras que deram no que estamos vendo.

Acho que não devemos culpar os antepassados por aquilo que estamos vivendo. Entendo que ocorram as chamadas revisões psicológicas, históricas e culturais. Normalmente, dessas análises nascem sínteses mobilizadoras, o que é muito positivo. Acho que isso é uma visão muito esquemática. Tenho que respeitá-la, apesar de não estar de acordo.

Estado - Atualmente, Portugal e Brasil vivem as melhores relações econômicas da sua história. Qual o significado dessa virada?

Sampaio - Primeiro, para

os brasileiros, significa que Portugal, mesmo nos momentos mais difíceis desses últimos quatro anos, apostou fortemente no Brasil. Teve uma grande confiança no desenvolvimento e na solidez do Brasil, enquanto alguns abandonaram o País. Na internacionalização da nossa economia, quase metade do investimento no exterior é feito no Brasil. Naturalmente, também surpreendentes, porque aparecemos como um país muito mais moderno, diferente da concepção tradicional.

Estado - Um problema nas relações bilaterais é a falta de reciprocidade. Enquanto há centenas de portugueses com funções de deputados, juízes ou militares no Brasil, um brasileiro não pode exercer nenhuma dessas funções em Portugal.

Sampaio - Sobre esses pontos concretos eu estou impedido constitucionalmente de pronunciar-me. Não compete a mim, compete aos deputados. Sobre isso eu não posso intervir.

Estado - Como socialista, o que o senhor acha da terceira via, que hoje parece

‘NÃO
PODEMOS
REFAZER
A HISTÓRIA’

Fauna e flora em edição de luxo

‘História de Animais e Árvores do Maranhão’ foi escrito entre 1624 e 1627

LISBOA - No encontro com Fernando Henrique Cardoso, o presidente português Jorge Sampaio vai dar como presente um livro de luxo, com um dos primeiros levantamentos da fauna e da flora realizados no Brasil. Trata-se da reedição da *História dos Animais e Árvores do Maranhão*, de Frei Cristóvão de Lisboa, que teria sido escrito entre 1624 e 1627.

“É a primeira tentativa de síntese e levantamento das espécies botânicas e zoológicas de uma região do Brasil e reflete um caráter de sistematização e inventariação bem ao gosto da época”, conta João Paulo Salvado, da Comissão para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, que foi o coordenador editorial da obra.

Desde o início da ocupação do Brasil, uma das preocupações era conhecer o País e existem vários livros que chegaram até os nossos dias com descrições de animais e plantas.

Trata-se da segunda reedi-

ção do manuscrito, que se encontra no Arquivo Histórico Ultramarino, de Portugal. A primeira foi feita em 1967, mas, segundo Salvado, estava incompleta: “A obra vem acompanhada de um conjunto de observações de botânicos e zoólogos que comentam o texto de frei Cristóvão; em relação à edição de 1967, foi muito aumentada, sobretudo na parte científica.”

O trabalho de edição incluiu encontrar os nomes de todos os animais e plantas presentes no livro - a edição anterior tinha lacunas e erros. Para isso foi reunida uma equipe de oito pesquisadores que se dedicaram em tempo integral à obra, possibilitando que ficasse pronta para os 500 Anos do Descobrimento. “Foi um trabalho em tempo recorde, demorou um mês e meio”, comenta Salvado.

Ilustrações - O original teria sido feito sob as ordens do frei Cristóvão a partir do momento em que ele chegou ao Maranhão. “O que ocorria na época

é que botânicos e zoólogos amadores eram acompanhados de desenhistas, que faziam as ilustrações”, informa. “O autor descrevia as espécies, no que se pode dizer que foi um trabalho de equipe.” Numa carta de 1627 a seu irmão, frei Cristóvão afirma que estava corrigindo e aperfeiçoando a obra.

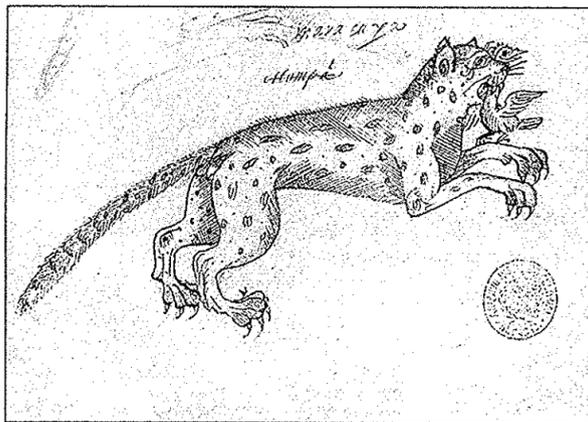
Em seu testamento, frei Cristóvão - que depois foi bispo de Angola - pede que se faça uma súplica ao príncipe para que doe 100 cruzados ao bispado para a publicação dos quatro volumes da obra. No entanto, o livro é a reprodução de um volume. “Só um códice chegou até nós. Não se sabe se os outros terão se perdido ou se nem terão sido completados”, explica Salvado. “Na época, os desenhos eram feitos em folhas soltas, que depois eram costuradas juntas; os outros códices podem nem ter existido.”

O livro foi para o Arquivo Histórico Ultramarino em 1934, ano em que é posto à ven-

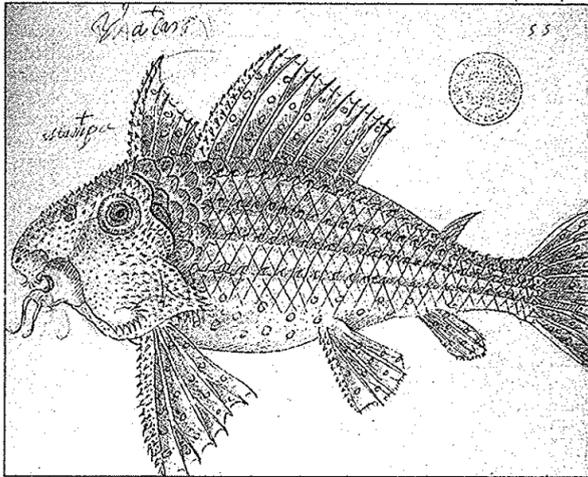
da num sebo, em Lisboa. O Estado português acaba por adquirir a obra. Uma das características do volume é que o autor procurava sempre o sentido prático no conhecimento dos animais e das plantas. “Indicava sempre para que servia qualquer espécie botânica nova, pois o objetivo era saber até que ponto as novas espécies tinham utilizações medicinais.” Sobre as plantas, o livro afirma que o abacaxi era bom para evitar lombrigas e o amendoim ajudava a curar ossos quebrados. Entre as descrições, há comentários sobre se o sabor dos animais era bom ou não.

Segundo Salvado, cerca de 50 exemplares do livro serão doados para bibliotecas e instituições de ensino de todo o Brasil. “A Comissão dos Descobrimentos tem a preocupação de colocar as suas publicações à disposição do público em geral.”

Em Portugal, apesar de ter quase 490 páginas em papel couchê, a obra será vendida por apenas US\$ 75. “É uma política nossa subsidiar o preço dos nossos livros”, diz Salvado. O livro também será vendido no Brasil, mas o preço vai depender do distribuidor. (J.R.)



Reproduções



Ilustrações do livro: primeira tentativa de síntese zoológica

Por que o Brasil tanto encanta os europeus

O estudioso inglês David Treece mostra como o País começa a superar seus estereótipos

NAPOLEÃO SABOIA
Correspondente

PARIS - Interpretada no início, na carta de Pero Vaz de Caminha e pelos missionários jesuítas como uma página em branco a ser preenchida com a mensagem do Evangelho ou glorificada como o último anexo do paraíso terrestre, a imagem do Brasil para os europeus hoje - 500 anos após a descoberta - ainda não adquiriu a complexidade alcançada por suas transformações diversas. As perspectivas, todavia, são promissoras, "chegaremos lá, é só não esquentar e deixar o barco correr". Quem assim fala, pondo acentos de pagode no seu humor britânico, é o inglês David Treece, diretor do Centro de Estudos Brasileiros do King's College de Londres, onde leciona História das Idéias e da Cultura do Brasil para alunos dos cursos de pós-graduação. Autor de vários trabalhos no campo de sua especialidade, ele está publicando, agora, nos Estados Unidos, novo livro, *Exilados, Aliados e Rebeldes*, a propósito da questão indígena no Brasil ao tempo do Império.

"A crença dos missionários de que não existia pecado abaixo do Equador virou anedótico refrão da MPB", Treece ironiza para em seguida afirmar, circunspecto: "Os estereótipos do país só do carnaval, das mulatas e do futebol vão se dissipando na Europa e na Grã-Bretanha na medida em que o Brasil deixa de ser figurante periférico e se torna interlocutor qualificado do clube das grandes nações." Nesta entrevista em torno dos 500 anos da descoberta, o humanista inglês, que é igualmente estudioso da MPB e se orgulha de saber dançar gafeira carioca e frevo pernambucano, explica, entre outras coisas, por que o Brasil, escorado na força e na originalidade de sua cultura popular, cria, canta e encanta os europeus.

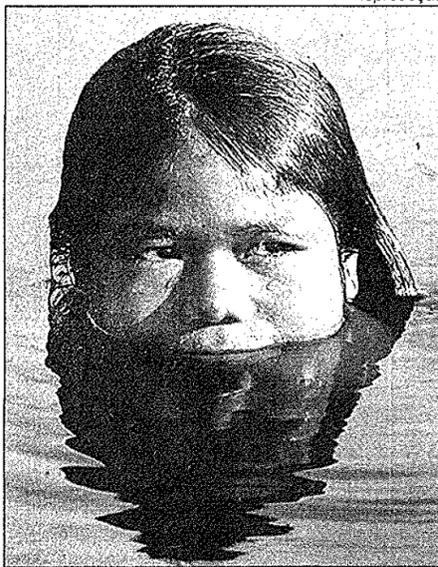
Estado - Qual foi o impacto causado pelo descobrimento do Brasil na Europa do século 16?



Celio Jr./AE

Reprodução

Vista aérea da Amazônia e um indígena da região: imagem de paraíso de floresta virgem, carnaval, mulatas e futebol já é substituída por uma percepção mais complexa e realista.



David Treece - A carta de Pero Vaz de Caminha e a ação subsequente dos missionários jesuítas são reveladoras do estado de espírito com que o descobrimento foi recebido em setores importantes da inteligência europeia da época. Em sua carta, Pero desenvolve uma espécie de mitologia do Brasil sem passado, um lugar óco, vazio, enfim, uma página em branco a ser preenchida. Ele fez, perplexo, tábuas rasas dos povos indígenas, que andavam nus, fora das normas cristãs, mas sem a menor vergonha. Para resolver esse paradoxo, os missionários entraram na área - e o consenso não apenas deles, mas também dos demais participantes da invasão europeia do Brasil, foi sumariamente errado: aqueles povos sem roupas não tinham cultura, as línguas que falavam não eram consideradas como tais, eles não sabiam cultivar a terra, viviam apenas da caça, pesca e colheita de frutos. Em cima dessa percepção errônea, colou-se, primeiro, a noção estratégica para a saga da catequese cristã, ou seja - a de que aqueles povos nus não estavam maculados pelo pecado original, permaneciam em estado edênico, salvos da queda de Adão e Eva. Daí o

CRIATIVIDADE É DESAFIO PARA TORNAR O PAÍS MELHOR

anedótico refrão da MPB de que não existe pecado abaixo do Equador... Porém, na época, essa era uma idéia muito séria e dela partiam os jesuítas para preencher a página em branco com a mensagem do Evangelho. Página em branco para tudo o mais também... Para tudo o mais, porque os colonizadores não reconheceram ou pior, negaram as diferentes línguas e culturas indígenas, ignoraram a história pré-colonial do país. A página em branco, no que se refere à identidade cultural brasileira, os colonizadores trataram de preenchê-la com idéias e mo-

delos vindos da Europa. Alguma coisa desse espírito poderia ser discernido no Brasil até a ditadura militar dos anos 60, 70. Para encorajar a ocupação da Amazônia, a propaganda militar, passando pelo mito da floresta virgem, falava de algo parecido com o slogan - uma terra sem povo para um povo sem terra. Mas, pensando bem, um resíduo desse noção da página em branco ainda subsiste lamentavelmente em alguns setores da vida brasileira que continuam relacionando, tentando amoldar a identidade nacional aos modelos, teorias, e influências

deles vindos da Europa. Alguma coisa desse espírito poderia ser discernido no Brasil até a ditadura militar dos anos 60, 70. Para encorajar a ocupação da Amazônia, a propaganda militar, passando pelo mito da floresta virgem, falava de algo parecido com o slogan - uma terra sem povo para um povo sem terra. Mas, pensando bem, um resíduo desse noção da página em branco ainda subsiste lamentavelmente em alguns setores da vida brasileira que continuam relacionando, tentando amoldar a identidade nacional aos modelos, teorias, e influências

estrangeiras, como se o Brasil não fosse emancipado, protagonista de uma história, rica, forte, com cara própria.

Estado - Cinco séculos depois da descoberta, qual é a imagem que a Grã-Bretanha e a Europa em geral fazem do Brasil?

Treece - Está havendo uma mudança, como o evidenciam mais recentemente dois modelos de publicidade na TV britânica em que o Brasil já não mais parece como o país de cultura exótica, atrasado, à margem da modernidade sofisticada e tecnicizada. No primeiro modelo, temos a publicidade de uma empresa de informática na qual se vê, primeiro, uma visão panorâmica da floresta amazônica, acompanhada de vezes indistintas. Pensei - tá, lá vem de novo a imagem do velho Brasil da floresta virgem, mulata e futebol. Mas não, de repente, surgem na tela dois jovens brasileiros falando português (com legenda em inglês). Trata-se de dois técnicos de informática discutindo o assunto. A outra publicidade refere-se a duas pessoas que brincam de capoeira na praia e, ao cabo de um momento, pegam seus telefones celulares e começam a se comunicar com os amigos. Vemos aí o encontro das culturas popular e tecnológica, temos então uma imagem mais fiel do Brasil de hoje, que associa a tradição e a modernidade. É uma percepção mais complexa do Brasil. A mesma busca da diversidade brasileira se encontra nas capas de discos que ultrapassaram a monocultura do samba e hoje oferecem CDs de pagode, choro, músicas regionais, etc. Na parte política, é mais difícil verificar a mudança porque a mídia britânica e europeia não acompanham a atualidade brasileira de perto. Entretanto, pela repercussão imensa que teve a crise financeira do Brasil em fins 98 e início de 99, os europeus se deram conta mais concretamente do peso cada vez maior do País na economia e na política mundiais. Hoje, sabe-se que o Brasil, na dinâmica da globalização, tem posição destacada, é um interlocutor qualificado e não mais o figurante periférico do passado.

Estado - Entre seus alunos, qual seria o sentimento dominante em relação ao Brasil?

Treece - O nível de informação deles sobre o Brasil aumenta a cada ano, a curiosidade e o desejo de conhecer o País são

500 anos

cada vez maiores. Há neles a vontade de ir além das noções superficiais e de superar os preconceitos. Fico muito reconhecido com o fato de que eles não saem dos cursos com conclusões bem arrumadinhas, mas com as cabeças repletas de questões que puxam questões sobre que diabo é o Brasil e para onde ele vai.

Estado - O Brasil teria algo a oferecer à Europa nestes tempos de globalização?

Treece - Tem sua criatividade em todos os aspectos, que empolga todo europeu que vai lá. A meu ver, é falsa e romantizada a idéia de que o povo brasileiro faz as coisas - cria, canta, ri e goza da pobreza por espírito de resistência ao pior, para melhor exorcizar a miséria. Nada disso. Creio que a criatividade do brasileiro é produzida por um elã vital muito mais ambicioso e desafiador - o de querer transformar o País em todos os níveis, de fazê-lo melhor. É a originalidade de tal espírito inventivo reside no fato de que ele, aplicado ao processo de modernização do País, se exprime de baixo para cima, sob o impulso da cultura popular que engendra empreendimentos lucrativos ao lado de iniciativas de caráter altruístico, solidário, envolvendo as diferentes comunidades nacionais. O Movimento dos Sem Terra, por exemplo, me surpreendeu não por sua dimensão política, mas pela sua incrível criatividade em matéria de cultura para novas formas de ensino, auto-ensino, de preparação de quadros para as atividades produtivas, para a administração da vida cotidiana. Essa criatividade já começa a atravessar o oceano sob a forma do intercâmbio que faz com que técnicos brasileiros sejam chamados à Europa para transmitir suas experiências no trato de problemas urbanos e comunitários. Em suma, o Brasil virou uma fantástica usina de idéias e de surpresas para quem está à procura de novos caminhos no século que começa.

A grande fronteira da contracultura

Título foi dado ao Brasil dos 500 anos pelo historiador francês Marc Ferro

PARIS - O historiador francês Marc Ferro, da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris, está convencido de que o Brasil, aos 500 anos de idade, encarna "a grande fronteira da contracultura" ou a alternativa de civilização para o mundo moderno em face do modelo uniformizador das sociedades proposto pelos Estados Unidos. Para o autor de *História das Colonizações* (traduzido no Brasil), o exemplo brasileiro de civilização seria bem mais sedutor ainda se fossem reduzidas as "desigualdades sociais alarmantes no País". No seu entender, uma vez fortalecida a harmonia social por uma melhor distribuição da renda nacional, "o Brasil tenderia a desempenhar, hoje, papel parecido com o que exerceu no século 16, quando, pela sua descoberta, deslocou de modo definitivo o centro de gravidade do mundo do Mediterrâneo para o Atlântico".

Na dinâmica dessa transformação, Ferro acrescenta: o Brasil iria ser também o precursor do modelo de mobilidade espacial ou geopolítico que se torna agora universal com o processo de globalização. Nesta entrevista ao Estado, o mestre francês, igualmente autor e apresentador do prestigioso programa *História Paralela*, na TV francesa, oferece sua interpretação sobre as consequências da descoberta do Brasil e empreende a análise prospectiva dos trunfos de que dispõe o País para a construção do mundo do século 21.



Reprodução

Lavoura de café do início do século: cultura do produto e surgimento da indústria fizeram São Paulo tornar-se a matriz brasileira

Estado - Qual foi o impacto da descoberta do Brasil na Europa do século 16?

Marc Ferro - O centro de gravidade do mundo e de suas atividades econômicas e culturais deslocou-se do Mediterrâneo para o Atlântico, de modo definitivo e completo, o que não tinha sido ainda possível com os descobrimentos antecedentes de outras porções das Américas. O tráfico de escravos foi capital nesse processo de deslocamento que definiu e deu sentido concreto e pragmático à geografia. Os portugueses entravam-se então no apogeu de suas conquistas científicas e geopolíticas.

Estado - Cinco séculos após a descoberta, como o sr. acha que a Europa vê o Brasil?

Ferro - Como o primeiro exemplo histórico de um país que

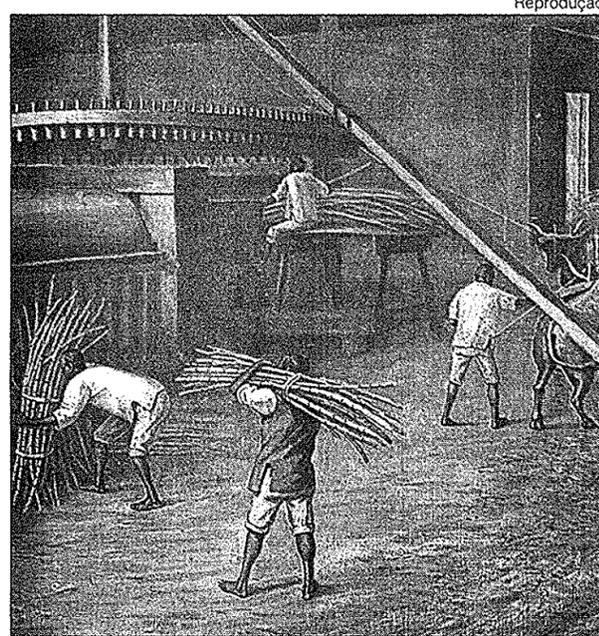
antecipou de dois a três séculos a prática, agora adotada pela Europa, da mudança periódica de seu centro de gravidade. A França e a Inglaterra, que tiveram sempre em Paris e Londres seus centros de gravidade, fixos, imutáveis, passaram a mover-se de uns anos para cá, na dinâmica das políticas de descentralização econômica e administrativa. Mas estão longe de atingir a incrível mobilidade do Brasil. Embora sendo esse enorme paquiderme, ele não pára de "mudar de centro" e cria novas matrizes desde a colonização. Tudo começou na Bahia. Depois se sucederam como centros Pernambuco, do açúcar; Minas Ge-

rais, do ouro; Rio, das festas imperiais; São Paulo, do café e da indústria; Amazônia, da borracha e, mais recentemente, o Brasil central, com Brasília como porta simbólica de entrada. O Brasil foi, então, o precursor do modelo de mobilidade espacial ou geopolítico que se torna agora universal com o processo de globalização.

PRECURSOR DO MODELO DE MOBILIDADE ESPACIAL

Estado - O que acha da profecia de Georjges Clemenceau, segundo a qual "o Brasil é país de futuro e assim permanecerá"?

Ferro - Clemenceau externou uma visão arcaica da História, baseada na ideologia do estado-nação do século 19, pela qual cada



Reprodução

Cultura da cana em Pernambuco: um dos centros de gravidade

país na sua evolução passa por fases inelutáveis. Daí país jovem, país maduro, país de futuro. Hoje, com a globalização, se verifica que a idéia de progresso é bastante diversa. O próprio Brasil pode servir como referência disso. Vocês têm o Brasil atrasado no Nordeste, um Brasil moderno e industrializado no Sul, mas é preciso ver que o grau elevado de desenvolvimento de um país já não se mede apenas pelo lado técnico, comercial e industrial. As sociedades complexas que se vão continuar formando no século 21, na esteira das migrações intercontinentais, terá seus índices de desenvolvimento também determinados pela qualidade da interação de seus vários componentes étnicos. Nesse domínio, o Brasil poderia ser o grande exemplo para a forja de uma nova civilização se não fosse a pobreza que atinge

grande parte de sua população e fragiliza a harmonia da sociedade em seu todo.

Estado - Aos 500 anos de idade, o Brasil teria alguma coisa a oferecer à Europa?

Ferro - Se as desigualdades sociais alarmantes que o país conhece forem reduzidas, o Brasil poderá constituir o modelo de civilização capaz de resistir à uniformização cultural do mundo segundo valores norte-americanos. Basta ver a vitalidade da cultura popular brasileira. Ela tem esse dom que a torna original e única - o de saber criar o prazer e contagiá-lo. Após perder, na busca da prosperidade, a espontaneidade para a arte de viver, o europeu procura agora com frenesi as ocasiões de festa e toma o Brasil, neste capítulo, como a grande fronteira da contracultura. Com razão. (N.S.)

Nasci para a etnologia no Brasil, diz Lévi-Strauss

Membro da missão francesa que participou da formação da Universidade de São Paulo, o intelectual acredita que o País pode servir como exemplo de integridade geopolítica para o processo de unificação da Europa

Divulgação

NAPOLEÃO SABOIA
Correspondente

Claude Lévi-Strauss, aos 92 anos, afirma que nasceu para a etnologia no Brasil. É a sua maneira de reforçar sua confiança na capacidade de o País, com sua "explosão de criatividade", contribuir para a redefinição da identidade cultural e política da Europa no atual processo de unificação. Integrante da missão francesa que participou da criação da Universidade de São Paulo nos anos 30, professor do Collège de France, membro da Academia Francesa, o "papa" da etnologia contemporânea aponta como outra referência da imaginação inventiva do Brasil a obra de Mário de Andrade: "Só hoje é que nos damos conta, por exemplo, do quanto a literatura de Mário era de vanguarda, uma vez comparada com o que se escrevia na Europa da época (anos 20 e 30)."

No plano geopolítico, o mestre francês observa que a Europa deveria voltar-se, no projeto de unificação, para o exemplo do Brasil, "esse artífice de uma admirável unidade nacional que se mantém intacta e orgânica, apesar das desigualdades regionais vertiginosas". Nesta entrevista, Lévi-Strauss fala da atualidade brasileira e europeia e sobre o impacto causado pelo descobrimento do Brasil na Europa do século 16, além da percepção que os europeus têm hoje do Brasil, 500 anos após a expedição de Cabral.

Estado - O que significou a descoberta do Brasil para a Europa do século 16?

Claude Lévi-Strauss - Creio que foi essencialmente por intermédio do Brasil que a Europa tomou de verdade consciência do Novo Mundo. O que me impressiona quando leio os autores antigos é o fato de que nos anos seguintes à chegada de Cabral, uma intensa atividade instalou-se nas costas brasileiras. Desde os primeiros tempos, pois, os portugueses, os franceses e outros europeus serviram de intermediários nas relações dos índios com os novos navegadores que chegavam. Temos aí o fenômeno de um mundo que, longe de permanecer desconhecido, isolado, agitou-se e ativou-se desde a primeira hora. Dessa maneira, uma vulgarização de conhecimentos, digamos, sobre o Brasil e sobre os índios ocorreu muito rapidamente na Europa. Claro, quando comparamos os textos dos primeiros viajantes, como André Thevet e Jean de Léry, com os de outros navegantes e também com os testemunhos indiretos dos que não viajaram - como Montaigne - verificamos que todos contam quase a mesma coisa sobre o Brasil e o índios. Por isso, eles eram acusados com frequência de copiarem-se, de pilharem-se entre si... O essencial é que um sistema de informantes, de intermediários funcionou desde o início, fazendo com que conhecimentos elementares sobre as realidades brasileiras e ameríndias se tornassem rapidamente uma espécie de patrimônio pan-europeu, se posso exprimir-me assim.

Estado - Quais foram as consequências do Descobrimento?

Lévi-Strauss - A viagem de Cabral mudou a visão europeia. Curioso, nos anos seguintes à viagem de Colombo, a Europa pouco reagiu ao acontecimento. Parecia prevalecer o sentimento de que aquilo não significava grande coisa, afinal, as narrativas da antiguidade já evocavam aventuras do gênero, a existência de populações desconhecidas. Somente na segunda metade do século 16 e de modo progressivo é que o impacto das Américas se fez sentir profundamente. A Europa tomou

então consciência de que só representava uma parte da humanidade.

Estado - E a parte do Brasil nessa visão?

Lévi-Strauss - Penso que um dos pontos mais fortes nesse capítulo está expresso na intensidade da produção literária europeia sobre o Brasil do século 16. Tivemos os franceses, Thevet, de Léry e outros, depois surgiram os cronistas-missionários portugueses, Anchieta, Cardim, Magalhães Gândavo, Nóbrega e Soares de Souza, entre tantos. Aí temos o acervo literário sobre o qual repousa todo o pensamento filosófico da Europa a partir da segunda metade do século 16.

Estado - Desses livros fundadores, quais o senhor destacaria?

Lévi-Strauss - Sempre reservei lugar especial para *Histoire d'un Voyage en Terre de Brésil*, de Jean de Léry, porque não se trata apenas de um grande livro de etnografia, como também de uma obra-prima literária. O que ele descrevia e que se situava a 10 mil quilômetros continua sendo, quatro séculos depois, extraordinário. É como se fosse uma feitiçaria. Léry nos faz reviver no presente um espetáculo formidável. Pelo seu texto, nós descobrimos o Brasil, a fauna, flora, a baía da "França Antártica", ou seja, a do Rio de hoje. O olhar de Léry guarda um frescor admirável. Em suma, a leitura de Léry ajudou-me a escapar de meu século, a retomar contato com o que eu chamaria de super-realidade, que não é aquela dos surrealistas, mas uma realidade bem mais real ainda do que a que testemunhei no Brasil Central dos anos 30. Léry viu coisas inestimáveis, que não têm preço, por

que as viu pela primeira vez 400 anos atrás. Material para um filme? Sem dúvida, como eu já havia sugerido em *Tristes Trópicos*. É estranho que até hoje ninguém tenha pensado em realizar o grande filme que merece a aventura de Villegagnon tal como Léry a descreve. É uma história apaixonante com todos os ingredientes da epopéia: peripécias dramáticas, paisagens grandiosas, personagens fascinantes, tem de tudo aí.

Estado - O mito do "bom selvagem" surgiria a partir de Léry?

Lévi-Strauss - Não. Léry fez um sucesso imenso, seu livro teve edições sucessivas, mas o mito que culminou com a "Filosofia das Luzes" foi fruto, como as "Luzes", de influências diversas. Nos Estados Unidos, o "nobre selvagem" constituiu verdadeira ideologia.

Estado - O senhor distinguiria alguma diferença entre a colonização portuguesa e a espanhola?

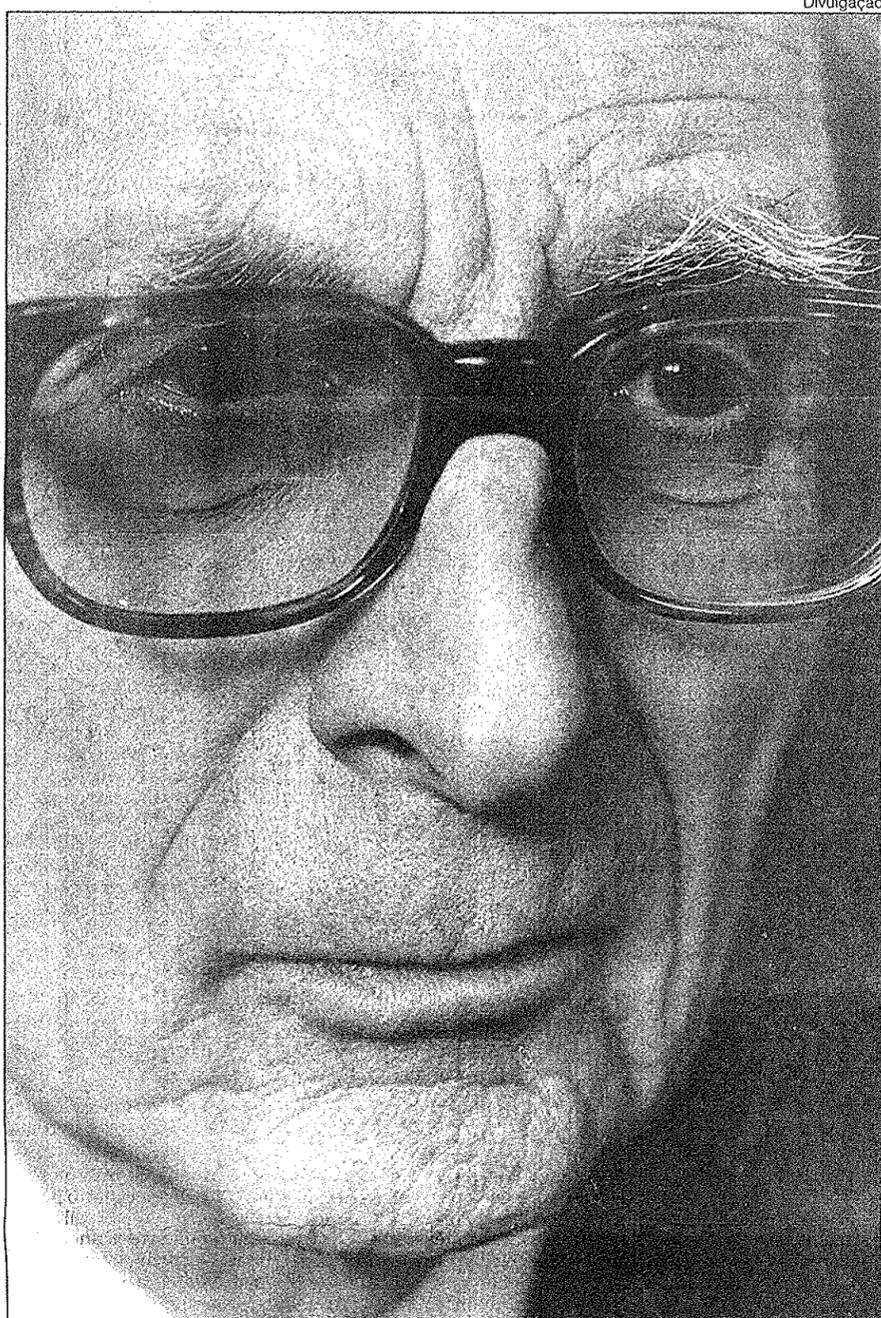
Lévi-Strauss - Não sou especialista da história colonial para poder falar. Pelo que sei, a colonização portuguesa, infelizmente e sem querer ser indulgente com a espanhola, foi de uma grande brutalidade.

Estado - Cinco séculos após a descoberta, como o senhor pensa que a França e a Europa vêem o Brasil?

Lévi-Strauss - Alguns dizem, como Clemenceau, que o Brasil "é um país de futuro e assim permanecerá". Os franceses do século 19 eram muito irônicos e achavam-se superiores em relação aos outros povos. Enfim, não se pode, contudo, esquecer que a França e o Brasil estabeleceram vínculos estreitos, primeiro por intermédio de Auguste Comte e depois houve toda a influência de Pasteur.

Estado - O senhor acha que houve uma evolução na percepção europeia do Brasil?

Lévi-Strauss - Em meu domínio, a etnologia, a presença do Brasil se faz sentir profundamente. Na verdade, a etnologia praticamente não existia quan-



Lévi-Strauss: "O Brasil ocupa hoje a primeira posição no mundo em matéria de estudos etnológicos"



O brasileiro Mário de Andrade: para etnólogo, vanguardismo do escritor superou o da Europa

500 anos

do cheguei em São Paulo nos anos 30. O que havia nessa área estava nas mãos de velhos filólogos, preocupados essencialmente com a gramática da língua geral, com o tupi-guarani mas que não realizavam pesquisas de campo. Mais uma vez não hesito em repetir - porque já disse e escrevi isso em outras ocasiões - o Brasil ocupa, hoje, no mundo inteiro, a primeira posição em matéria de estudos etnológicos.

Estado - Mas nos programas escolares de base, em particular no curso secundário, o Brasil só é estudado em geografia como nos seus tempos de colegial.

Lévi-Strauss - Creio que a posição do Brasil no ensino dos meus tempos de liceu era muito pior do que hoje. Para mim, o Brasil era um país mítico, sobre o qual eu não tinha qualquer espécie de noção. Apressei-me em reduzir minha ignorância do país, porém ela permanece grande até hoje.

Estado - A seu ver, a fecundidade do Brasil no campo etnológico entraria na categoria mais abrangente da criatividade brasileira, da faculdade que tem o País de produzir novos conhecimentos, novas formas de ação para construir-se?

Lévi-Strauss - Essa criatividade e a busca de uma posição de frente já eram impressionantes quando cheguei a São Paulo por volta de 1934. As grandes novidades europeias eram logo detectadas, adotadas, ultrapassadas em larga escala nas transformações operadas pela imaginação brasileira. Só hoje nos damos conta, por exemplo, do quanto a obra de Mário de Andrade era de vanguarda uma vez comparada com o que se escrevia na Europa da época.

Estado - O que acha das teorias segundo as quais a criatividade brasileira decorre da mestiçagem de raças e culturas?

Lévi-Strauss - Há um duplo sentido na memória do que vivi a respeito da miscigenação brasileira. De um lado, ela ocupava lugar de destaque na ideologia dominante, mas, reverso da medalha, era despojada de um objetivo, servindo apenas para mascarar diferenças econômicas profundas. Em suma, o que nos Estados Unidos era formalizado numa linguagem de raça aparecia traduzido no Brasil somente e mais ou menos numa linguagem de classe.

Estado - Na dinâmica da globalização, o que o Brasil poderia oferecer à Europa?

Lévi-Strauss - É no Brasil que se faz, hoje, o que há de melhor no mundo no campo de minha especialização - estudos e pesquisas de etnologia. O País já oferece essa contribuição muito revelante. Não posso ajuizar as possibilidades em outras áreas do conhecimento, mas essa espécie de explosão intelectual, explosão de criatividade que se observa no Brasil deve contagiar as outras disciplinas próximas da minha. Quanto à globalização, não sou muito entusiasta dela. Em todo caso, penso que dentro de tal tendência, o Brasil, esse país enorme, tão diverso em suas paisagens geográficas e humanas, artífice de uma admirável unidade nacional - que se mantém intacta e orgânica, apesar das desigualdades regionais vertiginosas - pode servir de exemplo à Europa agora, no momento em que esta busca na unificação uma nova identidade política. Enfim, o Brasil, que me fez nascer para a etnologia, pode oferecer à Europa muitos dos frutos de sua inteligência e imaginação nos diferentes setores de atividade.

LEITURA DE
JEAN DE LÉRY
FEZ COM QUE
ELE TIVESSE
CONTATO
COM A
REALIDADE

Equívocos da nova história oficial do Brasil

Na década de 70, a esquerda passou a ver no mundo branco a fonte de todos os horrores

ANTONIO RISÉRIO
Especial

Quando alguém se refere à "história oficial" do Brasil, o que vem à mente é o discurso celebratório da colonização portuguesa. Mas a verdade é que esse discurso, uma visão lusocêntrica do processo brasileiro, já está arquivado. É a velha história oficial do Brasil. O fato, que poucos estão notando, é que existe, hoje, uma nova história oficial do País. Sim: a contra-história brasileira, tecida basicamente a partir da década de 1970, converteu-se em discurso hegemônico. Atingiu as salas de aula de colégios públicos e particulares, onde hoje professores contestam a idéia de um "descobrimiento" do Brasil, ao tempo em que capricham na eloquência para denunciar o "genocídio" dos índios que viviam por aqui.

Não se trata mais de iniciativas isoladas. Da ação de pequenos grupos contestadores. O que vemos é uma práxis escolar que se alimenta da linguagem historiográfica agora dominante. Além disso, essa con-

tra-história foi se gravar nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais, do Ministério da Educação e do Desporto. Neste caso, todavia, temos que fazer a ressalva: a orientação educacional gerada pela equipe do Ministério é matizada e aberta. Na prática, infelizmente, as coisas não são tão nuancadas assim. Daí que seja possível dizer que o que se está levando atualmente à nossa juventude é, em suas linhas centrais, a ideologia historiográfica que a esquerda brasileira compôs há umas duas ou três décadas, a caminho do crepúsculo do regime militar.

Vamos reavivar a memória. Até à década de 70, vigorou socialmente, no ambiente brasileiro, a nossa velha história oficial. A esquerda, de resto, ignorava pretos e índios. Poucos se lembravam, aliás, de que ainda existiam índios em nosso território. Naquela década, no entanto, negromestiços e ameríndios voltaram a ganhar visibilidade na cena brasileira. Uma visibilidade cada vez mais intensa. Ampliava-se, no País, uma consciência ou uma sensibilidade

antropológica. Foi um momento especial na história de nossas relações sócio-raciais. E boa parte da esquerda vinha então trocando o panfleto proletário pela retórica das "minorias", supostas ou reais: índios, homossexuais, negros, mulheres. Configurou-se, nesse contexto, o discurso de uma contra-história do Brasil. Um discurso que abria fogo contra os conquistadores brancos e tomava o partido de negros e índios, enfatizando repressões, torturas e massacres (não por acaso, num momento em que a esquerda era reprimida nas ruas e torturada em quartéis).

Reagíamos enfim, e em número sempre maior, contra as falcatruas daquela que era, então, a nossa história oficial. Contra uma leitura de nossa formação histórica que descendia de Varnhagem e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, retemperada no caldeirão da mitologia de que os brasileiros haviam construído, nos trópicos, um modelo de democracia racial. Foi uma reação saudável, necessária, politicamente justa e culturalmente signifi-

500
anos



Reprodução

Zumbi dos Palmares reprojeteu-se em novas luzes: bandeirantes passaram a ser meros assassinos de índios, na visão triunfante da contra-história

cativa. Era preciso dar um basta ao velho ilusionismo que vinha do tempo do Império. Acender os refletores sobre o fundo do fundo do palco, para onde haviam sido empurrados e empilhados, indistintamente, negros e índios.

Consenso – Aos poucos, e de modo até mesmo rápido, essa contra-história foi se tornando consensual em meio à inteligência brasileira. Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, deve se lembrar de que, ainda em 1973, no texto *Classes Sociais e História: Considerações Metodológicas*, chegou a afirmar que as peripécias dos escravos, no Brasil, pertenciam "às páginas dramáticas da história dos que não têm história possível". Aquela altura, para o nosso atual presidente, os escravos teriam sido "testemunhas mudas de uma história para a qual não existem senão como uma espécie de instrumento passivo sobre o qual operam as forças transformadoras da história". Na segunda metade dessa mesma década de 70, porém, Cardoso jamais escreveria uma coisa dessas. A contra-história conquistara já meios intelectuais, semi-intelectuais, para-intelectuais e pseudo-intelectuais, batendo firme em sua rival encarnecida. Até que se tornou, por assim dizer, inquestionável.

O conquistador lusitano foi condenado às chamas mais vivas do inferno. Tratava-se, agora, de ressuscitar histórias de negros e de índios. De redimensioná-las no curso da história brasileira. Com isso, desencadeou-se uma série de retificações e de inversões do velho discurso historiográfico. Zumbi dos Palmares, por exemplo, reprojeteu-se, sob novas luzes, em nosso horizonte. Os bandeirantes, por sua vez, passaram de construtores do mapa do Brasil, desbravadores mamelucos que



Reprodução

Primeiros habitantes: vítimas e símbolo da 'eco-felicidade'

negros chutavam a porta e batiam na mesa. De resto, nosso mundo político e cultural não seria o que é, hoje, sem toda aquela agitação. Mas não podemos permanecer presos àquele horizonte de inversões e negações. A parcialidade e o maniqueísmo da contra-história são óbvios para quem quer que reflita de modo sério e sereno sobre nós mesmos. E tem mais: antes que encarnação dos humilhados e ofendidos, a contra-história mais sugere o ponto de vista do colonizador culpado. Sua demonologização dos portugueses e correspondentes idealizações de ameríndios e africanos são evidentes – distorções produzidas não só pela necessidade de desmantelar a velha história, mas também por um "mea culpa" tumultuado e rumoroso.

De fato, a contra-história pretendeu reduzir a História do Brasil a um filme de bandido e mocinho. De um lado, o estuprador português, estruturalmente assassino. De outro, o índio eco-feliz e o africano luminosamente rebelde, ambos vítimas de um processo sádico. Ora, isto é uma simplificação caricatural da história. Inexistem povos-anjos e povos-demoníons. Quem tomou a terra dos tupinaés, na Bahia de Todos os Santos, não foram os portugueses, mas os tupinam-

bás, com a sua implacável máquina de guerra. Do mesmo modo, o comércio negreiro foi altamente lucrativo também para os negros, produzindo até formações estatais poderosas na costa ocidental africana, como o Estado do Daomé, que enviava embaixadas ao Brasil na tentativa de monopolizar mercados para a exportação da moeda de escravos.

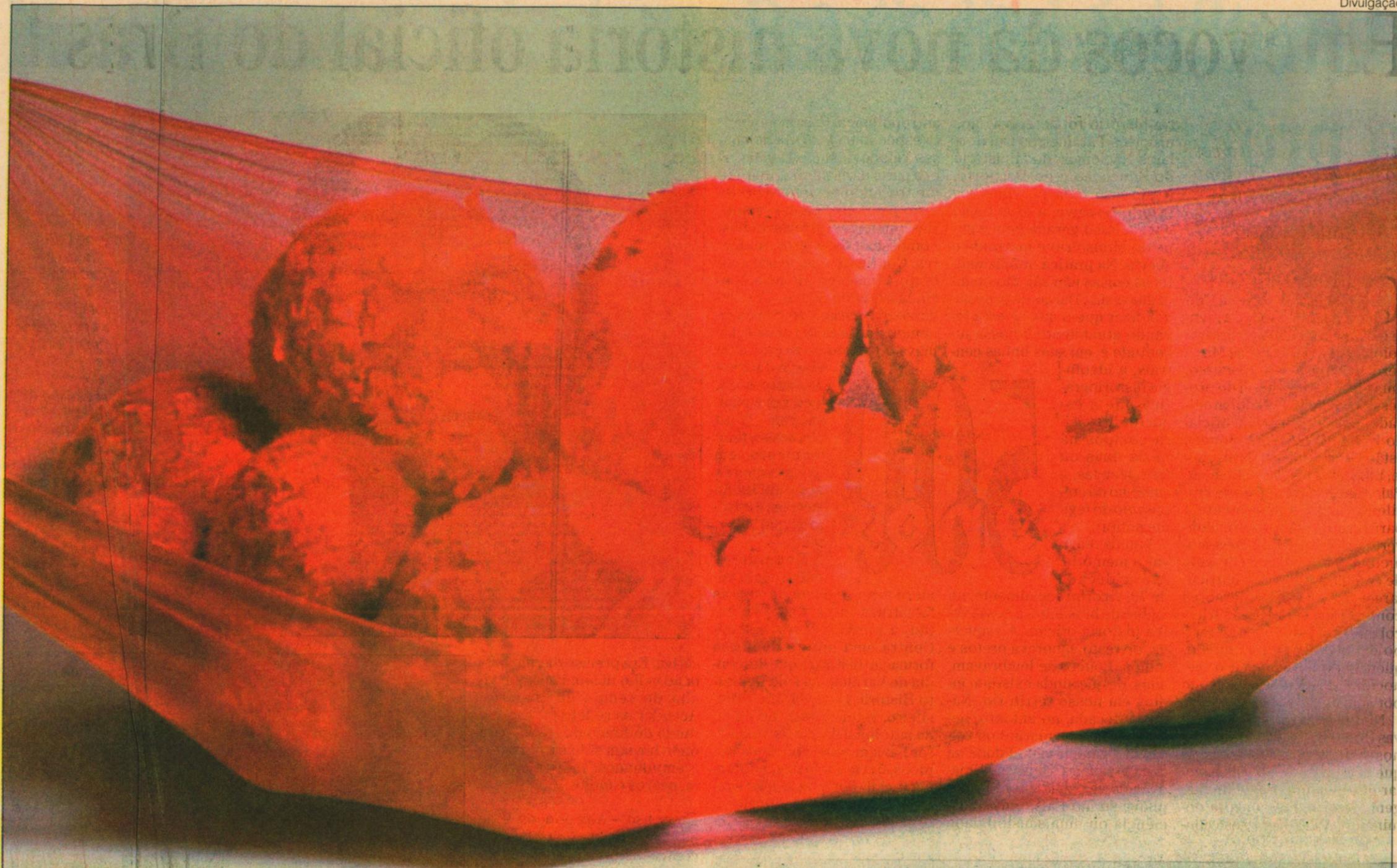
Maniqueísmo – A contra-história da década de 70 nunca quis saber de coisas desse tipo. O "mundo branco" era a fonte de todas as desgraças – e o ponto final. Acontece que esse maniqueísmo e suas mistificações não foram abolidos, no percurso que se converteu em história oficial do Brasil. Este é o problema: por não ter superado o que deveria, a nova história oficial não é muito mais que o avesso da velha. E o que é necessário fazer é uma outra coisa. Se queremos chegar a uma compreensão mais profunda de nós mesmos, não podemos transformar os nossos antepassados em fantasias a-históricas. Temos que encarar-los em sua complexidade real. Em suas grandezas e misérias. Enquanto isso não acontecer, estaremos apenas substituindo mitos antigos por mitos novos.

PASSADO
NÃO PODE
SER UMA
FANTASIA

ignoram solenemente os limites delineados em Tordesilhas, a meros assassinos de índios. E essa contra-história, como disse, triunfou. Ainda bem, acho. Mas, ao vê-la agora convertida em nova história oficial, não posso deixar de lembrar algumas coisas.

Aquele discurso contestador temperado na década de 70, a que estou chamando "contra-história", é um discurso datado. Foi importante, sim, mas como resposta precisa num determinado espaço conjuntural. Radicalização discursiva num momento em que índios e

■ Antonio Risério é poeta e antropólogo, autor de entre outros, 'Textos e Tribos: Poéticas Extra-ocidentais nos Trópicos Brasileiros', 'Ensaio sobre o Texto Poético em Contexto Digital' e 'Oríki Orixá'



'Manto Tupinambá', de Lygia Pape: obra faz releitura dos mantos de plumas indígenas levados para museus europeus; apenas um deles foi emprestado para esta exposição

O Brasil redescobre sua arte

Amanhã à noite, os presidentes Fernando Henrique Cardoso e Jorge Sampaio inauguram a 'Mostra do Redescobrimento', numa festa para 10 mil convidados. A exposição é a maior já realizada na América Latina e custou R\$ 40 milhões apenas para a montagem de sua versão paulistana. Págs. D12 a D17

500
anos

Arte do século 20 faz a própria cenografia

Cinza toma conta do ambiente do segmento que tem curadoria de Nelson Aguilar

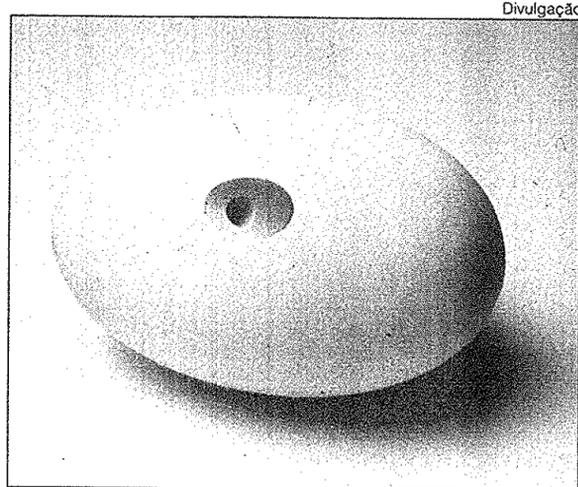
ANA WEISS

O espectador que optar por assistir à *Mostra do Redescobrimto - Brasil + 500* em ordem cronológica, corre o risco de sentir um certo estranhamento ao chegar ao século presente. Como descreve o próprio curador dos núcleos *Arte Moderna e Contemporânea*, Nelson Aguilar, após mergulhar no ambiente quase opressivo provocado pela cenografia que cerca a arte barroca e pelo cenário "pátrio" inventado para abrigar as obras do século passado, o público encontrará em torno da arte do século 20, um silêncio vazio, o que, dependendo do ponto de vista, pode parecer com uma espécie de angústia ou de alívio.

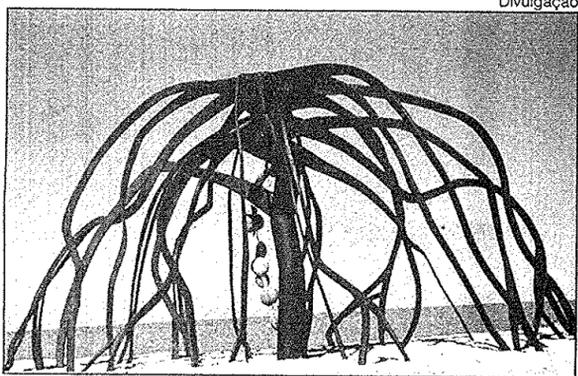
A verdade é que a montagem da produção moderna e contemporânea, concentrada no Pavilhão da Bienal (Cicillo Matarazzo), é a única que está sendo apresentada sem os recursos cenográficos presentes em quase todo o restante da exposição.

Ausência de cor - Sabidamente, o curador e o arquiteto Paulo Mendes da Rocha optaram por um ambiente neutro, pela ausência de cor representada por uma tonalidade de cinza, evitando assim qualquer intervenção na mostra que não seja a criada pelas próprias obras participantes. "As criações deste século são a própria cenografia", abrevia ele. "Se quiser, o espectador também pode relacionar essa ausência com o vazio do século", avisa.

Esse núcleo da mostra que dá conta dos últimos 100 anos da história da arte brasileira, conta Nelson Aguilar, foi organizado por meio de um cruzamento de listas. Ele comenta que, durante os últimos três anos, juntou uma grande quantidade de listas nas quais gente ligada ao mundo das artes



Obra de Sérgio Camargo: destaque da escultura deste século



'Flor do Mangue' (1973), de Franz Krajcberg: novas mídias

apontava os cem artistas que considerava mais importantes para este século.

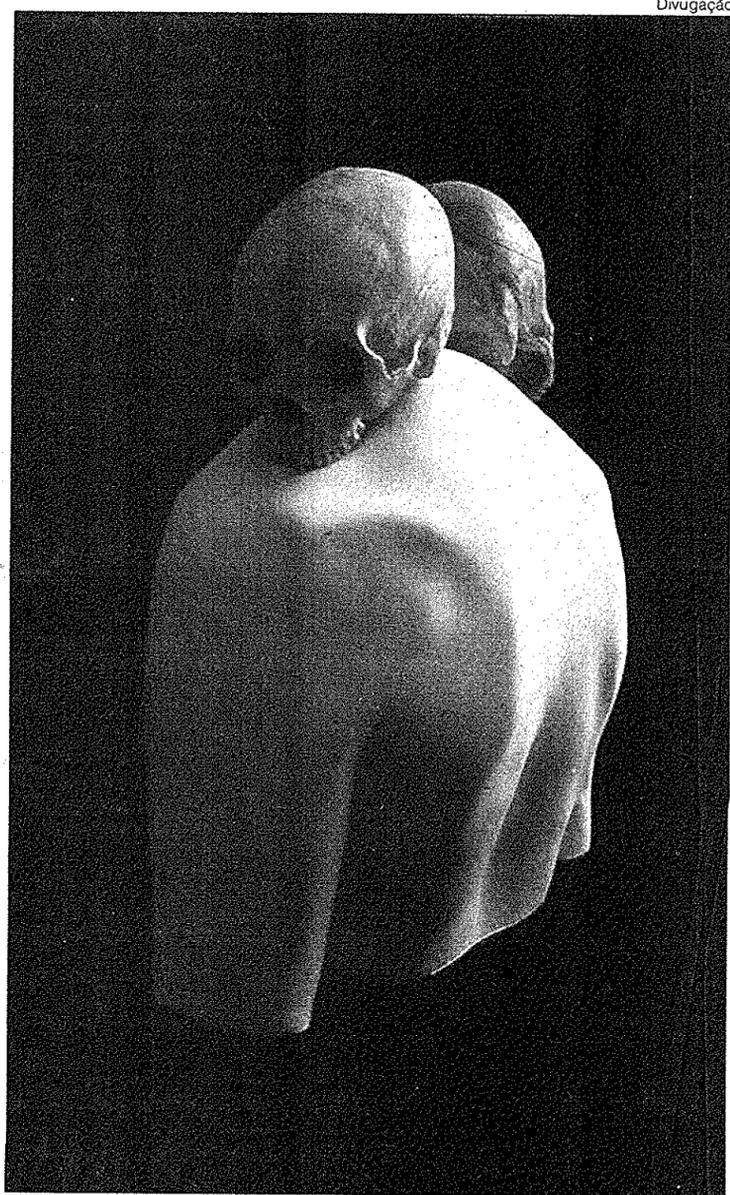
De certa forma, o curador democratizou a responsabilidade na eleição dos emblemas da arte do século 20, consensos como a tela *Mestiço*, de Portinari, ou a instalação *Item Lázaro*, de Leonilson (as camisas mostradas originalmente na capela do Morumbi). "Desa forma, a exposição não apresenta nenhuma surpresa", acrescenta.

Mas, apesar desse caráter emblemático, a mostra não pode ser chamada de previsível. Mesmo que Aguilar negue as surpresas, ninguém poderia prever, por exemplo, que um dos principais recortes da his-

tória da arte brasileira, a do século 20, partisse de uma série de ilustrações para um livro de ficção científica.

Datadas de 1903, as criações de Henrique Alvim Correia para o clássico *A Guerra dos Mundos*, de H.G. Wells, abrem o módulo que costura de Pancetti a Marepe com uma linha eminentemente historiográfica.

No lugar da conhecida divisão moderno/contemporânea, a mostra é estruturada sobre três momentos do desenvolvi-



Trabalho de Luiz Zerbini, um dos artistas que integram a mostra: leitura crítica dos 500 anos de dominação

mento da arte do século. O primeiro deles, o curador descreve como período da centrifugação, época em que a arte nacional absorveu e digeriu influências externas, como as das chamadas vanguardas europeias e, a partir daí, desenvolveu as grandes coleções de obras que falam dos temas e das cores nacionais.

Essa etapa junta trabalhos de Waldemar Cordeiro a exemplares das primeiras fases de Lygia Clark e Hélio Oiticica, este último re-

presentado pelos *Metaesquemas*. "Trata-se de um momento em que se criava um cenário para o País", esclarece Aguilar. O segundo momento reflete o que o curador considera como fase centrípeta da criação nacional, etapa que diz respeito ao momento em que se enxugou o excesso de informação presente na fase de formação da arte moderna brasileira. Nela estão incluídos, por exemplo, trabalhos como os representantes da segunda fase de Oiticica.

Rompimento - Finalmente, o terceiro momento absorve o rompimento com a tradição dos suportes, que marca o início da contemporaneidade na

arte. A fase que Aguilar chama de novas mídias reúne de Franz Krajcberg a Tunga. Mas um dos grandes focos desse momento é a fotografia, que chega quase a ser um segmento à parte, reunindo cerca de 70 imagens criadas por Geraldo de Barros, Miguel Rio Branco, Rochelle Costi e Vik Muniz.

Aguilar diz que quase todos os trabalhos da exposição são conhecidos de público e que nenhuma obra foi encomendada especialmente para a exposição. "Afinal de contas, mesmo com a forte participação contemporânea, essa é uma mostra histórica e conta apenas com a participação de artistas com a trajetória bastante sedimentada", conclui.

500 anos

Uma homenagem a Nise da Silveira

O módulo 'Imagens do Inconsciente' reúne 300 obras que avalizam o trabalho da psiquiatra

Quando Mario Pedrosa falou pela primeira vez do Museu das Origens, em 1978, as "imagens do inconsciente" já estavam incluídas no projeto que previa mostrar uma síntese da arte brasileira e que serviu de primeiro alicerce para a *Mostra do Redescobrimto*.

O conjunto de mais de 300 obras do módulo *Imagens do Inconsciente*, expostas no Pavilhão da Bienal, representam, por essa razão, uma reafirmação da importância das obras criadas em confinamentos psiquiátricos na história da arte brasileira. Mais que isso, a mostra é um reconhecimento importante da luta de Nise da Silveira (1906-1999), que participou da montagem até sua morte, em outubro. Luta continuada pelo grupo crescente de psiquiatras e psicanalistas que prosseguem com a bandeira da humanização no tratamento de pacientes com distúrbios mentais, alguns deles representados na exposição.

Pacientes como Fernando Diniz e Emygdio de Barros estiveram sob os cuidados da psiquiatra alagoana e hoje participam da mostra em grandes salas especiais. "É uma emoção muito forte ver isso tudo montado", disse Luiz Carlos Mello, conhecido como Lula, curador da mostra e atual diretor do Museu de Imagens do Inconsciente - fundado pela médica no hospital carioca em que atuou durante três décadas.

Lula, que acompanha o trabalho de Nise há quase 30 anos, acompanhou o acervo em exposições significativas, mas acredita que essa exibição funcionará como um novo estímulo no reconhecimento da mensagem de vida da psiquiatra que substituiu eletro-



Carlos Pertuis: na mesma sala de Arthur Bispo do Rosário

choques pelo estímulo à criatividade.

O curador reuniu obras não só do museu localizado no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II (onde funciona o Museu de Imagens do Inconsciente, que está passando por reformas para receber também a memória de sua fundadora), mas também de outros acervos, como o Museu Osório César, no Complexo Hospitalar Juqueri, ou do Instituto Juliano.

Do último, a Bienal tomou emprestada uma série de trabalhos de Arthur Bispo do Rosário, que mesmo não tendo sido tratado por Nise tem sua criação até hoje ligada à psiquiatra. Dezenas de objetos criados por ele (alguns em

suas reclusões) foram reunidos em uma única sala, da mesma forma que obras de Aurora Cursino dos Santos, Rafael Domingues e Carlos Pertuis.

A força dessa reunião é tanta que Daniela Thomas, que não conhecia o conjunto, mudou a idéia inicial da cenografia pensada para o espaço. No lugar de imagens "esquisitas" que, de acordo com ela, foram as primeiras pistas para intervenção, a cenógrafa optou por apenas colorir e dar formatos sutis às salas. A de Bispo, por exemplo, Daniela pintou de branco, a cor da cela onde ele criou boa parte das obras que podem ser vistas até setembro, no Parque do Ibirapuera. (A.W.)



Obra sem título de Rosana Paulino, do Masp: xerox transferida e costura sem tecido montados com retratos de família

As raízes da cultura africana no Brasil

'Arte Afro-Brasileira' traz peças raras ao Brasil e mostra a obra de contemporâneos

MARIA HIRSZMAN

Não se pode falar em arte brasileira sem considerar a profunda influência da África sobre a cultura nacional. Com o intuito de mostrar como são grandes os ecos da tradição africana no País, a arte negra tornou-se tema de dois dos 13 módulos da *Mostra do Redescobrimto*. Enquanto o segmento *Negro de Corpo e Alma* explora o aspecto social da presença do negro no País, a mostra intitulada *Arte Afro-Brasileira* faz uma análise estética da questão.

São 74 obras divididas em dois grandes blocos. Há um primeiro grupo de trabalhos extremamente raros e valiosos, cedidos por coleções europeias. É a primeira vez que um conjunto de peças africanas



'Maternidade': escultura afro

de tamanha qualidade histórica e estética vem ao Brasil.

Em seguida estão os ecos dessa cultura ancestral na arte brasileira do século 20, mais precisamente após a década de 40. Isso porque antes dessa data as expressões artísticas ligadas ao imaginário africano eram proibidas por lei. "No momento em que essa arte deixa de ser clandestina, ela ganha

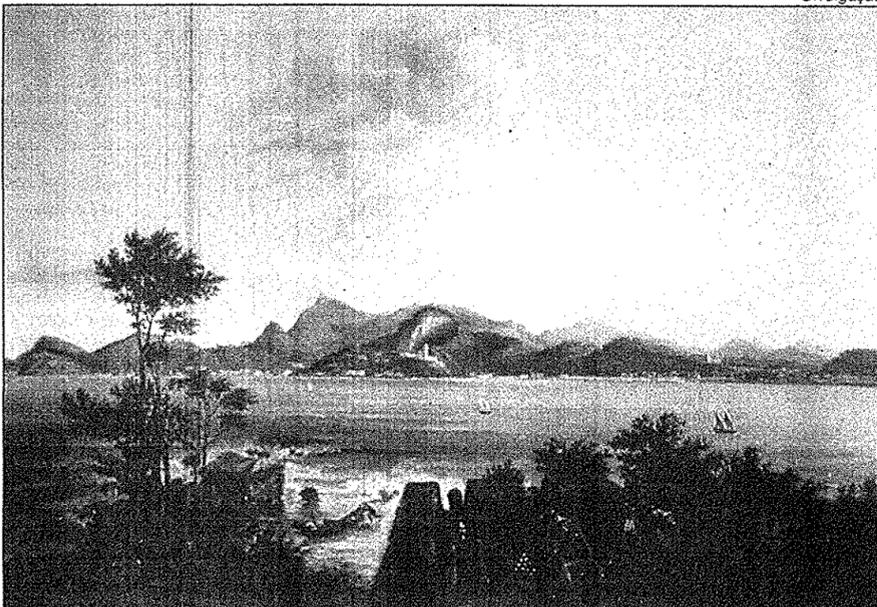
uma forte visualidade", explicam os curadores responsáveis pelo segmento brasileiro do módulo, Kabengele Munanga e Marta Heloísa Leuba Salum. Sua intenção não é mostrar um panorama reducionista da arte afro-brasileira, nem partir de uma visão contaminada pela biologia.

Representando os pilares dessa arte afro-brasileira foram selecionados nove artistas, com estilos e pesquisas bastante distintos, mas que têm em comum a preocupação em explorar o imaginário afetivo e a herança visual de seus antepassados. Rosana Paulino, por exemplo, transferiu para centenas de saquinhos de pano as fotografias de seus antepassados, criando assim espécies de patuás da memória.

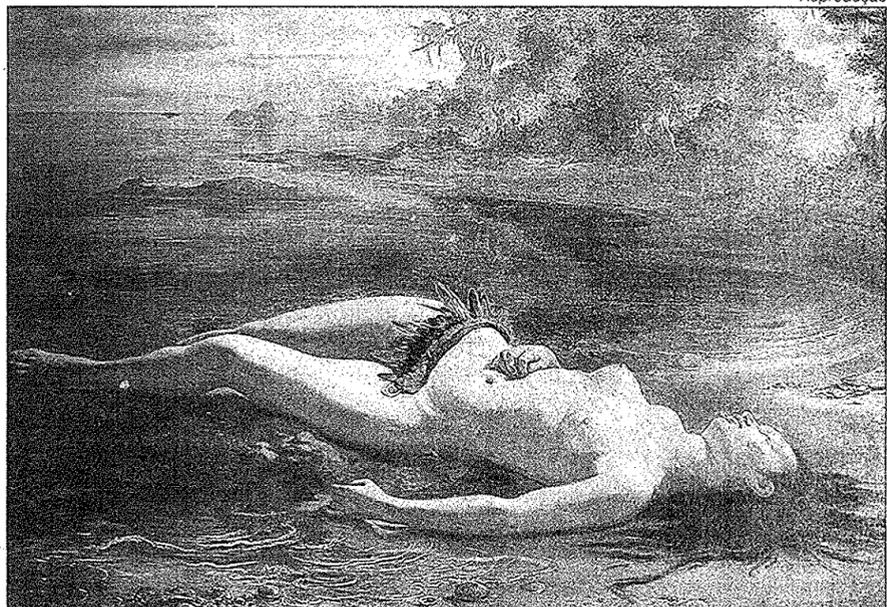
Já Emanuel Araújo apresenta uma instalação de esculturas em madeira feitas em 1991 e intituladas *Templo de Oxalá*. Esse título também dá nome a um trabalho de Rubem Valentim, também presente na mostra.

TERRA À VISTA

Divulgação



Obra de August Muller, do século 19: vista do Rio tomada da Ilha de Villegaignon



Reprodução

A 'Moema' de Vitor Meireles: tentativa de valorização romântica da heroína trágica

Artistas do século 19 construíram imagem do País

Módulo com curadoria do professor Luciano Migliaccio discute arte e sociedade a partir da contribuição dos que, no século passado, ajudaram a cunhar a identidade brasileira

MARIA HIRSZMAN

É no século 19 que é cunhada a imagem que temos hoje da história do Brasil. Com a declaração da Independência, em 1822, tornou-se necessário determinar as novas feições do País nascente e esse esforço de cunhar uma nova identidade se faz presente não apenas nos discursos políticos, jornais e documentos históricos, mas também de forma muitas vezes explícita nas ditas belas artes.

É essa ligação íntima entre arte e sociedade que está na base da curadoria realizada pelo professor Luciano Migliaccio para o módulo dedicado à arte do século passado. Segundo o historiador italiano, a tarefa de construir "a imagem do novo estado, herdeiro do reino católico e da vocação oceânica de Portugal, destinado a ser grande potência, é confiada aos integrantes da Missão Artística Francesa, que chega ao País em 1816."

Desta forma, artistas como Debret e Nicolas-Antoine Taunay

acabam por contribuir com a invenção do Brasil. Os artistas brasileiros também bebem na mesma fonte — a academia francesa — para criar esse novo ideal de potência americana.

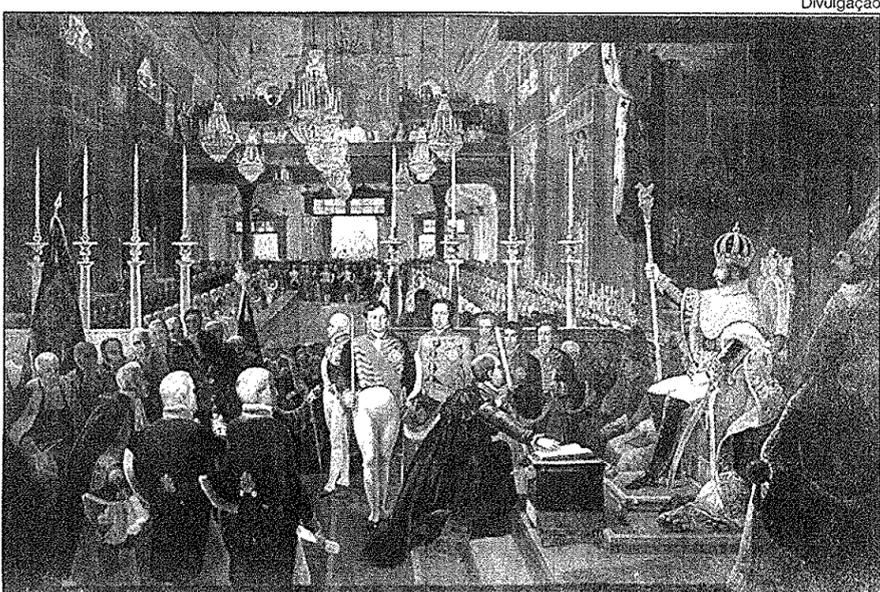
"Até D. Pedro I, existiam ambições de grande potência, mas como parte do Império Português", explica. "Mas quando o Brasil se torna independente, adquire consciência de que é um novo País, dentro de um contexto novo, ame-

BUSCA DE UM DESTINO GLORIOSO LEVA À IDEALIZAÇÃO

ricano, mas que se sabe herdeiro da cultura europeia", resume.

Uma das marcas essenciais dessa busca de um destino grandioso, baseado numa suposta convivência pacífica entre europeia e nativo, está na idealização da natureza. Em obras como *A Moema*, de Vitor Meireles, é possível identificar claramente o desejo de criar uma história nativa, valorizando de forma romântica a imagem do índio herói e da heroína trágica.

O fato de Félix-Émile Taunay (filho de Nicolas-Antoine Taunay) ter sido diretor da Academia Imperial de Belas Artes é, segun-



Divulgação

'Coroação de D. Pedro I, uma das obras do módulo: construindo uma história para o País

do Migliaccio, mais um indicativo da importância da natureza no contexto brasileiro. "É no mínimo curioso que tenha sido um paisagista escolhido para dirigir a Academia, quando na Europa o cargo sempre foi desempenhado por um arquiteto ou um pintor de temas históricos."

Precursor ecológico — Aliás, é de Félix-Émile Taunay uma obra simbólica da exposição, que já naquela época denunciava o impres-

sionante contraste entre abundância e destruição da paisagem brasileira. Em *Floresta Reduzida a Carvão*, o pintor francês retrata de um lado a frondosa floresta nativa e do outro a destruição em larga escala de gigantescas árvores. Há também na mostra exemplos de obras de cunho propagandístico, como a tela *A Passagem de Humaitá*, também de Vitor Meireles, feita para a marinha para comemorar a vitória na Guerra do Paraguai.

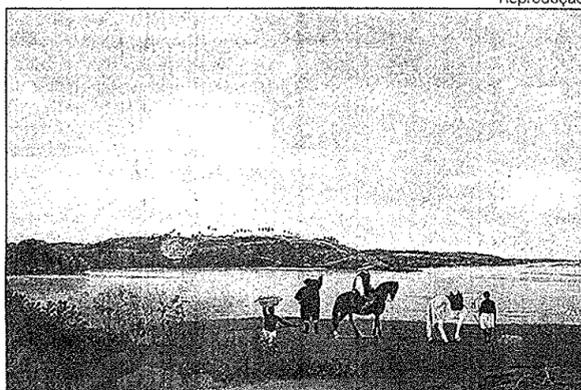
Outra característica interessante desta exposição é que ela mostra mais uma vez que a arte acadêmica do século passado vem sendo olhada com outros olhos pela crítica. Migliaccio diz que o olhar em relação ao século 19 vem mudando desde a década de 80 e contribuiu fortemente para isso a inauguração do Museu de Orsay, em Paris, que abriu espaço para a arte dita Pompiet, que foi alvo de tantas críticas por parte dos modernistas. Felizmente, para o público,

500 anos

se está abrindo cada vez mais espaço para que se possam admirar trabalhos daquele período.

Infelizmente, a disputa por iconografias brasileiras do período da comemoração não permitiu que o módulo da Arte do Século 19 conseguisse reunir todas as obras ambicionadas por seu curador. Além de ter alguns desses trabalhos exibidos no mesmo prédio, mas em outro módulo — o do Olhar Distante — Migliaccio ficou extremamente frustrado por não ter conseguido trazer para a Bienal *A Primeira Missa no Brasil*, de Vitor Meireles, levada pelo governo para as festividades na Bahia.

"Essa obra traz uma visão que a corte de D. Pedro II queria passar do Descobrimento do Brasil e foi transformada em fetiche, ao invés de ter sido colocada no lugar certo, onde pudesse contribuir para a reflexão sobre o Brasil a partir da arte", desabafa o especialista italiano, que vive no Brasil há cinco anos.



Reprodução

Post: artista flamengo é representado por 'Vista de Itamaracá'

'Olhar Distante' mostra a visão dos estrangeiros sobre o Brasil

São 260 trabalhos executados no País ao longo de um período de mais de 350 anos

A imagem do Brasil é o tema central da mostra *Olhar Distante*, que reúne um dos conjuntos mais valiosos da Mostra do Descobrimento. São 260 obras, executadas em um período de mais de 350 anos, por estrangeiros que visitaram o País e documentaram em imagens esse novo mundo exótico e misterioso. A mostra começa com Frans Post, que chegou ao Brasil na comitiva de Maurício de Nassau.

O artista flamengo está representado pela tela *Vista de Itamaracá* (1637) e outros três trabalhos realizados enquanto estava no Brasil — pintou diversas paisagens de memória, após voltar à Europa. Depois de Post e Eckhout, é necessário esperar até o século 19 para encontrar novos registros iconográficos sobre o País, pois as fronteiras brasileiras ficaram fechadas por quase dois séculos aos

navegantes estrangeiros. Em compensação, com a vinda da Missão Francesa proliferaram as imagens feitas pelos viajantes, que se encantavam com a natureza exuberante das novas terras. "Aqui, os artistas estrangeiros encontram um mundo de luz e estranhamento", escrevem os curadores no catálogo resumido da Bienal. A exposição segue no tempo, exibindo também outras formas de expressão artística, como a fotografia e a instalação.

A mostra é encerrada com obra da série *Lilith*, feita pelo artista alemão Anselm Kiefer em 1998, quando esteve visitando São Paulo e que retrata de forma impiedosa a metrópole paulistana.

Infelizmente a estratégia de criar cenários que tornassem os módulos atrativos ao público leigo — que pode ser questionada em sua integridade — revelou-se ainda mais trágica nesse módulo. Debret, Eckhout e Posts dificilmente sobreviverão incólumes ao efeito deletéreo do cenário operístico criado pelo italiano Ezio Frigerio. (M.H.)

Arte do barroco vive entre a fé e a conquista

Segmento aborda a identificação do brasileiro com as imagens religiosas

O módulo *Arte Barroca da Mostra do Redescobrimento* apresentará a correlação entre o projeto colonial de dominação e a atuação da Igreja, traçando um paralelo "entre a fé e a conquista." Isso será mostrado, segundo a curadora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por meio da exploração das potencialidades da escultura religiosa, um dos aspectos mais originais e significativos da arte brasileira daquele período, produzidas por oficinas e utilizadas como veículo de propaganda da fé católica, e entre cujos autores se destacam nomes como Manuel Inácio da Costa e o Aleijadinho.

A mostra parte do princípio que a identificação do povo brasileiro com as imagens religiosas é um dos traços marcantes da nossa cultura. Assim, trará representações visuais da Virgem Maria (como uma Nossa Senhora do Rosário do século 18, de autoria de Mestre de Sergipe), oratórios (como o Oratório Rococó do Museu do Ouro de Belo Horizonte) e diversas obras do maior artista do barroco, Aleijadinho, como o Cristo da Ressurreição e o São João Evangelista.

O módulo *Arte Barroca* foi o que suscitou a maior polêmica até



Nossa Senhora do Rosário, Santo Estebão e Santana Mestre (abaixo): peças do século 18



Reproduções

agora, o que reduziu um pouco o interesse em torno da exposição como um todo. O motivo foi a recusa do colecionador Renato de Almeida Whitaker de emprestar duas obras de seu acervo de 36 esculturas supostamente atribuídas a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, para a mostra. Whitaker preferiu organizar uma exposição individual, com 24 obras, no caro e elitista restaurante Antiquarius, nos Jardins.

A principal justificativa de Whitaker para a recusa é sua discordância com a curadora da mostra, Myriam de Oliveira. Ele queria mais obras de Aleijadinho na exposição. "O artista exponencial do barroco é

o Aleijadinho, que já foi comparado a Michelangelo por Germain Bazin, ex-curador do Louvre."

"Não acho que ela seja inepta para fazer a curadoria do barroco, mas já deu mostras de que não entende de Aleijadinho", disse o engenheiro. "Se a curadora fosse a Lígia Martins Costa, eu cederia", afirmou. Ele afirmou que a curadora já avaliou equivocadamente obras de Aleijadinho, até mesmo contestando autorias e minimizando a presença do artista na mostra.

A curadora do módulo *Arte Barroca* da Bienal Brasil 500 Anos apresentou outra versão para o caso.

Segundo Myriam, Whitaker ainda tem muitas obras que precisam da análise de um expertise para que seja comprovada a autoria. "Ele pode ter ficado zangado", disse Myriam. A curadora afirmou

não teve tempo nem sequer de ver a coleção de Whitaker. "Não tratei tanto com os colecionadores particulares, mas com os museus." (M.H.)



POLÊMICA CERCOU ESCOLHA DE ALEIJADINHOS



Reprodução

'Retrato de Negras', de Jean-Baptiste Debret: registro brasileiro feito por estrangeiro à procura das várias feições da mulher negra brasileira

'Negro de Corpo e Alma' investiga a sociedade

Mostra pretende estimular a tomada de consciência em relação à questão do preconceito

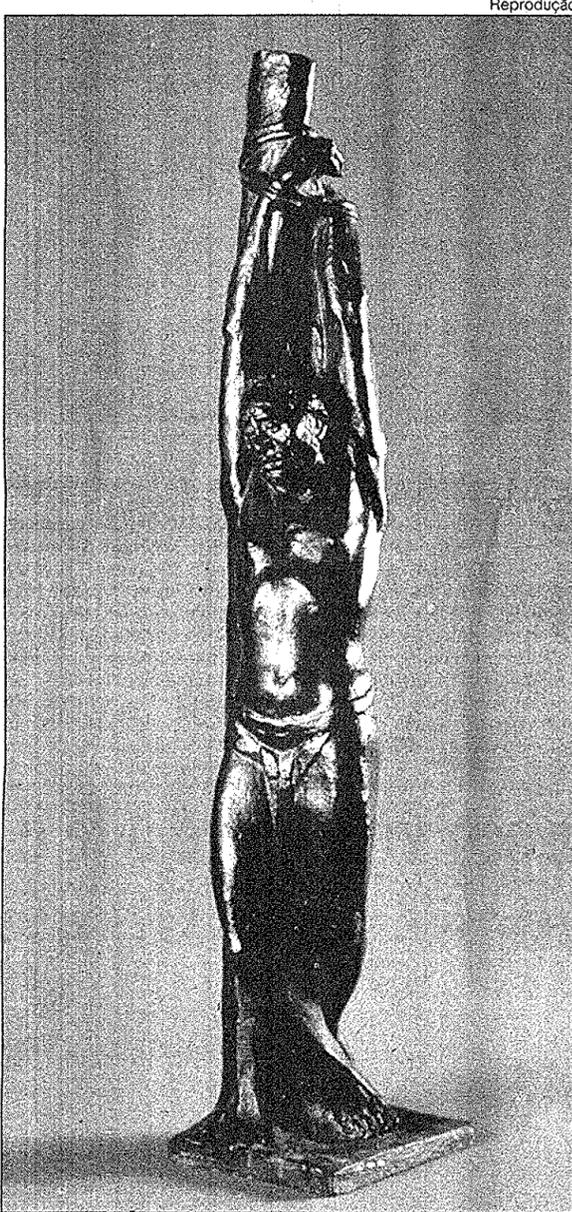
MARIA HIRSZMAN

Negro de Corpo e Alma não é uma exposição de caráter estético, mas uma investigação sobre o preconceito e a relação ambígua da sociedade brasileira em relação ao negro. As obras reunidas nesse módulo são mais do que representações da raça negra. O objetivo do curador Emanuel Araújo - que nos últimos cinco anos se dedicou a pesquisar e a reunir essa iconografia - é estimular uma tomada de consciência em relação a um problema com o qual convivemos diariamente e que muitas vezes procuramos esconder com afirmações falsas como a de que não existe preconceito no Brasil.

"A sociedade brasileira tem uma relação ambígua com a cultura negra: ao mesmo tempo que discrimina e estabelece preconceitos, admira e incorpora elementos como a religião e os costumes", afirma ele, lembrando que a representação pode ser ao mesmo tempo a mais digna, como por exemplo os retratos pintados por Benedito José Tobias, ou a mais perversa, como a forte imagem de um negro amarrado no tronco, esculpida por João Batista Ferri.

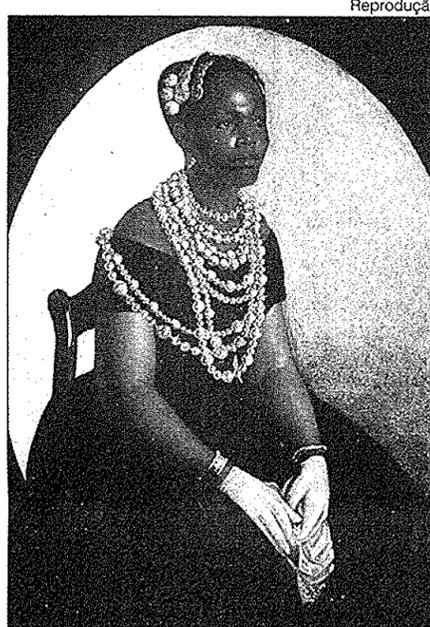
A exposição foi dividida em três módulos: *Olhar o Corpo, Olhar a si Mesmo e Sentir a Alma*. No primeiro deles estão reunidas as peças ligadas à erotização, aos registros de tortura e a objetos de uso doméstico inspirados no negro. Nesse bloco estão também os registros feitos dos negros brasileiros pelos estrangeiros, como *Retrato de Negras*, no qual Jean-Baptiste Debret procura registrar as várias feições da negra brasileira.

No segundo bloco, a investigação aprofunda-se. Nesses traba-



Reprodução

Negro amarrado no tronco: escultura de João Batista Ferri



Reprodução

De autor desconhecido, uma baiana pintada por volta de 1850 em óleo sobre tela: representação do negro pode ser ao mesmo tempo digna ou perversa

'Batismo de um Homem Negro', de F.J. Stober: sociedade tem relação ambígua com a cultura negra; discrimina, mas também incorpora elementos



Reprodução

500 anos

lhos vemos as obras executadas pelos próprios negros ou mestiços, como Aleijadinho, José Benedito Tobias e Mestre Valentim. É interessante notar como muitas vezes esse olhar para o próprio corpo também é marcado por visões estereotipadas. Já em *Sentir a Alma*, a mostra chega até nossos dias, com uma ampla mostra de registros fotográficos. Há também uma série de 273 fotos de estúdio feitas no século passado por Militão de Azevedo, e que foram especialmente reampliadas para a mostra, e um ensaio fotográfico de Madalena Schwartz.

Encerrando esse núcleo dedicado a "identificar pintores, escultores e fotógrafos que trazem a expressão de um sentimento negro" estão as expressões mais vinculadas à questão da alma, que é a religiosidade, simbolizada por objetos litúrgicos de Mestre Didi e obras de Ronaldo Rego e Hélio de Oliveira, um artista neto de pai-de-santo que morreu jovem, mas desenvolveu uma série de gravuras bastante significativas sobre os rituais de candomblé.

Vários dos artistas representados nessa exposição também participam do outro módulo dedicado ao negro na *Mostra do Redescobrimto*: o segmento de *Arte Afro-Brasileira*, que complementa esse enfoque socioantropológico lidando de forma mais direta com o lado estético da arte nacional desenvolvida a partir da herança africana.



Divulgação

Lampião: seus pertences estão expostos



'Leão', obra de Nuca: estética popular

Arte popular representa resistência

Módulo com produção rica e diversificada reflete imaginário do povo brasileiro

O segmento dedicado à arte popular talvez seja o que mais faça sentido numa mostra que tem por objetivo primordial investigar a história do País pelo viés das artes visuais. Afinal, é essa produção extremamente rica e diversificada que reflete o imaginário do povo brasileiro, seja ela uma produção anônima, ligada à tradições e costumes regionais, seja obra de um artista específico, como as cerâmicas de Mestre Vitalino ou a pintura de artistas naifs como Waldomiro de Deus, cuja *Descoberta do Brasil* é a peça inaugural do módulo.

Para lidar com o tema da arte popular, os curadores Emanuel Araújo e Frederico Pernambuco de Mello procuraram estabelecer uma diferença clara entre folclore e arte e desenvolver uma reflexão inovadora sobre esse universo. O caminho adotado

por eles foi privilegiar três vertentes básicas: a ancestralidade, o arcaísmo e a permanência dessas expressões artísticas genuinamente brasileiras.

Em outras palavras, o mote central deste módulo é a ideia de resistência cultural. Não é a toa que um dos blocos mais importantes do núcleo é dedicado ao cangaço e reúne peças históricas como as armas e peças do vestuário usados pelo bando de Lampião. Outros dois aspectos predominam de forma inquestionável: a religiosidade e o carnaval. Bumbas-meu-boi convivem lado a lado com obras de cunho religioso como a enorme instalação formada por centenas de ex-votos, instalada na entrada da exposição.

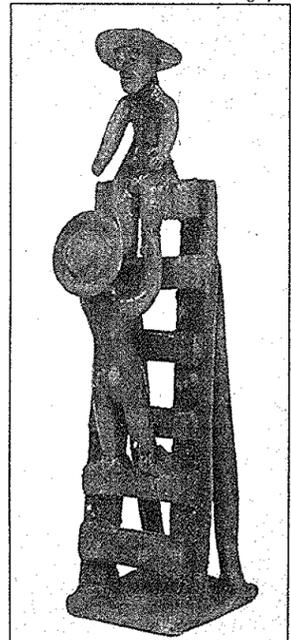
São milhares de peças, que compõem o maior conjunto de obras da Bienal. Esse excesso é proposital. Para deixar evidente a qualida-

de da arte, ou melhor, das artes populares do Brasil, a exposição tomou como partido a acumulação para afirmar, como diz Araújo, "a presença do povo". "Nossa intenção é fazer com que o visitante seja introduzido à estética popular, fazendo-a conviver em pé de igualdade com a arte erudita presente em outros módulos do evento", afirma.

A observação cuidadosa das obras que compõem o módulo revelará ao espectador todo o esplendor dessa arte feita pelo povo, mas que reserva surpresas como o encantador *Cata-vento Toré*, construído por Nhô Caboclo com madeira, metal e lã e que recria uma aguerrida batalha; ou um maravilhoso ex-voto de 1952, que na realidade é uma escultura fortemente influenciada pela estética africana, de uma simplicidade formal e de um impacto visual impressionantes. (M.H.)

BRAS
AFIRMAM
PRESENÇA DO
POVO

Divulgação



Arte nordestina: esplendor

Carta de Caminha é a grande estrela da exposição

Diante dela os presidentes do Brasil e de Portugal vão abrir a mostra

JOTABÉ MEDEIROS

Durante um ano, o Brasil terá a sua "certidão de nascimento" em mãos. Mas em doses homeopáticas: duas páginas por dia, segundo determina o acordo entre a Torre do Tombo (mantenedora do documento) e a Associação Brasil 500 Anos. O brasileiro que tiver uma curiosidade excepcional só vai poder vê-la totalmente em oito visitas à Bienal - o documento tem 16 páginas.

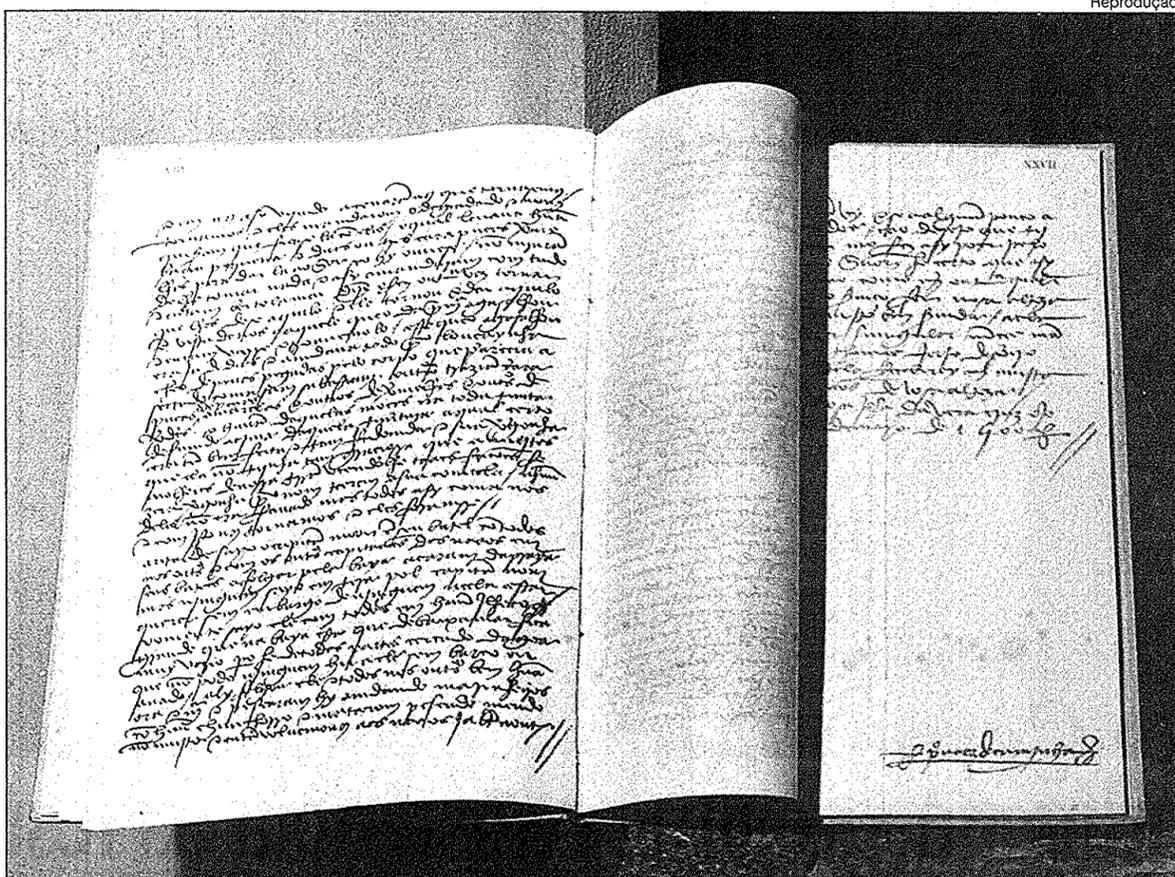
A carta de Pero Vaz de Caminha chegou na quinta-feira ao País. Veio numa valise especial e foi entregue ao presidente da Associação Brasil 500 Anos, Edegar Cid Ferreira, que a trouxe ao Ibirapuera num carro blindado. A breve abertura da valise foi brindada com champanhe. Depois, a carta foi recolhida a um cofre. Apesar de a Mostra do Redescobrimento ser uma exposição com cerca de 15 mil obras, a carta é a grande estrela da abertura, amanhã à noite.

Segurança - Será diante dela que o presidente Fernando Henrique Cardoso e o presidente português Jorge Sampaio declararão oficialmente aberta a mostra. A organização do evento calcula que o documento deverá ser visto por cerca de 10 milhões de brasileiros até abril de 2001, quando regressará a Portugal.

O esquema de segurança da carta de Caminha é ostensivo. São seis batedores para o deslocamento pela cidade e seis seguranças que ficam o tempo todo - 24 horas por dia - cuidando da integridade do documento.

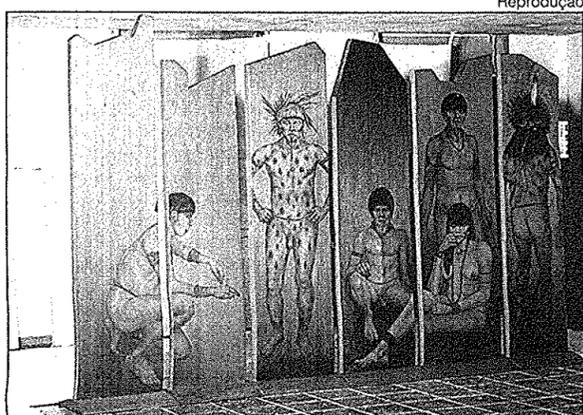
Segundo Maria Luiza Macedo, diretora de Serviços de Apoio da Torre do Tombo, o valor do seguro feito para a carta não é divulgado por motivo de segurança. Ela vai acompanhar a abertura da exposição em São Paulo e depois retorna a Lisboa. A Torre do Tombo enviará, por ocasião de cada novo deslocamento da carta, dois restauradores e especialistas da instituição para verificar as condições do documento.

Ela diz que não acha muito provável que Portugal algum dia venha a apresentar o Brasil com a carta de Caminha. "É um documento português, escrito por um português para o rei de Portugal e, portanto, parte também de nossa História."



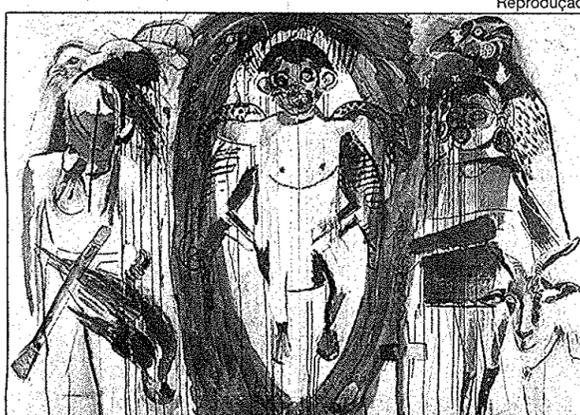
Reprodução

A certidão de nascimento do Brasil: segurança ostensiva e apenas duas páginas liberadas para o público por dia



Reprodução

Obras dos artistas plásticos João Câmara e Graça de Moraes sobre Carta de Pero Vaz de Caminha: reinterpretação artística



Reprodução

Segundo a diretora da Torre do Tombo, o esquema de segurança é semelhante para todos os documentos oficiais. "Como a carta vai ficar por um período superior ao normal fora da Torre do Tombo, demos mais ênfase ainda à questão da segurança." O período padrão para empréstimos de documentos é de três meses. A carta de Caminha vai ficar no Brasil até janeiro de 2001, inicialmente - há

intenção também de levá-la a São Luís do Maranhão, o que faria com que ela permanecesse mais três meses no País.

Além de São Paulo, onde fica até 5 de setembro, a carta será exposta em Brasília, no Palácio do Itamaraty (de 7 de setembro a 6 de outubro), no Rio de Janeiro (Museu Histórico Nacional, de 16 de outubro a 15 de novembro), Salvador (Museu de Arte de Salva-

dor, entre 20 de novembro e 17 de dezembro) e Recife (Museu de Arte Moderna, entre 20 de dezembro e 21 de janeiro de 2001).

Mas a carta não é uma estrela solitária no Pavilhão Manoel da Nóbrega. Mostra do Redescobrimento escolheu 11 artistas brasileiros e 11 portugueses para fazer reinterpretações artísticas do documento.

Os artistas brasileiros escolhi-

dos são José Roberto Aguiar, Flávio Emanuel, Luís Zerbini, Paulo Pasta, Siron Franco, João Câmara, Glauco Rodrigues, Rosângela Rennó, Emmanuel Nassar, Karin Lambrecht e Antônio Hélio Cabral. Os portugueses são Álvaro Lapa, Ana Vidigal, Costa Pinheiro, Fernando Lemos, Graça Moraes, João Vieira, José de Guimarães, Julio Pomar, Julio Resende, Nikias Skapinakis e Noronha da

500 anos

Costa. A curadoria da parte brasileira é de Emanuel Araújo, da Pinacoteca do Estado. A portuguesa é de Fernando Antônio Baptista Pereira, do Museu de Setúbal.

Liberdade - Antônio Hélio Cabral brincou com um retrato imaginário de Pedro Álvares Cabral e seu braço de família, sobrepondo um e outro. Paulo Pasta pintou duas grandes gotas que - ao mesmo tempo em que podem ser referências tanto à água ou ao sangue derramado - também fazem uma alusão ao tempo. João Câmara estampou figuras de índios em seis pranchas de madeira - no verso, está a própria madeira bruta, um "trompe l'oeil da árvore".

"Todos trabalharam com uma liberdade incrível", diz Emanuel Araújo. O "descobrimento do outro" é o principal eixo da curadoria que - além da própria carta e de seus desdobramentos artísticos - também selecionou objetos portugueses do século 16 para ilustrar essa idéia.

Entre os objetos mais antigos estão cerca de 40 navetas - pequenos vasos com feição de um barco, em que se costumava acender o incenso nas festas de igreja. A mais antiga é uma réplica de uma naveta portuguesa que representa o nascimento de Jesus com ilustrações do índio brasileiro e de Pedro Álvares Cabral. Detalhe: o objeto é datado de 1510. A maior parte das obras vem de museus e coleções particulares de arte sacra de São Paulo, Rio, Bahia e Pernambuco. Uma das navetas, de 1630, pertence ao senador Antônio Carlos Magalhães.

"Eu procurei chegar ao âmago da arte portuguesa do século 16 e à produção artística daquele período", diz Araújo, que também vai expor nos cerca de 2 mil metros quadrados retábulos, mapas, reproduções, bandejas, máscaras e outros objetos. O retábulo mais antigo data de 1505. Os objetos remontam a um período que vai de 1505 a 1520. O artista plástico baiano Carybé também terá o trabalho que fez nos anos 60 e 70, de ilustração da Carta de Caminha, exposto na mostra.

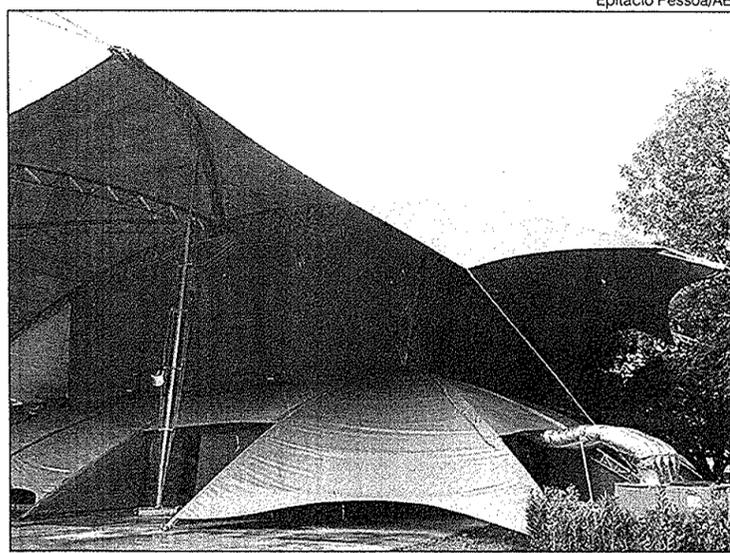
Está pronta a maior sala de cinema da atualidade

A Caverna Virtual foi criada para exibir filme que conta a pré-história do País

Quem for à Mostra do Redescobrimento, no Parque do Ibirapuera, poderá entrar na maior sala de cinema da atualidade, com 2 mil metros quadrados de área. Só a tela tem 150 metros quadrados, com a altura de um prédio de três andares e largura de 17 metros.

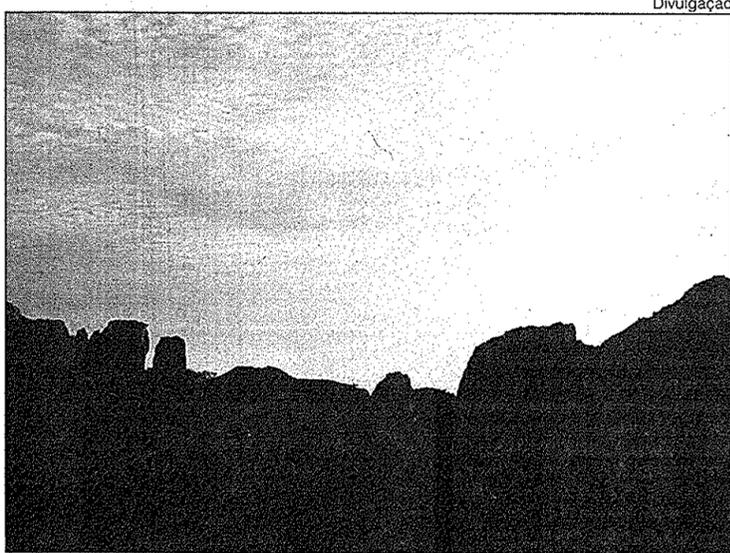
Trata-se da Caverna Virtual, ou Cine Caverna, entre outros nomes que estão sendo usados para definir a maior experiência high tech da exposição. Está localizada na quadra atrás do Pavilhão Cicillo Matarazzo e é uma gigantesca tenda onde está montado o cinema. Ali vai ser exibido o filme... Antes - Uma Viagem pela Pré-História, documentário de Nelson Hoineff e Marcelo Dantas sobre a vida no Brasil nos tempos pré-históricos.

O filme é uma superprodução com imagem em alta definição e é uma experiência única, porque seu efeito depende diretamente do modo como será exibido. "Quando fomos convidados para fazer o filme, pensamos em jogar com essa ambigüidade, que é contar a pré-história do Brasil com alta tecnologia", diz Nelson Hoineff, diretor-geral da empreitada.



Epitácio Pessoa/AE

A tenda que abriga a tela de 2 mil metros quadrados e a Serra da Capivara: um dos cenários do filme 'Antes - Uma Viagem pela Pré-História'



Divulgação

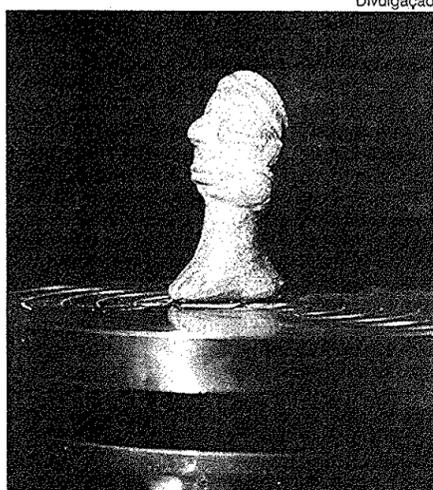
da. Além da imagem, o som também é impactante. A trilha é de David Tygel e tem participação de Naná Vasconcelos, além de uma orquestra com 40 músicos e dois corais, com cerca de 100 vozes.

O documentário tem 30 minutos de duração e será visto por 450 pessoas em cada sessão (serão dez sessões por dia, a primeira às 9 horas e a última às 20 horas). O roteiro foi elaborado por David França Mendes a partir de pesquisas com antropólogos e especialistas. "O desafio foi contar

em 30 minutos uma história de alguns milhões de anos", afirma Hoineff.

Nem acadêmicos nem superficiais - Segundo ele, não podiam incorrer no erro de ser demasiado acadêmicos ou superficiais. "Eu me lembrei daquela piada do Mel Brooks, que fez um filme ao qual dava o nome de História do Mundo - 1.ª Parte; a piada já está no título: não há a menor chance de contar a história do mundo de maneira completa", diverte-se Hoineff.

O diretor de tecnologia da empreitada é Rodrigo Cid Ferreira. Além das imagens, o filme conta com seqüências de animação que ficaram a cargo



Divulgação

Peça de cerâmica da tradição de Santarém, no Pará: colocada no corredor que sai do Cine Caverna e vai até o prédio da Bienal

de Marcos Magalhães. Ele faz um pequeno desenho animado com pinturas rupestres. A caverna adjacente ao cinema terá, entre outros objetos, três grandes esqueletos de animais pré-históricos: uma preguiça gigante de 4 metros e meio de altura; um tatu primitivo com mais de 3 metros de comprimento e um tigre com 3 metros de altura.

A sala de cinema especial foi projetada por Pablo Benetti, o mesmo projetista do Espaço Unibanco de Cinema, em São Paulo, e da Estação Botafogo, no Rio. Benetti acabou imaginando um espaço que abrigará uma das maiores projeções de suporte de vídeo do mundo. (J.R.Z.)



'Oca' do Parque do Ibirapuera: construção recém-reformada por Paulo Mendes da Rocha para acolher o núcleo de Artes Indígenas

Mostra indígena exprime resistência às festividades

Exposição que ocupa três pisos da 'Oca' foi montada a partir da visão artística dos índios que, ao contrário do europeu, não fragmentam sua produção em categorias

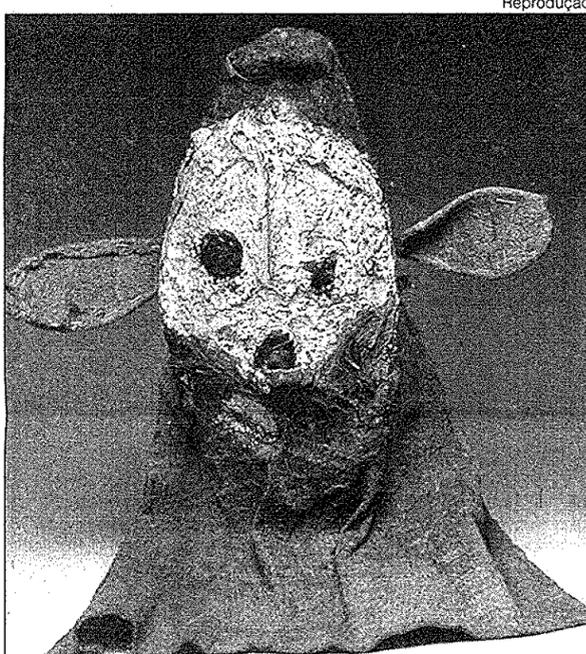
ANA WEISS

O núcleo de Arte Indígenas configura-se nesta bienal como um foco de resistência à idéia comemorativa da data da chegada dos portugueses. Não só pela origem dos objetos – aldeias indígenas que foram exterminadas ou quase isso depois da chegada do europeu –, mas também pela atitude da curadoria, que desenhou a mostra que ocupa três dos quatro pisos da Oca recém-reformada por Paulo Mendes da Rocha a partir do que se pode chamar de visão indígena da arte.

CONJUNTO REFLETE SUA DIVERSIDADE CULTURAL

costumam – nem costumavam – recortar sua produção em categorias”, argumenta Lúcia Hussak van Velthem, curadora do módulo. “Os índios vêem tudo quanto produzem, independentemente da finalidade, como exemplares de sua arte; eles não têm necessidade de segmentar sua cultura como os europeus”, continua a curadora que, no texto do catálogo, refere-se à limitação ocidental em compreender a produção indígena como uma miopia, que se reflete também no vocabulário da classificação dessa produção.

Ela observa que a começar pelo título “arte indígena”, ter-



Reprodução

Máscara ticuna, Amazonas: peças tinham função mística

mo muito usado para designar todo tipo de artefato criado ou confeccionado por qualquer índio de qualquer nação é, além de limitador, impreciso ao extremo. É como enfiar no mesmo balaio as espantosas máscaras zoomorfas dos jurupixunas do Amazonas (uma delas, vinda do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, Portugal) e o delicado diadema de plumas coloridas dos wai wais, da Guiana Francesa (emprestado do Staatliches Museum für Völkerkunde Dresden, Alemanha).

Assim, a montagem até aproxima a criação de artista pertencentes à mesma nação, mas conduz o olhar do espectador para o entendimento de que não existe apenas um tipo de produção indígena, nem tampouco um índio apenas, mas sim uma grande diversidade de obras, que refletem à imensa diversidade cultural dos povos indígenas contemplados pela exposição, que também tem curadoria de José Antônio Braga

500 anos

Fernandes Dias.

A curadora destaca, para ilustrar essa situação, o conjunto de obras dos índios da tribo waiana, do Pará. Ela chama a atenção mais precisamente para suas máscaras antropomórficas. As peças, feitas de plumas de pássaros, tinham uma função mística para os waianas. Elas eram utilizadas, por exemplo, nos ritos de passagem da vida juvenil para a adulta, de forma que o iniciante vestia a peça para simbolicamente receber a força ancestral que guiava seu povo.

Arqueologia é vista com olhar europeu



Reprodução

Vaso de Cariátides: exemplar pertence à exuberante cultura de Santarém

Segmento traz peças sem utilidade aparente, vindas de coleções nacionais

Quem resolver visitar a Oca começando pelo andar de cima (o que é sempre o melhor sentido para se visitar exposições), logo após passar pelo chão de sementes – que faz a divisão entre os pisos que recebem a mostra de obras indígenas – vai deparar-se com criações que têm idade média de 2 mil anos.

O módulo *Arqueologia*, que ocupa o subsolo do prédio especialmente reformado para a exposição, foi, diferentemente do indígena, organizado do “ponto de vista ocidental”, nas palavras da curadora Maria Cristina Scatamacchia.

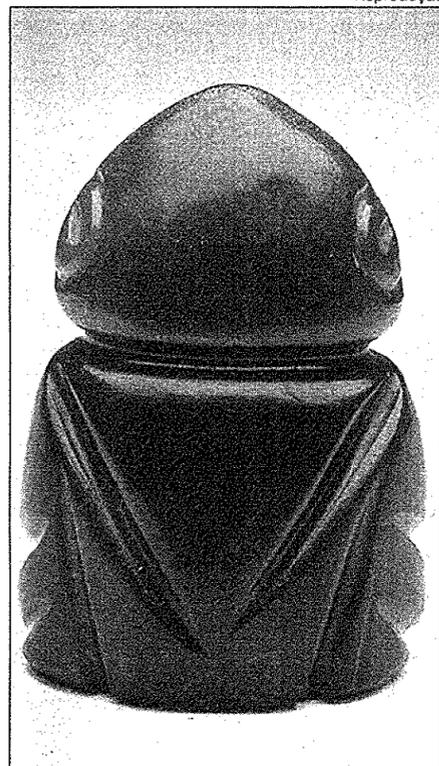
Enquanto o módulo *Artes Indígenas* foi montado sem levar em conta as diferenças que a cultura europeia, e nos obje-

tos – ou seja, sem distinguir o teor estético e funcional das peças, como fazem os índios –, o arqueológico, explica a curadora, privilegiou objetos que sugerem uma finalidade meramente estética. “Afinal de contas, isso é uma mostra de arte”, justifica.

Além de inúmeros exemplares de pintura rupestre, a mostra tem cerca de 280 peças emprestadas de museus nacionais, com idades que variam entre 500 e 3 mil anos. De acordo com Maria Cristina, nunca antes as peças dessas instituições foram mostradas sob o mesmo teto.

“São obras que vieram dos principais institutos e museus que cuidam da nossa memória arqueológica”, conta a curadora. Entre os que emprestaram peças estão o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Museu

O curioso 'Muiraquitã de Nefrita': objeto do Baixo Amazonas é um dos destaques da exposição



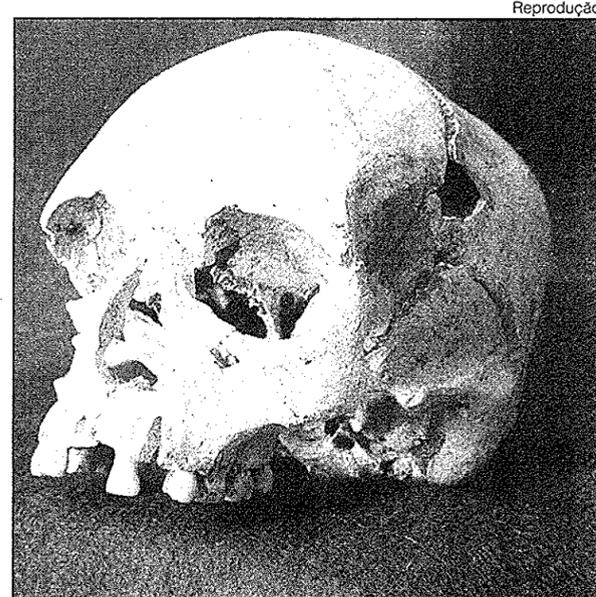
Reprodução

Paraense Emílio Goeldi.

Entre as mais curiosas, a curadora destaca os exemplares da cerâmica de Santarém, do Pará. De acordo com Maria Cristina, essa série é do tipo que instiga os espectadores. Outro objeto impressionante é o *Muiraquitã de Nefrita*, uma curiosa peça de pedra escura, oriunda do Baixo Amazonas. “Poucos acreditam que a cerâmica de Santarém, por exemplo, possa ser realmente brasileira; as pessoas se espantam muito”, conta. Embora ela ressalte a natureza exclusivamen-

te artística dos objetos escolhidos para a exposição, alguns deles parecem ter sido criados para o uso, como é o caso de uma tanga feita de cerâmica, pertencente à cultura marajoara, emprestada pelo Museu Nacional do Rio.

Ou, ainda, do vaso de Cariátides – um dos exemplares da exuberante produção de Santarém –, que, apesar de suas expressivas qualidades estéticas, pode um dia ter tido alguma função utilitária no dia-a-dia dos antigos brasileiros. (A.W.)



Reprodução

Relíquia antropológica batizada de Luzia: período Pleistoceno

Luzia prova que a região é habitada há 12 mil anos

Descoberta de ossada feminina reafirma questão que motivou exposição

Entre os núcleos que atestam a existência de seres humanos na região, bem antes da chegada dos portugueses – mote de toda a exposição que ocupa o Parque do Ibirapuera –, o que vai mais longe nessa questão tem como centro um crânio de mulher, carinhosamente apelidada de Luzia.

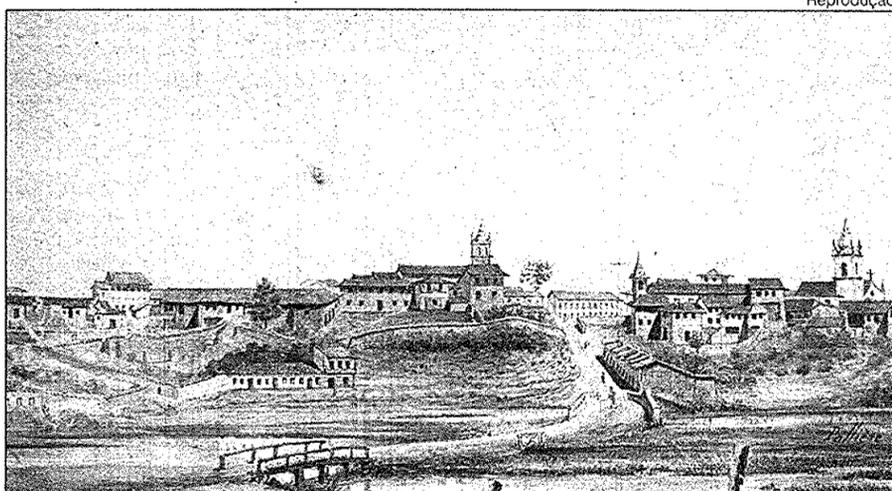
A *Primeira Descoberta da América* é o nome do segmento da exposição que cuida exclusivamente da relíquia antropológica que prova que a área hoje ocupada pelo Brasil, é ha-

bitada há mais de 12 mil anos.

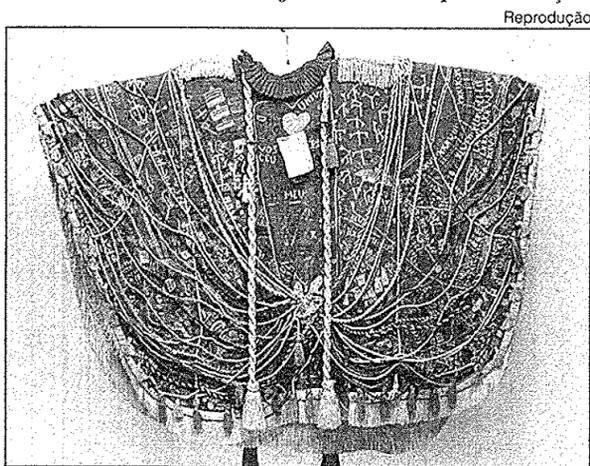
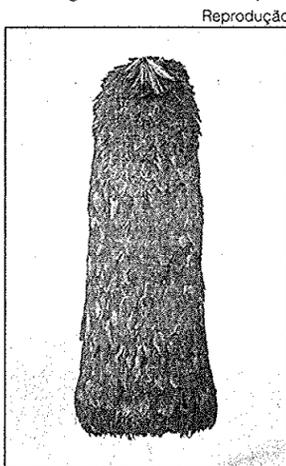
Luzia é o que se chama, na linguagem popular, de caveira. Mas essa velha ossada, datada do período chamado Pleistoceno, é uma das grandes pistas sobre a origem do primeiro homem nesta parte do planeta.

A teoria oficial é de que os índios, de origem asiática, teriam sido os primeiros habitantes. Essa seria a ocupação original, se provas como o crânio não mostrassem que, antes dessa viagem que trouxe o que hoje chamamos de mongóis pelo Estreito de Bering, já havia gente por aqui. E, segundo os estudiosos, eles eram, assim como Luzia, bastante parecidos com os australianos e africanos. (A.W.)

Ação Educativa organiza visitas de estudantes



'Paisagem de São Paulo', obra de Pallière está no catálogo direcionado para crianças



Mantos tupinambá e de Bispo do Rosário: aulas sobre as possíveis relações artísticas

Cerca de 600 mil crianças vão receber a atenção de 155 monitores no evento

Como costuma ocorrer com as grandes mostras realizadas no Parque do Ibirapuera, uma grande fatia do público é composta por estudantes. Para tanto, para alunos de escolas públicas e privadas, foi criada a Ação Educativa, programa que organiza visitas de escolas, sempre pela manhã (das 8 às 14 horas), para a *Mostra do Redescobrimento*, que será aberta terça-feira para o público; nos três pavilhões do parque.

Para atender o contingente de estudantes previsto para a edição - 600 mil crianças, de acordo com a previsão de Miriam Celeste, coordenadora do programa -, a organização vai colocar à disposição das excursões 155 monitores por manhã. Para marcar visitas, os professores ou responsáveis devem ligar para o telefone (011) 0800-780500. Para escolas particulares serão fechados pacotes de R\$ 6,00 por aluno. Alunos de escolas públicas não pagarão pelo ingresso. Pelo mesmo telefone, professores podem obter informações de como inscrever-se em cursos direcionados, que já estão sendo ministrados em unidades do Sesc, que apóia a Ação Educativa.

As turmas que visitarem a exposição ganharão catálogos voltados para o público infantil. Mas os visitantes que não são de escolas, que a mostra chama de público espontâneo, também podem utilizar os serviços de monitoria. Os ingressos para esses visitantes custam R\$ 7,00 (terça a sexta-feira) e R\$ 10,00 (sábados, domingos e feriados).

O pacote para a visita nos três pavilhões custa R\$ 10,00, de terça a sexta-feira, e R\$ 15,00, nos fins de semana. O preço do ingresso para o Cinecaverna é de R\$ 6,00. À tarde, as visitas podem ser realizadas entre as 14 e as 22 horas. Nos fins de semana, a mostra funciona das 9 às 22 horas para o público em geral.

Poderão pagar meia-entrada estudantes com a carteirinha, pessoas com mais de 60 anos e professores da rede pública de ensino portando holerite. À disposição de todo o público da Bial há 272 monitores por tarde de visita, três postos de informação (um em cada pavilhão), 20 tótems eletrônicos, 50 cadeiras de rodas para idosos ou deficientes físicos e 30 ônibus que atenderão, exclusivamente, às visitas de escolas públicas. Mais informações podem ser obtidas no site www.br500anos.com.br.

500 anos



O Guia Digital Estadão preparado para a *Mostra do Redescobrimento* terá edição triplicada. Cada um dos três pavilhões do Parque do Ibirapuera que recebem a exposição terá um CD próprio, com 60 minutos de duração, dividido em várias faixas. Serviço de orientação aos visitantes da exposição, o guia desta mostra contém, além das informações que descrevem cada obra das exposições que compõem a Bial, uma parte musical que conta com a participação de Naná Vasconcelos, de Ná Ozzetti, de Neylor Azevedo (Proveta), de Marcos Suzano, de Tuco Marcondes e do compositor Hélio Ziskind. Possivelmente, o serviço estará disponível ao público a partir do fim de semana que vem, o primeiro aberto ao público. O aluguel para visitação custará R\$ 2,00, para um único pavilhão, e R\$ 4,00, para os três pavilhões. Aos sábados e domingos, os preços sobem para R\$ 3,00 e R\$ 5,00. Assinantes do Estadão têm desconto de 50%.

PELO MUNDO

Segundo Edegar Cid Ferreira, presidente da Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais (ligada à Fundação Bienal de São Paulo), o difícil, atualmente, é definir com exatidão todos os lugares do mundo por onde a mostra passará depois do Brasil. "A cada dia, temos museus do mundo demonstrando interesse em receber a exposição", diz Ferreira. Já são 16 até agora.

Ele acaba de fechar contrato com o Museu Britânico e outras instituições em Oxford e Cambridge para a realização de diversas exposições de arte brasileira. Além da Grã-Bretanha, serão realizadas mostras em Buenos Aires, Nova York, Washington, Paris, Bordeaux, Lisboa, Porto e Bilbao, a partir de outubro de 2000.

Os 13 módulos da megaexposição, completos, só serão vistos em São Paulo. Outras 16 capitais brasileiras receberão segmentos da exposição, escolhidos pelas

instituições culturais locais. Já o roteiro itinerante das artes plásticas brasileiras pelo mundo é fruto do projeto de curadoria conjunta com museus internacionais. De acordo com o projeto, as exposições serão individualizadas: cada museu decide o que desejará exibir com base nas suas peculiaridades. O olhar estrangeiro é diferente: por meio da co-curadoria serão exibidas nos museus internacionais mostras que despertem o interesse do público local.

Os primeiros museus internacionais que vão receber as exposições são os argentinos. A partir de novembro, a mostra de arte barroca estará no Museo Nacional de Bellas Artes e a de arte contemporânea, no Museo de Arte Moderno. Em setembro de 2001, um panorama geral da exposição ocupará o Museu Guggenheim, em Nova York, e uma mostra de arte contemporânea estará no Museo del Barrio.

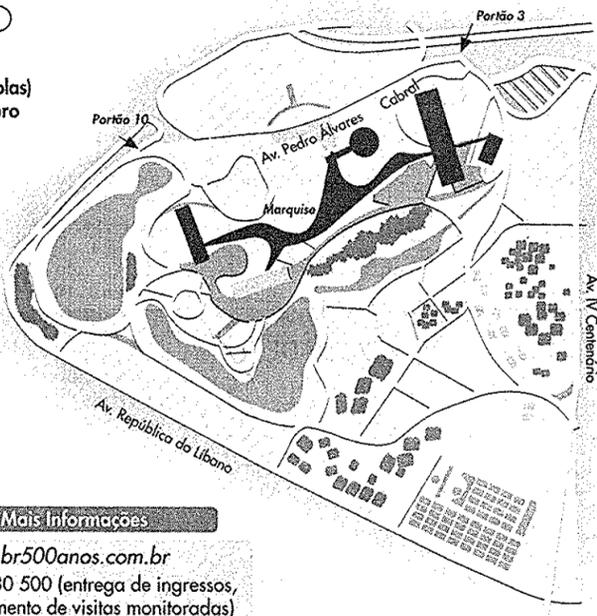
MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO

Parque do Ibirapuera
De terça a sexta, das 14h às 22h (manhãs reservadas para escolas) e fins de semana e feriados, das 9h às 22h. Até 7 de setembro

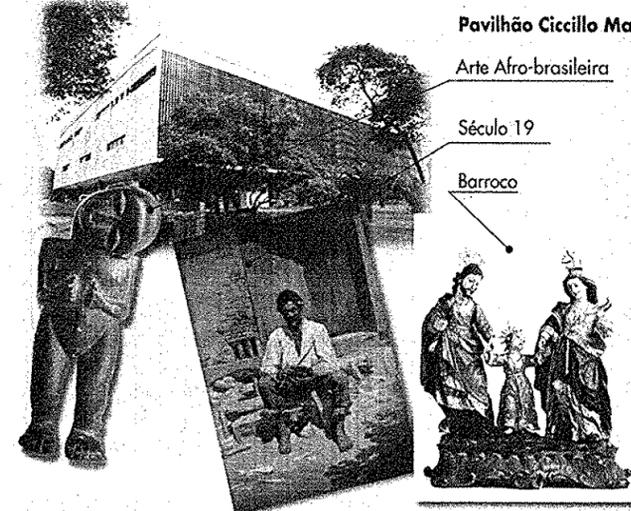
- Preço**
- De terça a sexta
R\$ 7 por pavilhão e R\$ 10 para visitar os três pavilhões no mesmo dia
 - Sábados, domingos e feriados
R\$ 10 por pavilhão e R\$ 15 (os três pavilhões)
 - Alunos de escolas particulares: R\$ 6
 - Escolas públicas: visita gratuita
 - Maiores de 60 anos, professores de escola pública (mediante apresentação de holerite) e estudantes pagam meia entrada
 - Assinantes de jornal e grupos de empresas com grupos de 30 pessoas ou mais terão 25% de desconto
 - Entrada para o Cine Caverna: R\$ 6

Mais informações

- www.br500anos.com.br
- 0800 780 500 (entrega de ingressos, agendamento de visitas monitoradas)

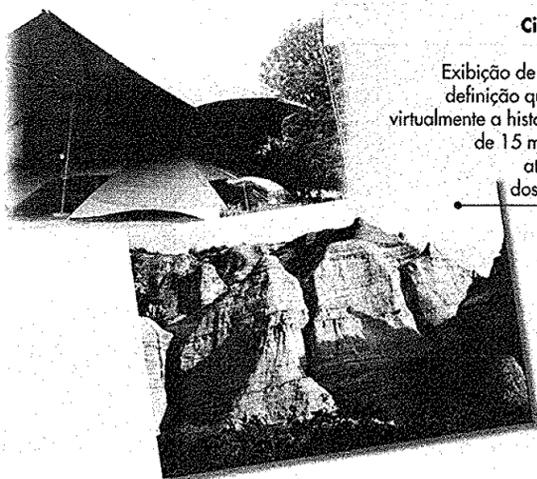


ONDE VER O QUÊ



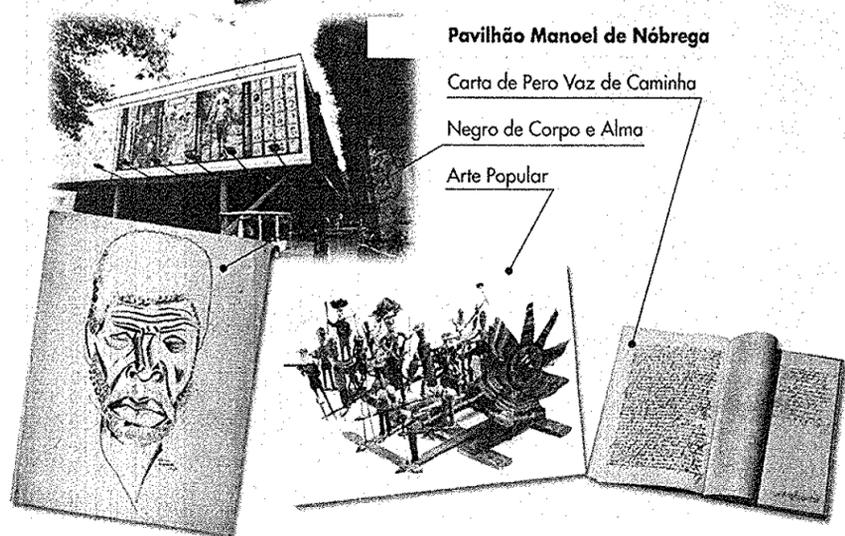
Pavilhão Cicillo Matarazzo

- Arte Afro-brasileira
- Século 19
- Barroco
- Olhar Distante
- Arte Moderna e Contemporânea
- Imagens do Inconsciente



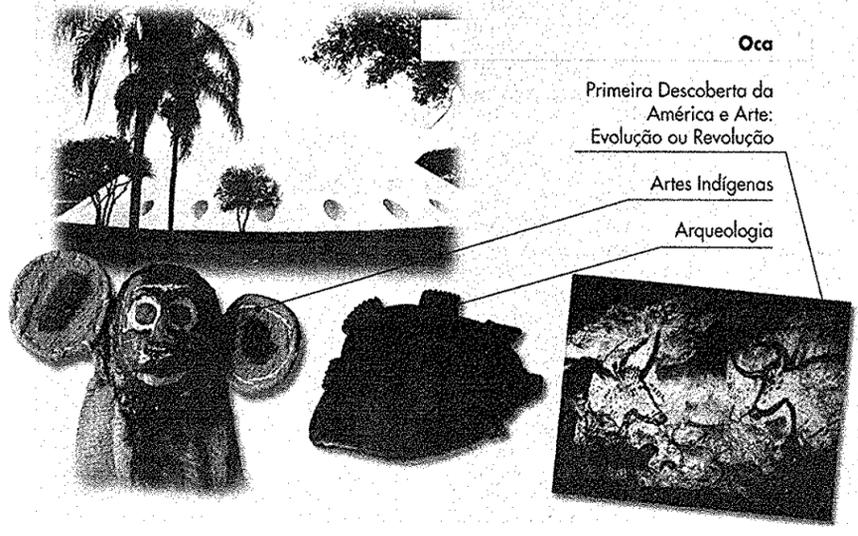
Cine Caverna

Exibição de filme de alta definição que vai contar virtualmente a história do Brasil de 15 mil anos atrás até a chegada dos portugueses



Pavilhão Manoel de Nóbrega

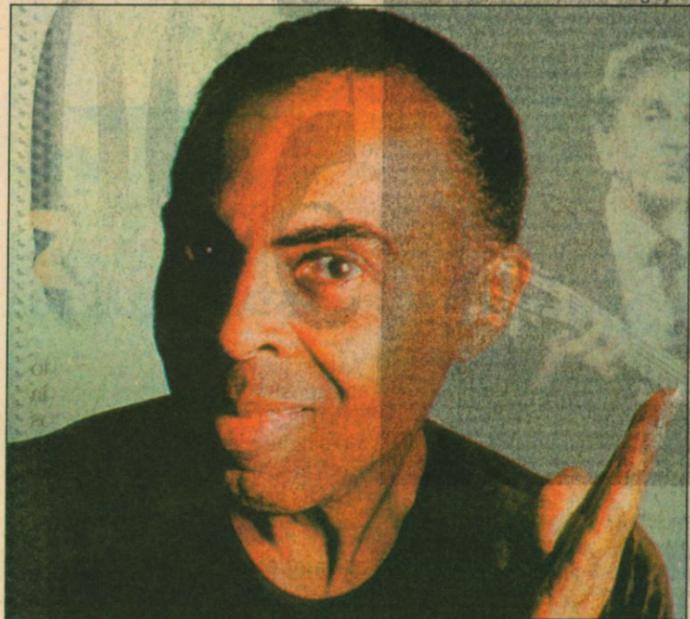
- Carta de Pero Vaz de Caminha
- Negro de Corpo e Alma
- Arte Popular



Oca

- Primeira Descoberta da América e Arte: Evolução ou Revolução
- Artes Indígenas
- Arqueologia

Portugal inteiro comemora o Descobrimento



Divulgação



Divulgação

Gilberto Gil: disco com a dupla Maria João e Mário Laginha. Virgínia Rodrigues: show no Coliseu, com Nuno Guerreiro

Haverá shows de música, dobres de sinos, flores nos monumentos, reproduções da carta de Pero Vaz de Caminha, exposições de artes plásticas e até ato de protesto em solidariedade aos índios

JAIR RATTNER

Especial para o Estado

LISBOA – A comemoração do Descobrimento do Brasil deverá ser notada por todos os que estiverem em Portugal. Na manhã de hoje, em todas as cidades, os monumentos ligados à história do Brasil vão amanhecer com ramos de flores. Seis jornais de vão trazer suplementos com a íntegra da carta de Pero Vaz de Caminha. Ao meio-dia, os sinos de todas as igrejas vão tocar a rebate, lembrando a data da chegada de Pedro Álvares Cabral à Bahia.

Em Lisboa, a comemoração deverá ter ritmos e sons brasileiros. No Parque das Nações – o local de lazer com maior número de visitantes da cidade –, a festa começa durante a tarde, com um trio elétrico animado pelo cantor baiano Netinho. Segue-se um espetáculo da Banda Eva e um show da dupla portuguesa Maria João e Mário Laginha, apresentando o disco *Choro Feliz*, gravado com Gilberto Gil, Lenine e a bateria da Mangueira. À meia-noite, haverá fogos de artifício e, depois, uma área do parque com dezenas de bares será batizada com o nome de uma rua de Porto Seguro: Passarela do Álcool.

No Coliseu, a mais antiga e tradicional casa de espetáculos da capital portuguesa, será possível ouvir a voz profunda da cantora brasileira Virgínia Rodrigues. A novidade é o fato de ela estar acompanhada em palco pelo falso-soprano português Nuno Guerreiro.

As televisões portuguesas vão acompanhar as comemorações em Porto Seguro. Três dos quatro canais vão transmitir seus telejornais ao vivo do local em que se acredita que chegou Cabral. Também anunciada como comemoração, a emissora SIC está transmitindo desde o dia 16 a série *A Muralha*, além de ter um repórter que desde o dia 9 envia diariamente reportagens sobre as comemorações no Brasil.

Em Santarém, a cidade portuguesa onde Cabral viveu de 1502 até sua morte, será apresentado um roteiro turístico, preparado para permitir aos visitantes conhecerem todos os monumentos que sobram da época em que o descobridor do Brasil lá vivia. Em algumas salas de cinema portuguesas haverá a estréia do filme brasileiro *Hans Staden*.

Mas não haverá só comemorações. O Bloco de Esquerda, um agrupamento político que reúne

trotsquistas, ex-maoístas, ex-comunistas e independentes, está preparando protestos apoiando as manifestações dos índios brasileiros. “Era para ser no dia 22, mas não conseguimos conjugar os calendários para trazer as personalidades. Devemos fazer alguns dias mais tarde”, afirma o deputado Francisco Louçã.

Mas as comemorações não vão ocorrer apenas no dia do descobrimento. Vão estender-se até dezembro e alcançar todas as regiões de Portugal. No dia 26, na vila de Belmonte – onde nasceu Cabral – haverá uma encenação com 500 figurantes vestindo roupas do século 16 e a estréia da obra musical *Sinfonia Pedro Álvares Cabral*, do português Luís Cipriano.

No dia 28, no Museu do Chiado, em Lisboa, será inaugurada uma exposição de pintores brasileiros ligados à Semana de Arte Moderna de 1922 – o evento que deflagrou o modernismo no Brasil.

Quatro dias depois, na Culturgest (o centro cultural da Caixa Geral de Depósitos, em Lisboa) vai abrir uma exposição de pintores contemporâneos, mostrando os caminhos comuns e as divergências na pintura atual de Portugal e do Brasil. Com o título *Um Oceano Inteiro para Nadar*, estarão expostos quadros de 37 pintores (23 brasileiros e 14 portugueses) e a grande atração será o quadro *A Primeira Missa do Brasil*, da pintora portuguesa Paula Rego.

“É a grande exposição do colonizador e do colonizado”, afirma Antônio Pinto Ribeiro, da Culturgest. “Hoje, os portugueses pouco conhecem do Brasil, ou dos vários Brasis, que têm uma presença cada vez maior no panorama internacional da arte”, diz. Ribeiro está em negociações para levar esta exposição para o Brasil no final do ano.

No mesmo dia, no auditório da Culturgest, vai ter lugar a estréia do novo espetáculo do nordestino Antônio Nóbrega, com o título de *O Marco do Meio-Dia*. “Vai ser um lado festivo, baseado no patrimônio cultural do Nordeste brasileiro”, diz Ribeiro.

A programação começou antes. No dia 13, foi aberta na Fundação Gulbenkian a exposição do trabalho do historiador norte-americano Robert Chester Smith, que no ano passado esteve no Brasil. “Para evitar a dobradinha Portugal-Brasil, a Fundação Gulbenkian está comemorando o descobrimento com um olhar estrangeiro”, afirma o brasileiro Dalton Sala, curador da mostra.

500 anos

ANTÔNIO NÓBREGA
ESTRÉIA EM LISBOA O ESPETÁCULO 'O MARCO DO MEIO-DIA'